

Biografias III

S. Boaventura

Legenda Maior (LM)
Legenda Menor (Lm)

Introduções: *Frei David de Azevedo, OFM*

Tradução: *Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM*

LEGENDA MAIOR (LM)

INTRODUÇÃO

«Igualmente determinamos que, a partir de todas as que existem, se redija uma boa legenda de S. Francisco». Esta a decisão do Capítulo Geral de Narbona, em 1260, de que resultou a redacção, por S. Boaventura, da Legenda Maior. Os acontecimentos que a antecederam e que se lhe seguiram foram já sumariamente recordados na Introdução Geral¹. Acrescentaremos aqui uma palavra sobre a tese que S. Boaventura escolheu para o seu livro, o plano em que a desenvolveu e a divulgação que o livro teve depois.

Tese do livro

A acusação mais pungente e injusta que os inimigos brandiam contra a Ordem era, sem dúvida, a de que Francisco e os seus eram o Anticristo. Exagero brutal provocado pelo entusiasmo explosivo de alguns frades, não tanto ao exagerarem as conformidades de Francisco com Cristo, mas ao assumirem atitudes de triunfalismo e de contestação contaminadas de joaquimismo². Contra tão odiosa calúnia, Fr. Boaventura propõe-se demonstrar que S. Francisco é um precursor de Cristo, não um substituto

¹ Além dos elementos da Introdução Geral às Biografias, cf. supra p. 185 ss. chamamos a atenção para: S. CLASEN, *S. Bonaventura S. Francisci legenda maioris compiler: AFH* 54 (1961), 241-272; 55 (1962), 3-58, 289-319; *Franziskus, Engel des sechsten Siegels. Sein Leben nach den Schriften des hl. Bonaventura* (Werl-Vestf. 1962); S. DA CAMPAGNOLA, *L'Angelo del Sesto Sigillo e l'Alter Christus* (Roma) 1971; L. IRIARTE, *La imagen de San Francisco tal como nos la delinea San Buenaventura: Naturaleza y Gracia* 21 (1974) 183-220; L. PELLEGRINI, *Il ruolo profetico di Francesco d'Assisi. Analisi sincronica del prologo della «Legenda Maior» v. Franciscanesimo e profezia*, pp. 153-187; *Introduzione a Opuscoli francescani I: Opera di san Bonaventura*, XIV-1, Roma, 1993, pp. 39-74.

² Em 1254 Fr. Gerardo de Borgo San Donnino (1276) publicava o livro *Introdução ao Evangelho Eterno* que, infiltrando na Ordem teses joaquimistas aticou e deu pretexto aos inimigos na sua sanha contra ela. As teses do livro foram condenadas em 1255. Fr. João de Parma, então Ministro Geral, foi enredado nos efeitos desta condenação.

deste. Não é a luz, mas «a testemunha da luz». É a «estrela da manhã». É o «arco-íris», anunciador do evangelho da paz. É o «anjo da paz» que prepara os caminhos do Senhor no deserto, com o exemplo e a pregação da penitência. É um serafim, cheio de espírito profético e de amor ardente, «arrebataado ao céu num carro de fogo»³.

Em todas estas imagens, duas figuras bíblicas estão presentes na mente do autor: João Baptista e Elias – ambos precursores de Cristo. Por isso, conclui ele, com toda a razão Francisco pode ser simbolizado «na figura do anjo que se levanta do Oriente, trazendo em si o selo de Deus vivo»⁴, um anjo precursor que precede a abertura do sétimo selo, o decisivo, de que dependem, segundo o Apocalipse, os acontecimentos finais.

Francisco é, pois, o anjo de sexto selo, um anjo precursor, o portador do selo de Deus vivente. Este selo é o Tau, «com que se assinalam na fronte os que gemem e choram»; é o hábito em forma de cruz; e é, sobretudo, a estigmatização «que o tornou semelhante ao Deus vivente, i. é, a Cristo Crucificado»⁵.

Duas coisas deverá, pois, o livro conseguir: demonstrar que Francisco pouco a pouco se tornou semelhante a Cristo Crucificado, e como tal foi divinamente selado com os sagrados Estigmas; e que, pela sua palavra e exemplo, foi um precursor de Cristo numa nova primavera de fervor evangélico – «exemplo de perfeição para os sequazes de Cristo»⁶.

Plano

Idealizada a tese, haveria que desenvolvê-la. No n.º 5 do Prólogo S. Boaventura apresenta detalhadamente o seu plano. Serão 15 capítulos. Nos primeiros quatro falará da conversão de Francisco e da fundação da Ordem. Nos restantes desenhará a figura

³ Imagens que S. Boaventura refere a S. Francisco no n. 1 do Prólogo.

⁴ LM Prol. 1.

⁵ LM Prol. 2. A importância da configuração com Cristo Crucificado para a tese do livro leva Boaventura a dar relevo especial às aparições do Crucificado ou da Cruz que, simbolicamente, deverão ser sete.

⁶ LM Prol. 2.

espiritual do Santo. Figura que é também itinerário. Com efeito, é patente o movimento. Desde a penitência, no capítulo 5, até à canonização, no capítulo 15, passando pela humildade e obediência, pelo amor à pobreza, pela piedade, pela caridade e desejo de martírio, pela virtude da adoração, pelo espírito de profecia e pela eficácia apostólica e taumatúrgica, nota-se uma ascensão permanente, que tem seus pontos mais altos na Estigmatização (cap. 13) e no Trânsito (cap. 14), consumando-se na canonização (cap. 15).

Quer a precisão da tese quer a naturalidade e encadeamento do plano, revelam a clareza e o arrumo que os temas tinham no pensamento do autor. S. Boaventura domina o seu objecto de trabalho. Sabe o que quer e como há-de consegui-lo. A esta clareza de pensamento juntar-se-á depois o ardor duma alma convencida e apaixonada e a arte dum grande escritor, que farão da sua obra não só uma exposição perfeita, mas emocionada, viva e bela.

Difusão

As primeiras 34 cópias da Legenda Maior foram executadas sob o controle do próprio S. Boaventura para serem entregues aos provinciais que iriam reunir-se em Pisa, no Capítulo Geral. Uma para cada Província. O capítulo de Paris, em 1266, exigiu uma para cada convento, que seriam na altura uns 1530. Compreende-se assim a extraordinária difusão desta legenda. Dos séculos XIII e XIV conservam-se ainda uns 400 manuscritos. Na imprensa, a primeira edição foi feita em Florença em 1509. A segunda, em Roma, em 1596. Os Bolandistas publicaram-na em 1768 nas Acta Sanctorum. A edição crítica foi curada pelos padres de Quaracchi e publicada, primeiro, em 1898, na Opera Omnia de S. Boaventura; e depois, após melhoramentos introduzidos pelo P. M. BIHL, graças a quatro manuscritos aparecidos posteriormente, na Analecta Franciscana⁷. Foi este texto que serviu de base à tradução que damos a seguir. Em português a Legenda Maior foi

⁷ AF XP. 537-626.

traduzida a primeira vez pelo P. DAVID DOS SANTOS VALENTE, Vida de S. Francisco de Assis por São Boaventura, segundo a Edição dos Bolandistas. Primeira tradução portuguesa, precedida duma breve notícia acerca de São Boaventura e seguida da História da Indulgência da Porciúncula e de três Cânticos de S. Francisco de Assis, Carnide 1889.

LEGENDA MAIOR DE S. FRANCISCO (LM)

PRÓLOGO⁸

1. ¹ Nestes últimos tempos *manifestou-se a graça de Deus, nosso Salvador*⁹, na pessoa do seu servo Francisco, a todos os homens verdadeiramente humildes e amantes da santa pobreza. Admirando a infinita misericórdia de Deus para com ele, são pelo seu exemplo incentivados a *renunciar* por completo à *impiedade e aos interesses mundanos*¹⁰, a pautar a sua vida pela de Cristo, e a suspirar ardentemente pelo reino da *felicidade e da esperança*¹¹.

² Por ter sido autenticamente *pobre e penitente*¹², é que *Deus o tratou*¹³ com tanta bondade e com tanto amor, a ponto não só de o *retirar da futilidade*¹⁴ da vida mundana, mas de o transformar em discípulo, arauto e pregador da perfeição evangélica, e de o guindar às alturas, *como farol para todos os crentes*¹⁵. Assim, *dando testemunho da luz*¹⁶, *preparou o caminho da luz e da paz pelo qual o Senhor chegaria ao coração dos seus fiéis*¹⁷.

³ Como estrela da manhã a despontar por entre nuvens,¹⁸ Francisco, resplandecendo pela claridade da vida e pelos fulgores da doutrina, com a sua refulgente irradiação encaminhou para a luz *os que viviam nas trevas e nas sombras da morte*¹⁹; ⁴ ou *como um arco-íris engalanando as nuvens*²⁰ e *testemunhando a aliança do*

⁸ S. Boaventura divide o seu prólogo em duas partes bem distintas. Os dois primeiros parágrafos constituem: uma síntese muito densa de toda a espiritualidade do livro. É a sua tese. Os parágrafos seguintes (3-5) indicam as motivações do autor, as suas fontes e plano que deu à obra.

⁹ Hb 1, 2; e Tt 2, 11.

¹⁰ Tt 2, 12.

¹¹ Tt 2, 13.

¹² Is 66, 2.

¹³ Job 36, 2.

¹⁴ 1Sam 2, 8.

¹⁵ Is 49, 6.

¹⁶ Jo 1, 7.

¹⁷ Lc 1, 76.

¹⁸ Ecl 50, 6.

¹⁹ Lc 1, 79.

²⁰ Ecl 50, 8.

Senhor²¹, *anunciou* aos homens *a boa nova da paz*²² e da salvação, ele que, ⁵ como arauto da verdadeira paz, foi por Deus chamado, à imitação do Precursor, a *preparar no deserto* deste mundo o *caminho*²³ da altíssima pobreza e a *pregar a penitência*²⁴ tanto pelo exemplo como pela palavra²⁵.

⁶ Cumulado desde o berço com dons extraordinários, enriquecido depois com méritos provenientes da sua inquebrantável virtude, e ainda *repleto do espírito* que animou os profetas, destinado a uma missão angélica e por isso abrasado de amor seráfico, *arrebataado ao alto num carro de fogo*²⁶ depois de subir todos os degraus da santidade²⁷, Francisco também veio a este mundo *com o espírito e o poder de Elias*²⁸ – toda a sua vida o demonstra à evidência.

⁷ Por isso, com toda a razão se pode afirmar que foi prefigurado por aquele Anjo que se elevava no oriente e levava o sinal do Deus vivo²⁹, segundo a profecia dessoutro *amigo do Esposo*³⁰, o Apóstolo e Evangelista S. João: ⁸ «*Depois de se abrir o sexto selo*

²¹ Gn 9, 13.

²² Ro 10, 15.

²³ Is 40, 3.

²⁴ Lc 24, 47.

²⁵ Pelas suas chagas – reprodução das chagas de Cristo – Francisco aparece como sinal de aliança e de paz, tal como o arco-íris no episódio do dilúvio. S. Boaventura insinua já aqui a missão pacificadora de Francisco – que será também a sua, como Ministro Geral da Ordem. Note-se a abundância de analogias e alusões bíblicas: Noé, Elias, João Baptista, estrela da manhã, anjo do sexto selo, etc...

²⁶ 1Sm 2, 11.

²⁷ Os graus da santidade são a *purificação*, a *iluminação* e a *perfeição* (via purgativa, via iluminativa e via unitiva). Escalando-os a todos, Francisco tornou-se o «*vir hierarchicus*», termo que aparece com frequência na LM, i. é, Francisco é um «hierarca», um participante da hierarquia celeste. S. Boaventura tem presente a sua doutrina da «tríplice via».

²⁸ Lc 1, 17.

²⁹ Segundo S. Boaventura, S. Francisco é simbolizado pelo segundo anjo portador do sinal do Deus vivo. O primeiro é Cristo. Como Cristo, também ele traz em si as marcas da cruz: os estigmas.

³⁰ Jo 3, 29.

– diz ele no Apocalipse – *vi subir do oriente um segundo anjo que trazia o sinal do Deus vivo*»³¹.

2. ¹ Para nos certificarmos de que este arauto de Deus, tão digno do amor de Cristo, de imitação nossa e de admiração do mundo, é realmente o servo de Deus Francisco, basta contemplar o auge de santidade a que chegou, e que lhe permitiu viver no meio dos homens com a pureza de vida de um anjo, e lhe mereceu ser proposto como modelo dos perfeitos seguidores de Cristo. ² Assim nos leva a pensar, antes de mais, a missão por ele desempenhada de *convidar a todos a chorar e a lamentar os seus pecados, a cortarem as cabeleiras e vestirem-se pobremente, a trazerem na frente o sinal da cruz*³², como símbolo de penitência, e até a usarem um hábito em forma de cruz. ³ Mas mais confirma ainda esta opinião, como testemunho irrefutável da verdade, *o selo que o transformou na imagem*³³ do Deus vivo, *do Cristo Crucificado*³⁴, – ⁴selo que lhe foi impresso na carne, não por forças da natureza nem por qualquer artifício, mas pelo poder admirável *do Espírito do Deus vivo*³⁵.

3. ¹ Por me sentir absolutamente indigno e incapaz de escrever a biografia de um varão tão insigne e tão digno de ser imitado, nunca eu a isso me atreveria, se não fosse o fervor e o afecto dos irmãos, ² a instigação unânime do Capítulo Geral e ainda mais a devoção que tenho para com meu Santo Pai, – ³ até porque ainda conservo bem vivo na memória que foi por sua intercessão e pelos seus méritos que eu, ainda menino, fui liberto das fauces da morte: se me esquivasse a testemunhar o seu louvor, com razão poderia

³¹ Ap 7, 2 – Como «anjo do sexto selo», Francisco é *enviado de Deus, arauto de Cristo, anjo do Senhor* (cf. infra 12, 12) para *marcar os eleitos com o Tau*. É, portanto, um precursor, não um substituto ou sucessor de Cristo: distinção muito importante para ilibar a Ordem das acusações de joaquimismo que lhe eram endereçadas pelo clero secular. (O *Tau* é uma letra hebraica em forma de cruz. Sobre a sua utilização para assinalar os eleitos, cf. Ez 9, 4; Ap 7, 2).

³² Is 22, 12; Ez 9, 4.

³³ Ez 28, 12.

³⁴ 1Co 2, 12.

³⁵ 2Co 3, 3.

ser acusado de ingrato. ⁴É esse, quanto a mim, o principal motivo que me leva a aceitar este trabalho: reconhecer que por intermédio dele e dos seus merecimentos Deus me conservou a vida do corpo e da alma. ⁵ Assim, sendo eu mesmo testemunha viva do seu poder, procurei reunir da melhor forma possível narrações das suas virtudes, dos seus actos e das suas palavras, como *fragmentos* em parte dispersos e em parte abandonados, para que esses ao menos não morram quando morrerem os que conviveram com o servo de Deus.

4. ¹No intuito de me informar o melhor possível e de transmitir aos vindouros a verdade histórica referente à sua vida, visitei os lugares onde o santo nasceu, viveu e morreu; com todo o cuidado recolhi testemunhos de companheiros seus ainda vivos, ²sobretudo de alguns que mais perfeitamente o compreenderam e lhe imitaram a santidade, dignos portanto de todo o crédito, não só por terem presenciado o que referiram, mas sobretudo por o confirmarem com a sua virtude³⁶.

³A fim de realçar as maravilhas que Deus se dignou realizar por intermédio do seu servo, achei por bem pôr de parte qualquer preocupação de estilo: o leitor piedoso aproveitará mais com uma descrição despretensiosa e simples do que com grande aparato estilístico. ⁴Também nem sempre segui a ordem cronológica, a fim de evitar confusões; preferi estabelecer relações naturais entre os acontecimentos, seguindo o critério da identidade do tema, umas vezes agrupando factos respeitantes ao mesmo assunto acontecidos em épocas diferentes, outras vezes separando episódios acontecidos na mesma época, mas respeitantes a assuntos diversos³⁷.

³⁶ Entre estas testemunhas oculares a que se refere S. Boaventura é de nomear particularmente o santo Fr. Gil, que foi um dos primeiros companheiros de S. Francisco e que S. Boaventura conheceu pessoalmente (cf. infra 3, 4).

³⁷ S. Boaventura apresenta o seu plano. Não seguirá uma ordem cronológica, mas sim uma série de temas ou virtudes. Este corpo temático, precedido da narrativa da conversão (cc. 1-4) e seguido da narrativa da morte (cc. 14-15) é constituído por três grupos de três capítulos: cc. 5-7: via purgativa (as virtudes ascéticas e a sua recompensa); cc. 11-13: via unitiva (os dons preternaturais, incluindo os estígmata). Diríamos: não se trata duma biografia, mas dum retrato. Mas um retrato dinâmico.

5. Para redigir esta biografia – o início da sua vida, os seus progressos e a sua consumação – dividi a matéria por quinze capítulos, como a seguir se enumeram:

- Capítulo 1* – A vida antes da conversão.
- Capítulo 2* – Conversão definitiva; restauração de três igrejas.
- Capítulo 3* – Fundação da Ordem e aprovação da Regra.
- Capítulo 4* – Evolução da Ordem sob a sua orientação e confirmação da Regra anteriormente aprovada.
- Capítulo 5* – Austeridade de vida e satisfações que as criaturas lhe proporcionavam.
- Capítulo 6* – Humildade, obediência e mimos de Deus para com ele.
- Capítulo 7* – O amor à pobreza e a admirável maneira como eram superadas as necessidades.
- Capítulo 8* – Arroubos de piedade e dedicação para com ele por parte de seres irracionais.
- Capítulo 9* – Fervor de caridade e desejo de martírio.
- Capítulo 10* – Empenho e força da oração.
- Capítulo 11* – Interpretação das Escrituras e espírito de profecia.
- Capítulo 12* – Eficácia da pregação e poder de cura.
- Capítulo 13* – Os estigmas.
- Capítulo 14* – Os sofrimentos e a morte.
- Capítulo 15* – Canonização e trasladação do corpo.

Não o itinerário cronológico, mas um itinerário espiritual. Nisto se vê imediatamente a profundidade do teólogo S. Boaventura.

CAPÍTULO I

A vida de S. Francisco antes da conversão

1. ¹ Havia na cidade de Assis um homem chamado Francisco. *A sua memória é abençoada*³⁸, porquanto Deus, *depois de o ter enriquecido de bênçãos preciosas*³⁹, misericordiosamente o retirou dos perigos deste mundo e o cumulou abundantemente de dons da graça. ² A idade juvenil, com efeito, passou-a no meio de frivolidades, em companhia de outros jovens igualmente frívolos. Depois de adquirir uma pequena bagagem literária, lançou-se à vida lucrativa do comércio. No entanto, com o auxílio do alto, nunca se deixou arrastar pela concupiscência da carne – apesar de viver no meio duma juventude libertina e de ter um feitio folgazão – nem por outro lado, apesar de interessado nos lucros, *se apegou ao dinheiro e às riquezas*⁴⁰, embora vivendo no meio de negociantes avarentos⁴¹. ⁴ No íntimo da alma do jovem Francisco notava-se de facto uma generosidade extrema para com os pobres, a qual constituía por certo uma dádiva do céu. Essa generosidade foi crescendo nele desde a infância, e acabou por enchê-lo duma tal bondade, que tomou a decisão – ele não era surdo quando se lia o Evangelho – ⁵ de nunca negar nada a quem lhe pedisse alguma coisa, sobretudo se lhe pedissem «por amor de Deus». Uma vez, no entanto, aconteceu que no meio da barafunda do negócio, mandou embora sem nada um pobre que lhe pedia esmola por amor de Deus. Nunca lhe acontecera uma coisa dessas! Caíndo em si, correu atrás dele, entregou-lhe uma rica esmola, e fez ao Senhor a promessa de nunca mais daí em diante recusar o que lhe pedissem por amor de Deus, desde que estivesse dentro das suas possibilida-

³⁸ Ecl 45, 1.

³⁹ Sl 20, 1.

⁴⁰ Ecl 31, 8.

⁴¹ Tomás de Celano (1C 2) para fazer ressaltar a obra da graça enegrece a conduta de Francisco antes da conversão. S. Boaventura, na sequência da *Legenda dos Três Companheiros*, dá-nos uma imagem mais nobre do jovem Francisco, que é de facto a mais verdadeira.

des. ⁶E cumpriu escrupulosamente essa promessa até à morte, tornando-se desta forma cada vez mais merecedor da graça e do amor do Senhor. ⁷Mais tarde, quando já completamente *revestido de Cristo*⁴², dizia que mesmo durante a vida mundana, não podia ouvir falar no amor de Deus sem se sentir profundamente comovido.

⁸Afabilidade, delicadeza, paciência, cortesia invulgar, generosidade que por vezes ultrapassava os próprios recursos, ⁹estas e tantas outras qualidades que já adornavam o jovem Francisco, eram o presságio duma mais abundante efusão da graça divina. ¹⁰Talvez por isso um homenzinho de Assis, simplório mas com certeza iluminado por Deus, quando casualmente pelas ruas da cidade se cruzava com ele, ¹¹tirava a capa e a estendia aos pés de Francisco, afirmando que ele ainda havia de ser um dia digno de todo o respeito, que não tardaria que ele viesse a realizar maravilhas e a merecer por isso a veneração de todos os fiéis.

2. ¹Nessa altura ainda Francisco ignorava os *desígnios de Deus*⁴³ a seu respeito. Absorvido, por ordem do pai, em negócios materiais, e inclinado a assuntos terrenos pela corrupção original da humanidade, ainda não aprendera a contemplar as realidades do alto nem se acostumara a saborear as coisas divinas. ²Mas como *o sofrimento costuma espevitar o espírito*⁴⁴, *a mão do Senhor desceu sobre ele e a dextra do Altíssimo transformou-o*⁴⁵, submetendo-lhe o corpo a uma prolongada doença, a fim de lhe dispor a alma para a união do Espírito Santo⁴⁶. ³Restauradas as forças, dispunha-se ele novamente à elegância no vestir, quando um dia encontrou um cavaleiro, nobre por nascimento mas pobre e mal vestido: ⁴compadecido com a penúria do homem, tirou as suas próprias roupas para o vestir, realizando assim uma dupla obra de caridade – tirar da vergonha um cavaleiro e da miséria um pobre.

⁴² Gl 3, 7.

⁴³ Jb 15, 8.

⁴⁴ Is 28, 19.

⁴⁵ Ez 1, 3; Sl 76, 11.

⁴⁶ S. Boaventura não diz palavra sobre a guerra contra Perúsia nem sobre o cativo de Francisco. Faz unicamente referência a «uma prolongada doença».

3. ¹ Na noite imediata, enquanto dormia, quis a bondade divina mostrar-lhe em sonhos um vasto e maravilhoso palácio todo adornado de armas marcadas com a Cruz de Cristo: dava-lhe assim a entender como iria ser maravilhosamente recompensada a sua generosidade para com o cavaleiro por amor do Rei supremo.

– ² A quem pertence tudo isto? – perguntou ele.

– A ti e aos teus soldados – foi a resposta do alto.

³ Incapaz como ainda era de compreender os mistérios de Deus e de passar das aparências visíveis às realidades invisíveis, convenceu-se, uma vez desperto, que este sonho estranho era o augúrio de uma grande prosperidade material. ⁴ Seduzido por essa ilusão, resolve ir para a Apúlia, a fim de se oferecer ao serviço de um nobre conde, na esperança de vir a conquistar, sob as suas ordens, essa glória militar que vira em sonhos. ⁵ Põe-se logo a caminho; mas ao chegar a uma cidade próxima⁴⁷, ouve, durante a noite, o Senhor a perguntar-lhe em tom muito familiar:

– Francisco, quem é que terá mais possibilidades de te ajudar? O senhor ou o servo? O rico ou o pobre?

⁶ A resposta de Francisco não podia ser outra:

– O senhor; o rico.

– Nesse caso, porque é que vais trocar o Senhor pelo servo, a riqueza de Deus pela pobreza do homem? – insistiu a voz divina.

– ⁷ *Senhor, que quereis que eu faça?*⁴⁸ – perguntou Francisco.

– *Volta para a tua terra*⁴⁹ – diz-lhe então o Senhor – porque isso que viste em sonhos tem um sentido todo espiritual, e há-de realizar-se contigo não por interferências humanas mas por disposições divinas.

⁴⁷ Espoleto, segundo os outros biógrafos. S. Boaventura fala «dum nobre conde», «*ad quendam liberalem comitem*». Trata-se, sem dúvida, de Gualter de Briena (cf. 1C 4 n.3).

⁴⁸ O jovem rico (Mt 19, 21s.) pergunta: «Senhor, que *é preciso* que eu faça?». Francisco dá uma referência pessoal à mesma pergunta: «Senhor, que *quereis* que eu faça?». Esta pequena diferença revela duas atitudes de espírito muito diferentes: numa o legalismo e noutra a relação de amor.

⁴⁹ Gn 32, 9.

⁸ Ao amanhecer, a toda a pressa volta para Assis, cheio de alegria e confiança. Começava a tornar-se um modelo de obediência: só estava à espera de conhecer claramente a vontade do Senhor.

4. ¹ Desde essa altura começou a pôr de parte a actividade dos negócios e a solicitar da clemência de Deus que se dignasse mostrar-lhe o que devia fazer. ² Com o hábito cada vez mais frequente de orar, depressa alcançou um tão veemente desejo do céu *e um tal desprezo das coisas da terra*⁵⁰, que julgou ter descoberto o *tesouro escondido*⁵¹; ³ e como bom negociante, *estava resolvido a vender tudo para comprar essa jóia preciosa*⁵². ⁴ O que ele ainda não sabia era como realizar tal sonho; a única certeza que nessa altura lhe parecia ter era que os negócios espirituais devem começar pelo desprezo do mundo, e que um soldado de Cristo deve começar por vencer-se a si mesmo.

5. ¹ Passeava ele certo dia a cavalo na planície que se estende abaixo da cidade de Assis, quando deparou com um leproso⁵³. Apanhado de surpresa, no primeiro instante sentiu-se horrorizado. ² Mas logo lhe acudiu à mente o propósito que fizera de uma maior perfeição, e que, se de facto pretendia transformar-se em autêntico *soldado de Cristo*⁵⁴, teria necessariamente de começar por vencer-se a si mesmo. Sem mais delongas salta do cavalo e corre a abraçar e beijar o pobrezinho. ³ O leproso lá estava de mão estendida como que solicitando uma esmola; Francisco dá-lhe a esmola e com ela um beijo. ⁴ Torna logo a montar a cavalo. Olha

⁵⁰ Ct 8, 7.

⁵¹ Mt 13, 44.

⁵² A parábola do mercador que tudo vende para adquirir a pedra preciosa marcou profundamente a alma de Francisco. Ressonâncias da sua vida de comerciante na juventude? É possível; mas mais provavelmente ainda, sensibilidade dum coração para sempre ferido pelo horror dum criminoso negócio: a venda que Judas fez de Jesus por trinta dinheiros.

⁵³ O beijo do leproso é a primeira experiência que Francisco recorda no seu *Testamento*. A concluir a lembrança que lhe ficou, diz, textualmente: «... ao afastar-me deles, o que antes me parecera amargo converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo. E dentro em pouco comecei a reflectir e saí do mundo» (T3).

⁵⁴ 2 Tm 2, 3.

em redor, a toda a volta. Não há nada que impeça a visibilidade. No entanto, o leproso já se não vê. ⁵Cheio de admiração e transbordante de alegria, põe-se a cantar louvores ao Senhor, fazendo o propósito de daí em diante tentar subir cada vez mais alto.

⁶Desde então começou a frequentar lugares solitários, mais propícios às lágrimas, onde pudesse mais persistentemente dirigir-se a Deus *com gemidos inefáveis*⁵⁵. E depois de muitas e instantes súplicas mereceu ser ouvido pelo Senhor.

⁷Um dia em que assim orava na solidão, e cheio de fervor estava todo absorto em Deus, apareceu-lhe o próprio Jesus Cristo pregado numa cruz. ⁸Perante essa visão ficou-lhe a *alma derretida de amor*⁵⁶, e tão profundamente se lhe imprimiu no espírito a memória da Paixão de Cristo, que, a partir desse momento, sempre que recordava os tormentos do Salvador, não conseguia reprimir as lágrimas e os suspiros, como ele mesmo declarou em conversa íntima pouco antes de morrer.

⁹É que, como verdadeiro homem de Deus, compreendeu que era a ele mesmo que se dirigia aquela frase do Evangelho: *Se queres seguir-me, renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me*⁵⁷.

6. ¹Daí em diante tentou aprofundar o espírito de pobreza, o gosto da humildade e a doçura da piedade. ²Dantes, não apenas a companhia de leprosos, mas até o simples facto de os ver, mesmo de longe, já o enchia de horror: agora, perfeitamente despreocupado de si mesmo, prestava-lhes todos os serviços possíveis, com extrema humildade e delicadeza, por amor de Cristo crucificado, que, segundo a expressão do Profeta, foi considerado desprezível *como um leproso*⁵⁸. ³Com frequência ia visitá-los aos lazaretos, distribuía por eles boas esmolas, e com todo o afecto lhes beijava as mãos e o rosto. ⁴Da mesma forma aos mendigos, não contente com lhes dar tudo quanto levava, desejava dar-se a si mesmo:

⁵⁵ Ro 8, 26.

⁵⁶ Ct 5, 6. – Celano e a *Legenda dos Três Companheiros*, omitem esta aparição, e, com eles, quase todos os biógrafos modernos.

⁵⁷ Mt 16, 24.

⁵⁸ Is 53, 3-4.

quando já não tinha mais que dar, dava as próprias roupas, vendo-se às vezes obrigado a descoser ou cortar peças para atender aos muitos pedidos. ⁵Também a sacerdotes mais necessitados, a quem dedicava especial respeito e veneração, ajudava, sobretudo com alfaías sagradas: assim se tornava de algum modo participante no culto divino e aliviava a miséria dos que tinham esse culto a seu cargo.

⁶Foi por esta época que fez uma piedosa peregrinação ao túmulo de S. Pedro. Ao ver às portas do templo uma multidão de mendigos, foi ter com eles, atraído não só por um sentimento de piedade, mas muito mais pelo seu incomparável amor à pobreza. E chamando à parte o que lhe parecia mais necessitado, entregou-lhe a roupa que levava vestida, e cobriu-se com os farrapos do mendigo. ⁷Assim passou todo esse dia completamente identificado com os pobres, com grande alegria de espírito. Desta forma tentava ir dominando os desejos de glória mundana, e pouco a pouco ia subindo os degraus da perfeição cristã. ⁸Não deixava de prestar atenção à mortificação da carne, para que a cruz de Cristo, que trazia no íntimo do coração, também se manifestasse exteriormente no corpo.

Tal era o teor da vida do servo de Deus Francisco, antes ainda de se separar do mundo.

CAPÍTULO II

Conversão definitiva. Restauração de três igrejas.

1. ¹Não tendo o servo do Altíssimo nenhum outro mestre que o orientasse senão a Cristo, o mesmo Cristo se dignou vir uma vez mais visitá-lo e trazer-lhe a doçura da graça. ²Certo dia saiu Francisco de casa para fazer a sua meditação no seio da natureza. Aconteceu passar junto à igreja de S. Damião. Era uma construção tão velhinha, que as paredes já ameaçavam ruína. Movido sem dúvida pelo Espírito, entrou para orar. Prostrado diante da imagem do Crucificado, enquanto orava sentia a alma a encher-se duma indizível consolação. ³Com os olhos banhados em lágrimas olhou para a cruz do Senhor, e ouviu com toda a clareza uma voz, que vinha do crucifixo, e repetiu três vezes: ⁴«Francisco, vai e repara a

minha casa, que como vês está toda a cair». Francisco fica ao mesmo tempo a tremer de medo e estarecido de espanto. Está sozinho na igreja. Ao som daquela voz estranha, sente penetrar-lhe até ao fundo do coração o poder imenso da palavra de Deus. Fica fora de si.⁵⁹ Quando mais tarde volta a si, está resolvido a obedecer, a dedicar-se por completo à tarefa de reconstruir essa igreja material. Só mais tarde é que perceberia – e contaria aos irmãos – que a igreja a que aquela voz se referia, era a *que Cristo resgatara com o seu sangue*⁵⁹, como o Espírito Santo depois lhe revelou.

⁶Lança logo mãos à obra. Fortalecendo-se com o sinal da cruz, vai ao armazém buscar umas peças de pano, dirige-se a galope à cidade de Folinho, aí vende tudo o que levava, e – pechincha inesperada! – consegue vender o próprio cavalo em que montava.

⁷Com o dinheiro assim obtido volta para Assis, entra respeitosa-mente na igreja que tinha por missão restaurar. Aí encontra o capelão, muito pobrezinho. Saúda-o respeitosamente e oferece-lhe o dinheiro para o conserto da igreja e para necessidades dos pobres, pedindo-lhe apenas que o deixe passar algum tempo junto dele.

⁸Quanto à convivência por uns tempos, o capelão concordou; não quis foi receber o dinheiro, por medo da família. E então, num gesto de absoluto desinteresse por dinheiro, Francisco atirou a bolsa para um canto duma janela, como se fora lixo.

2. ¹A permanência do servo de Deus em casa do capelão prolongava-se bastante. O pai de Francisco ia compreendendo o que se passava. Enfurecido, foi a casa do capelão. Francisco já tinha ouvido falar de ameaças e perseguições, e já pressentia que viriam procurá-lo. ²Sentindo-se um atleta de Cristo ainda muito pouco treinado, preferiu *deixar descarregar as iras*⁶⁰ e foi esconder-se num buraco qualquer. ³Aí permaneceu durante vários dias, pedindo incessantemente ao Senhor, no meio duma torrente de lágrimas, *que o livrasse das mãos dos que o perseguiam*⁶¹, e lhe permitisse por sua bondade realizar os piedosos desígnios que o

⁵⁹ Act 20, 18.

⁶⁰ Ro 12, 19.

⁶¹ Sl 30, 16.

mesmo Deus lhe inspirara. ⁴Deste modo se foi enchendo de alegria e de coragem. Começou a sentir que tinha sido fraco e covarde. Deixou o esconderijo e o medo e dirigiu-se resolutamente à sua cidade de Assis. ⁵Quando os seus concidadãos o viram, de rosto esquelético e mentalidade transformada, deram-no por demente e começaram a insultá-lo, arremessando-lhe lixo e pedras e tratando-o como a um louco. ⁶Mas o servo de Deus, impassível e inquebrantável, passava no meio das injúrias como se nada ouvisse. ⁷O burburinho chegou aos ouvidos de seu pai, que acorreu pressuroso, não para o defender, mas antes para o humilhar ainda mais: sem o menor sentimento de piedade arrastou-o para casa, fartou-se de lhe ralhar e bater, e por fim prendeu-o. ⁸Com isto ficou Francisco ainda mais resolvido e decidido a continuar o modo de vida que apenas começara, para o que lhe dava ânimo aquela frase do Evangelho: «*Ditosos os que sofrem perseguições por amor da justiça, pois desses é que será o reino dos céus*»⁶².

3. ¹Pouco tempo depois, seu pai teve de ausentar-se de Assis. E a mãe, que não concordava com o procedimento do marido e não tinha esperança de poder vergar a constância e inflexibilidade do filho, resolveu soltá-lo e deixá-lo ir embora. ²Francisco agradeceu a Deus e voltou para o lugar onde anteriormente tinha estado. Entretanto o pai regressou. ³Não encontrando o filho em casa, descompôs a mulher e correu, furioso, ao lugar onde supunha o filho, a fim de o tornar a trazer, ou, no caso de isso não ser possível, o expulsar da região. ⁴Francisco, agora já fortalecido com uma coragem sobrenatural, saiu ao encontro do pai enfurecido, e num tom de firmeza declarou que lhe era absolutamente indiferente a prisão ou o castigo corporal, e que por amor de Cristo estava *disposto a suportar tudo com alegria*⁶³. ⁵Vendo que não havia nada a fazer no sentido de o trazer para casa, tentou o pai ao menos recuperar o dinheiro. ⁶Não foi difícil encontrá-lo ao canto do postigo. Isso veio a acalmá-lo um tanto ou quanto, como se o beber dinheiro acalmasse a sede da avareza...

⁶² Mt 5, 10.

⁶³ Act 5, 41.

4. ¹ Mas não se contentou com isso, o pai carnal. Ao filho da graça divina, mesmo depois de já não ter dinheiro nenhum, quis obrigá-lo a comparecer diante do bispo, para ele renunciar solenemente a todos os direitos de herança e restituir qualquer coisa que pudesse ainda ter. ² Como sincero amante da pobreza, Francisco não hesita um momento. Apresenta-se diante do bispo, e sem a mínima hesitação nem dilação, sem que ninguém lhe diga nada e sem dar qualquer explicação, tira toda a roupa que trazia vestida, e vai entregá-la ao pai. ³ (Pode-se então ver como o homem de Deus, por baixo dos trajes normais, usava um cilício...). ⁴ Mas não ficou por aqui! Dominado por uma como que embriaguez de espírito⁶⁴, não hesita mesmo em despir as roupas interiores, ficando completamente nu diante de todos. Dirige-se então ao pai para lhe dizer:

– Até aqui, chamei-te meu pai aqui na terra; daqui para o futuro poderei dizer com segurança: «Pai nosso, que estais no céu»⁶⁵, pois a Ele confiei todo o meu tesouro e n’Ele depositei toda a minha confiança.

⁵ Perante esta cena comovente, o bispo, cheio de bondade e de piedade e de admiração perante um gesto tão sublime, não podendo reprimir as lágrimas, veio abraçá-lo com ternura e cobri-lo com a sua capa, e logo deu ordens para que trouxessem roupas para o vestir. ⁶ Ofereceram-lhe então a capa velha e puída dum jornaleiro que trabalhava para o bispo. Francisco aceitou-a, cheio de alegria. Depois, com um pouco de cal que pôde ter à mão, traçou nela uma cruz. Tal foi o trajo desse homem crucificado, desse pobre seminu ⁶⁶. ⁷ Foi assim que o servo do grande Rei foi posto nu, para poder imitar o seu Senhor, nu e crucificado, que tanto amava; ⁸ e foi assim também que ele adoptou a mesma cruz por

⁶⁴ A embriaguez de espírito é considerada por S. Boaventura como o quarto grau do amor de Deus, nestes termos: «Assim como o ébrio se despe sem pudor e não sente as pancadas que apanha, assim acontece com a alma nesta etapa». Embriagada de Deus, não só despreza os prazeres mundanos, mas vai mesmo até ao ponto de buscar trabalho e sofrimento por amor d’Aquele a quem ama. (*De Triplici Via*, Ed. BAC), p. 120.121.

⁶⁵ Mt 6, 9.

⁶⁶ Mais adiante, cap. VII, 2, como que em sobreposição, reaparecerão, com toda a vivacidade, as imagens desta cena do desnudamento, quando o Autor reproduzir os ensinamentos de S. Francisco sobre a pobreza.

emblema, a fim de confiar a sua alma ao madeiro da salvação e escapar, são e salvo, ao naufrágio do mundo⁶⁷.

5. ¹Liberto, enfim, este desprezador do mundo dos grilhões que ao mundo o podiam prender, Francisco, agora seguro e livre, sai da cidade em busca de um lugar solitário, para melhor poder escutar, no silêncio e na solidão, a comunicação misteriosa que esperava do Céu. ²Ia ele através de um monte, radiante de alegria, a cantar em francês os louvores do Senhor, quando dum esconde-rijo saíram uns ladrões para o assaltarem.

– ³Quem és tu? – perguntam-lhe com modos brutos.

– Sou o arauto do Grande Rei – responde o homem de Deus, sem perder a calma.

⁴Era uma resposta profética. Mas isso não obsteu a que se lançassem sobre ele e o arremessassem a uma cova cheia de neve, enquanto motejavam:

– ⁵Fica-te então para aí, seu labrego, arauto de Deus!

Quando eles desapareceram, Francisco saiu da cova, e mais jubiloso ainda e em voz ainda mais forte continuou a entoar através da floresta louvores ao Criador.

6. ¹Ali perto havia um mosteiro. Francisco foi lá pedir esmola como um mendigo⁶⁸. Atenderam-no; mas como o não conheciam, não lhe ligaram. ²Daí seguiu para Gúbio, onde foi reconhecido e albergado por um velho amigo, que lhe ofereceu uma tunicazita barata, como convinha a um pobrezinho de Cristo. ³Depois, na ânsia de mais exercitar a humildade, foi viver para junto de leprosos, servindo-os com toda a diligência por amor de Deus. ⁴Lavava-lhes os pés, tratava-lhes as chagas, limpava-lhes a podridão e o pus das feridas; ⁵num gesto de extrema devoção, chegava mesmo a beijar essas chagas asquerosas: estágio perfeito daquele que havia

⁶⁷ Ecl 14, 1-7.

⁶⁸ Francisco ter-se-ia visto na necessidade de recorrer aos restos e às lavaduras para se alimentar. Mais tarde o abade e os monges pediram-lhe desculpa desta desconsideração (cf. 1C 16). Tratar-se-ia do mosteiro de S. Veregundo, ao sul de Gúbio.

de vir a ser um *médico do Evangelho*⁶⁹. ⁶ Por isso, Deus lhe concedeu um tal poder sobrenatural, que lhe permitia curar milagrosamente quaisquer doenças, tanto corporais como espirituais. ⁷ Vou contar apenas um dos muitos casos que aconteceram – aliás um pouco mais tarde, quando a fama do homem de Deus já se espalhava por longe. ⁸ Um indivíduo do condado de Espoleto tinha a boca e o maxilar corroídos, numa chaga horrorosa. A medicina não encontrava remédio para o curar. ⁹ Ora, ao regressar duma peregrinação ao túmulo dos Apóstolos, onde fora implorar a sua intercessão para a cura desejada, aconteceu que esse doente se encontrou com Francisco. ¹⁰ Num ímpeto de devoção, quis beijar as pegadas que Francisco deixava impressas na terra. ¹¹ A humildade de Francisco não permitia uma coisa dessas; e então foi ele, Francisco, o servo dos leprosos, que num gesto sublime de amor lhe deu um beijo na boca chagada. E no momento preciso em que os seus lábios benditos tocaram aquela chaga horrorosa, a úlcera desapareceu instantaneamente e o doente recobrou a saúde que tanto desejava. ¹² Não sei o que mais admirar: se a profunda humildade dum beijo tão cheio de amor, se o poder maravilhoso dum milagre tão estupendo.

7. ¹ Uma vez estabelecidos os alicerces da humildade, como Cristo ordena, Francisco volta a recordar a intimação que lhe fora feita pelo crucifixo: o conserto da igreja de S. Damião. Obediente como desejava ser, regressa a Assis para executar o que a voz divina lhe mandara, nem que tivesse de para isso ir pedir esmola. ² Pondo de parte todo o sentimento de vergonha, por amor de Cristo pobre e crucificado, vai mendigar à porta daqueles com quem antes costumava viver faustosamente, e carregava aos ombros, debilitados pelos jejuns, as pedras que lhe davam.

³ Assim, com a ajuda do Senhor e o contributo piedoso dos seus concidadãos, não demorou muito a restauração da referida igreja. Uma vez terminado esse trabalho, para não desabituar o corpo da actividade, resolveu ir tratar da restauração doutra capela, a de S. Pedro, que ficava mais distante da cidade. Foi essa a esco-

⁶⁹ Lc 10, 30-37.

lhida, pela singular devoção que consagrava ao Príncipe dos Apóstolos, na autenticidade da sua fé⁷⁰.

8. ¹Uma vez reparada essa outra capela, veio para um local chamado «A Porciúncula». Havia aí um templo de construção muito antiga e dedicado à Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, mas estava abandonado e ninguém cuidava dele. ²Desolado com tal abandono, e impelido pela devoção fervente que consagrava à Senhora do mundo, começou Francisco a frequentá-lo com bastante assiduidade e bastante demora, no intuito de ir também procedendo à sua restauração. ³O nome por que era conhecida a igreja era de Santa Maria dos Anjos – com certeza, imaginava Francisco, por causa de frequentes aparições que aí haveria de anjos; e pela reverência que também aos anjos consagrava, mas muito especialmente pelo amor à Mãe de Cristo, resolveu fixar-se aí⁷¹. ⁴Foi este o lugar que mais amou, dentre todos os lugares do mundo: aí enctou o caminho da conversão, aí progrediu no caminho da virtude, aí atingiu o cume da santidade⁷²; por isso é que ao morrer recomendou especialmente aos Irmãos este lugar como mui querido da Virgem. ⁵Valerá a pena referir a visão que a respeito deste lugar teve um dia certo Irmão piedoso, antes da conversão. ⁶Viu ele, em volta desta igreja, uma grande multidão de pobres ceguinhos, de joelhos, com os rostos voltados para o céu e os braços erguidos. ⁷Todos com lágrimas e súplicas imploravam de Deus misericórdia e luz. ⁸E eis que do céu desceu um clarão que se espalhou por todos eles e a cada um deu a luz e a saúde desejada.

⁹É este o lugar onde Francisco, por inspiração e revelação divina, fundou a Ordem dos Frades Menores⁷³. ¹⁰Assim é que, por

⁷⁰ Esta devoção ao Príncipe dos Apóstolos é já um indício da fidelidade de Francisco à Igreja Romana, em contraste com tantos heréticos do seu tempo. Esta capela de S. Pedro ficara situada nos arredores de Rivotorto, e dela não resta nada em nossos dias.

⁷¹ A reparação das três igrejinhas abarca os anos de 1206 a 1208.

⁷² Alusão a três etapas da «tríplice via»: purificação, iluminação e perfeição; ou via purgativa, via iluminativa e via unitiva.

⁷³ «O caminho da conversão»; ou seja: a vida evangélica condensada no evangelho da missão dos discípulos, que ele ouvia na Porciúncula no dia 24 de Fevereiro de 1208, festa de S. Matias.

disposição da Providência de Deus que orientava todas as suas atitudes, o servo de Cristo procedeu à reparação material de três igrejas antes de fundar a Ordem e de começar a pregar o Evangelho: ¹¹e isto não apenas para ele ir subindo pouco a pouco das coisas materiais para as espirituais e das de menor importância para as mais importantes, mas ainda para manifestar em obras palpáveis e concretas (embora misteriosamente) o que haveria de realizar mais tarde. ¹²Pois à semelhança da renovação que ele deu aos três edifícios das igrejas materiais, também a Igreja-sociedade viria a ser renovada de três modos: pela forma de vida que ele fundou, pela Regra que escreveu e pela doutrina de Cristo que pregou; e viria a triunfar pelo tríplice exército de eleitos – as três Ordens por ele fundadas. Obra que hoje podemos ver já realizada.

CAPÍTULO III

Fundação da Ordem e aprovação da Regra

1. ¹Demorou-se Francisco algum tempo na igreja da Virgem Mãe de Deus, suplicando-lhe em constantes e contínuas preces que se dignasse ser sua protectora; e pelos méritos da Mãe de misericórdia, em casa daquela que concebeu o *Verbo cheio de graça e de verdade*⁷⁴, concebeu ele e deu à luz o espírito da verdade evangélica⁷⁵. Vejamos como isso se passou. ²Assistia ele um dia com toda a devoção à missa dos Apóstolos. O texto do Evangelho era aquele em que Cristo envia os discípulos a pregar e lhes ensina a forma de vida evangélica: *nada de ouro nem de prata, nem dinheiro nas algibeiras, nem saco de viagem, nem mudas de roupa, nem calçado, nem pau para se apoiarem ou defenderem*⁷⁶. ³Ele ouviu e

⁷⁴ Jo 1, 14.

⁷⁵ Francisco convertera-se a Cristo. Consagrara-se também ao serviço da Igreja. Mas não tinha uma «forma de vida». Foi esta que o Senhor lhe revelou, por intercessão de Maria, na capelinha da Porciúncula, a Maria dedicada. Maria está, portanto, no nascimento da vida evangélica franciscana.

⁷⁶ Mt 10, 9.

compreendeu⁷⁷, e nunca mais esqueceu. Amante como era da pobreza apostólica, rejubilou de alegria e disse logo para consigo: «Cá está o que eu pretendo! É isto o que eu desejo de toda a minha alma!»⁴ E sem mais delongas descalça os sapatos, arruma o cado, desfaz-se da carteira e do dinheiro, conserva apenas uma túnica, atira fora o cinto, substituindo-o por uma corda; empenha-se por completo em realizar o que acabara de ouvir e em conformar-se em tudo a esse código de perfeição dado aos Apóstolos.

2. ¹ Daí em diante começou o homem de Deus não só a procurar viver ele mesmo a perfeição evangélica, mas ainda, por inspiração divina, a convidar outros a abraçarem a vida de penitência. ² As palavras que nesse sentido lhes dirigia não eram vãs nem ridículas: pelo contrário, impregnadas da força do Espírito Santo, penetravam até ao fundo dos corações e maravilhavam a quantos o ouviam. ³ Toda a sua pregação era um anúncio de paz; começava sempre os sermões com esta saudação ao povo: «*O Senhor vos dê a paz!*»⁷⁸. ⁴ Foi por uma revelação do Senhor, declarou ele mais tarde, que aprendeu esta fórmula. ⁵ Segundo a expressão do Profeta, também ele, que igualmente foi adornado do dom da profecia, *anunciou a paz, pregou a salvação*, ⁶ e com oportunas intervenções *reconciliou na verdadeira paz a muitos que, andando longe de Cristo, também se encontravam longe da salvação*⁷⁹.

3. ¹ Cada vez se falava mais do homem de Deus, da sua doutrina simples, da sua vida singela; o seu exemplo começou a animar alguns à penitência. Abandonavam tudo e juntavam-se a ele, usando o mesmo hábito e compartilhando a mesma vida. ² O primeiro de todos foi um senhor respeitável, chamado Bernardo, que, *ouvindo o chamamento de Deus*⁸⁰, mereceu ser o filho primogénito do nosso Bem-aventurado Pai – primogénito não só em questão de

⁷⁷ Celano (1C 21) informa-nos que Francisco pediu primeiro ao sacerdote que lhe explicasse bem a passagem do Evangelho que acabara de ouvir.

⁷⁸ 2Ts 3, 16; Jo 14, 27. Diz com efeito S. Francisco no *Testamento*: «Esta saudação me revelou o Senhor que disséssemos: *O Senhor te dê a paz*» (T 23).

⁷⁹ Is 52, 7. S. Boaventura volta a sublinhar a missão pacificadora de Francisco.

⁸⁰ Heb 3, 1.

tempo, mas ainda em santidade. ³Quando se inteirou da santidade do servo de Cristo, decidiu-se também, segundo o seu exemplo, a abandonar por completo o mundo, e foi ter com o santo, pedindo-lhe o seu conselho sobre a melhor maneira de o fazer. Este pedido constituiu para ele um grande conforto espiritual, por se tratar do *primeiro filho* que lhe vinha.

— ⁴A Deus — respondeu Francisco — só a Deus é que devemos pedir conselho.

⁶No dia seguinte pela manhã foram à igreja de S. Nicolau, e depois de terem orado, Francisco abriu por três vezes o livro dos Evangelhos (também era devoto da Santíssima Trindade) pedindo a Deus que confirmasse, com três textos, o propósito de Bernardo.

⁷Ao abrir o livro pela primeira vez, deparou com o versículo: «*Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, e dá-o aos pobres*»⁸¹. ⁸Pela segunda vez, saíram estas palavras: «*Não leveis nada para a viagem*»⁸². E pela terceira vez, estouras: «*Quem quiser ser meu seguidor, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*»⁸³. — ⁹Aqui temos — diz o santo — a Regra de vida para nós e para todos quantos desejem viver connosco. ¹⁰Se tu, Bernardo, *queres ser perfeito*, vai e põe em prática tudo o que acabas de ouvir⁸⁴.

4. ¹Não tardou que mais outros cinco respondessem ao apelo do mesmo Espírito, atingindo os filhos de Francisco o número de seis. ²O que ocupou o terceiro lugar foi o santo padre Gil⁸⁵, um homem autenticamente cheio de Deus e digno de ser lembrado.

³Como Francisco predissera dele, com o andar dos tempos e com a

⁸¹ Mt 9, 21.

⁸² Lc 9, 3.

⁸³ Mt 16, 24.

⁸⁴ Estes três textos constituem o primeiro esboço da Regra franciscana. Três traços que apontam a interpretação franciscana do Evangelho. Do segundo fizeram os «Espirituais» cavalo de batalha nas suas lutas contra a «Comunidade». Mas sem razão. Fixaram-se na letra. O cerne da pobreza franciscana está para além das exigências deste texto evangélico. É a identificação com o Crucificado. S. Boaventura viu mais fundo do que eles.

⁸⁵ Morto em Perúsia a 22 de Abril de 1262. S. Boaventura ainda pôde falar com ele e colher dele informações sobre os primeiros tempos franciscanos.

prática das mais sublimes virtudes, chegou ao cume da mais alta contemplação, apesar de ser muito simples e sem cultura. ⁴Com efeito, ocupando-se por largos anos persistentemente na contemplação das coisas celestes⁸⁶, era tão frequentemente arrebatado em êxtase, – ⁵como eu mesmo pude observar – que a vida que levava entre os homens mais parecia angélica que humana.

5. ¹Foi também por esta época que um respeitável padre de Assis, chamado Silvestre, teve uma visão que não quero deixar de referir. ²Vendo as coisas sob um prisma demasiadamente humano, não concordava com o modo de vida de Francisco e de seus Irmãos. Mas foi visitado pela graça do alto, para não ser vítima de sua falsa opinião. ³Viu ele em sonhos a cidade de Assis toda cercada por um *enorme dragão*⁸⁷, que, de tão monstruoso, parecia ser capaz de destruir toda a região. ⁴Mas logo em seguida apareceu uma cruz de ouro como que a sair da boca de Francisco: o cimo dessa cruz chegava ao céu, e os braços estendiam-se até às extremidades da terra. Mal essa cruz começou a refulgir, logo o dragão sanguinário e terrível fugiu para sempre. ⁵O sonho repetiu-se três vezes; o que o levou a concluir que se tratava de uma manifestação divina, e veio contá-lo com todos os pormenores ao homem de Deus e aos Irmãos. Pouco depois abandonou o mundo, e foi tão perseverante em seguir os passos de Cristo, que a sua vida na Ordem confirmou como autêntica essa visão que tivera no mundo⁸⁸.

6. ¹Ao ouvir a narração deste sonho, Francisco não se deixou dominar por qualquer sentimento de vaidade. Viu nisso apenas uma nova manifestação da bondade de Deus para com ele, e ainda se empenhou mais profundamente em combater os ardis do antigo

⁸⁶ S. Boaventura emprega o termo «sursumactio»: ser a alma elevada acima das coisas e de si mesma e arrebatada para Deus não pelo seu esforço ascético, mas por acção de Deus (Lexicon Bonaventuriano, em S. BOAVENTURA, OBRAS 3 (ED. BAC, 1974) p. 773.

⁸⁷ Dn 14, 22.

⁸⁸ A entrada dum sacerdote no grupo de Francisco demonstra que nele podiam ser admitidos tanto leigos como sacerdotes, com a condição de que aceitassem a sua forma de vida e dela fizessem o objectivo principal da sua vocação.

inimigo e em proclamar a glória da cruz de Cristo. ²Um dia, na solidão, pôs-se a *repassar pela mente* e a deplorar *com amargura*⁸⁹ os anos transactos. Mas logo se sentiu cheio da alegria do Espírito Santo, e da certeza de que os seus pecados tinham sido completamente perdoados. ³Depois, arrebatado a um mundo superior e absorto numa luz admirável, como que se lhe dilatou o entendimento, e pôde ver com toda a nitidez a sua própria história futura, bem como a de seus filhos. ⁴Então foi ter com os Irmãos e disse-lhes:

– *Coragem, meus filhos, alegrai-vos no Senhor*⁹⁰! Não vos preocupeis com o facto de serdes poucos, ou de eu ser um pobre homem e vós também... ⁵O Senhor acaba de me mostrar, duma forma que não dá lugar a dúvidas, que Deus nos há-de fazer crescer até sermos uma enorme multidão, e pela graça da sua bênção nos multiplicará constantemente⁹¹.

7. ¹ Por essa altura ingressou na Ordem mais um outro candidato, subindo assim a sete o número de filhos do servo de Deus. ²Então o piedoso Pai reuniu-os a todos, falou-lhes demoradamente do reino de Deus, do desprezo do mundo, da renúncia à vontade própria e da mortificação corporal, e anunciou-lhes o projecto de os enviar às quatro partes do mundo. ³Já *dera à luz sete filhos*, ele, um pobre-homem *simples e estéril*⁹²; agora queria gerar para Cristo Senhor toda a multidão dos fiéis, convidando-os à penitência.

– ⁴Ide – ordenou ele com doçura aos seus filhos – ; ide anunciar a paz aos homens, e *pregar-lhes a penitência para a remissão dos pecados*⁹³. ⁵Sede pacientes nas tribulações, vigilantes na oração, activos no trabalho; nada de afectação nas palavras, nada de levandade no procedimento; e mostrai-vos reconhecidos por todos

⁸⁹ Is 38, 15.

⁹⁰ Ef 6, 10.

⁹¹ A visão de Fr. Silvestre faz lembrar a escada de Jacob (Gn 28, 12). Na continuação dessa reminiscência vem a alusão à descendência incontável, ou seja, ao crescimento.

⁹² 1Sm 2, 5.

⁹³ Mc 1, 4; Lc 3, 3.

os benefícios que vos façam. Se cumprirdes este programa, será vosso o reino de Deus.

⁶E eles, prostrando-se humildemente por terra diante do servo de Deus, receberam, cheios de alegria espiritual, esse mandato de santa obediência, enquanto ele se dirigia a cada um com estas palavras:

– ⁷*Entrega ao Senhor todos os teus cuidados, que Ele se encarregará de ti*⁹⁴.

⁸Era esta a sua frase habitual, sempre que ordenava a um Irmão que fosse fazer qualquer coisa.

⁹Ele mesmo, consciente de que devia ser um modelo dos demais e devia *começar por agir antes de falar*⁹⁵, em companhia de um dos Irmãos se foi na direcção de um dos quatro pontos cardeais; os outros seis Irmãos, em grupos de dois, tomariam as outras três direcções da rosa-dos-ventos, abrangendo assim com uma imensa cruz a terra inteira. ¹⁰Não tardou muito, porém, que o extremoso Pai sentisse saudades dos filhos amados. Não sabendo como poder convocá-los, pediu ao Senhor que os reunisse, ao Senhor *que reúne os filhos dispersos de Israel*⁹⁶. ¹¹E assim aconteceu que, pouco tempo depois, sem terem sido convocados por quem quer que fosse, mas apenas por uma disposição da bondade de Deus, inesperadamente se encontraram de novo reunidos, com grande espanto de todos, como Francisco desejava.

¹²Nessa altura juntaram-se-lhes mais quatro companheiros, atingindo o total o número de doze.

8. ¹Vendo assim a aumentar pouco a pouco o número dos Irmãos, resolveu o servo de Deus escrever, para si e para eles, em termos muito simples, um programa de vida que tivesse como elemento fundamental e indiscutível a observância do Evangelho, acrescentando apenas alguns pequenos pormenores necessários a uma uniformidade de vida. ²Também queria que esse programa de vida fosse aprovado pelo Sumo Pontífice⁹⁷. Nesse intuito, confiado

⁹⁴ SI 54, 23.

⁹⁵ Act 1, 1.

⁹⁶ SI 146, 2.

⁹⁷ Mais uma atitude que distingue bem Francisco dos contestatários de então.

apenas na direcção da Providência, resolveu dirigir-se pessoalmente à Santa Sé, em companhia do seu grupo de Irmãos. ³ *Do alto dos Céus Deus via com bondade este desejo*⁹⁸; mas como os irmãos se mostravam extremamente perturbados na sua simplicidade, o mesmo Senhor lhes deu coragem com uma visão que proporcionou a S. Francisco. ⁴ Ia ele por um caminho, quando deparou com uma árvore duma altura extraordinária. ⁵ Aproximou-se para melhor contemplar aquela planta gigantesca. E sentiu-se de repente a ser elevado ao alto, por uma força divina, de modo que com toda a facilidade pôde chegar ao cimo dessa árvore e vergá-la até ao chão. ⁶ Cheio do espírito de Deus como era, compreendeu Francisco que esta visão era um presságio da condescendência da Sé Apostólica. Ficou radiante, foi contar isto aos Irmãos para os encorajar no Senhor, e pôs-se a caminho com eles.

9. ¹ Tendo chegado à Cúria Romana, foi apresentado ao Sumo Pontífice, a quem expôs o seu propósito, e pediu-lhe, humilde e instantemente, se dignasse aprovar a mencionada Regra de vida⁹⁹. ² Era Vigário de Cristo o Senhor papa Inocêncio III. Inteligente e perspicaz, não tardou a descobrir a pureza de intenção desse homem simples, o fervor do seu empenho santo, a constância do seu propósito. E mostrou-se disposto a conceder a aprovação solici-

⁹⁸ Lc 1, 78.

⁹⁹ Ao texto de S. Boaventura foi aqui acrescentado mais um parágrafo por Fr. Jerónimo de Ascoli, Ministro Geral da Ordem e mais tarde Papa, sob o nome de Nicolau IV, que do que narra recebera notícia do Cardeal Ricardo de Annibaldis, parente de Inocêncio III. Diz assim: «Chegado a Roma, Francisco foi admitido à presença do Sumo Pontífice. Encontrava-se o Vigário de Cristo no palácio de Latrão, na sala dita do Espelho, mergulhado em profunda reflexão. Aborrecido, despachou bruscamente o servo de Deus a quem não conhecia. Saiu este humildemente. Na noite seguinte teve o Pontífice uma visão: via nascer dentre os seus pés um arbusto que crescia, crescia e se tornava uma árvore lindíssima. Dava voltas ao pensamento para descobrir o sentido da visão, quando Deus lhe veio em auxílio, fixando-lhe na ideia que aquele arbusto era o tal pobre que no dia anterior repelira. Na manhã seguinte manda os seus criados à cidade à procura do pobrezinho, a quem foram encontrar perto de Latrão, no hospital de Santo Antão. Fâ-lo introduzir imediatamente...» (Segue o texto como no início do n.º 9: Tendo chegado, etc). O hospital de Santo Antão encontrava-se entre o aqueduto e a actual igreja de S. Pedro e Marcelino.

tada. ³No entanto, achou mais prudente adiar o despacho, porque alguns Cardeais eram de opinião que o tal programa de vida, além de um tanto ou quanto insólito, era duro demais para as forças humanas. ⁴Aconteceu, porém, que entre os Cardeais presentes estava um muito venerável, que apreciava imenso toda e qualquer manifestação de santidade e ajudava a todos os pobres de Cristo: era o Senhor D. João de S. Paulo, bispo de Sabina. Inflamado pelo Espírito divino, tomou a palavra e disse ao Sumo Pontífice e aos seus Irmãos¹⁰⁰: ⁵«Este pobrezinho só vem pedir que lhe confirmem uma forma de vida evangélica. Se rejeitamos o seu pedido, sob pretexto de ser inédito ou difícil de cumprir, podemos ir contra o Evangelho de Cristo. ⁶Afirmar que em praticar a perfeição evangélica há qualquer coisa de inédito, ou de extravagante, ou de impossível, é blasfemar contra Cristo, autor do Evangelho»¹⁰¹.

⁷Então o sucessor de Pedro voltou-se para o pobre de Cristo e disse-lhe:

– Vai, meu filho, pedir a Cristo que por teu intermédio me mostre a sua vontade. Quando eu a conhecer, anuirei aos teus piedosos desejos.

10. ¹Embrenhou-se então todo em oração o servo do Omnipotente, e por meio de piedosas preces conseguiu saber o que ele mesmo havia de dizer e o que o Papa havia de sentir. ²Pôs-se a contar, como Deus mesmo lhe ensinara, a parábola de um rei muito rico que casara com uma mulher extremamente bela mas muito pobre, e cujos filhos eram tão parecidos com o pai, que este decidiu que fossem educados no seu palácio. ³E acrescentou: «Não há que recear que morram de fome os filhos e herdeiros do Rei Eterno! Tal como Cristo Rei, que nasceu de uma Mãe pobre por obra do Espírito Santo, também eles vão ser gerados numa Ordem pobre pelo espírito de pobreza. ⁴Se o Rei dos Céus prometeu *um*

¹⁰⁰ Isto é, aos outros cardeais.

¹⁰¹ A Regra franciscana começa precisamente com as palavras: «A regra e vida dos frades menores é esta: observar o Santo Evangelho de N. S. Jesus Cristo...» e, no *Testamento*, o santo diz: «O mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho» (T 14).

*reino eterno*¹⁰² àqueles que o imitam, como não há-de ele dar-lhes essas coisas banais que dá *a bons e maus*?¹⁰³»

⁵O Vigário de Cristo prestou toda a atenção à parábola e à sua interpretação; ficou surpreendido e não duvidou de que era Cristo quem falava pela boca daquele homem. ⁶Também ele nessa altura tinha tido uma visão do céu, e agora compreendia, por inspiração do Espírito Santo, que ela devia dizer respeito exactamente àquele homem. ⁷Vira em sonhos a Basílica de Latrão a ameaçar ruína, e um pobrezito, pequeno e de aspecto miserável, deitando-lhe os ombros para que não caísse¹⁰⁴.

– ⁸Ora aqui está, – diz ele – aquele que pela sua acção e pela sua doutrina irá sustentar a Igreja de Cristo.

⁹E com todo o gosto acedeu a quanto Francisco suplicava, além de lhe dedicar daí em diante uma afeição muito especial. Não só lhe concedeu tudo o que fora pedido, mas prometeu conceder-lhe ainda muito mais. ¹⁰Aprovou-lhe a Regra, deu-lhe o mandato de pregar a penitência, e mandou fazer a coroa a todos os Irmãos leigos que tinham acompanhado Francisco, a fim de poderem pregar a palavra de Deus livremente¹⁰⁵.

CAPÍTULO IV

Evolução da Ordem sob a orientação de Francisco. Confirmação da Regra anteriormente aprovada.

1. ¹Apoiado agora Francisco na graça do alto e na autoridade do Papa, com toda a confiança se dirigiu para o vale de Espoleto, para aí *viver e pregar*¹⁰⁶ o Evangelho de Cristo. ²Pelo caminho ia

¹⁰² Mt 19, 28.

¹⁰³ Mt 19, 28.

¹⁰⁴ Os dominicanos, por seu lado, apresentam como protagonista deste sonho do Papa a S. Domingos (E. GEBHART, *La vieille Église*, Paris 1910, p. 79).

¹⁰⁵ Esta coroa ou tonsura constituía-os na Ordem dos clérigos e subtraía-os à jurisdição dos príncipes seculares. Na Idade Média os estratos ou classes sociais eram muito definidos, mesmo no plano jurídico. A palavra «Ordem» emprega-se também para os designar.

¹⁰⁶ Act 1, 1.

falando com os companheiros sobre a maneira de observarem com inteira fidelidade a Regra que acabavam de receber; sobre como deviam viver em toda a justiça e santidade aos olhos de Deus¹⁰⁷; sobre como se santificarem a si próprios e servirem de exemplo aos outros. ³A conversa foi demorada e as horas iam passando. Cansados pela longa etapa da caminhada e sentindo fome, resolveram parar. ⁴Mas o lugar era deserto¹⁰⁸, e não havia possibilidade de procurar que comer. Sobreveio então em seu auxílio a Providência de Deus: ⁵como por encanto, apareceu um homem com um pão, deu-o aos pobres de Cristo, e desapareceu imediatamente, sem que ninguém conseguisse descobrir donde viera nem para onde fora. ⁶Era a prova clara, para os pobres Irmãos, de que na companhia desse homem de Deus nunca lhes faltaria o auxílio do céu; e esta certeza da bondade divina reconfortou-os mais ainda do que o alimento corporal. ⁷Cheios de espiritual alegria, decidiram firmemente e juraram que nunca haviam de faltar ao voto de santa pobreza, por maior que fosse a necessidade ou o incômodo.

2.¹Depois deste santo propósito, continuaram a viagem até ao vale de Espoleto. Surgiu-lhes então a dúvida se seria melhor viverem entre os homens, se levarem uma vida de solidão. ²O servo de Deus, Francisco, não quis confiar esse assunto nem à sua opinião nem à dos Irmãos: pediu a Deus, por meio de insistentes orações, que lhe revelasse a sua vontade. ³Não tardou a resposta do céu, fazendo-lhe ver que Deus o enviava, com o fim de reconquistar para Cristo as almas que o demónio tentava roubar. ⁴Escolheu, portanto viver mais para os outros do que para si, estimulado pelo exemplo daquele que se dignou *morrer por todos*¹⁰⁹.

3.¹Recolheu-se, pois, o homem de Deus com os companheiros num tugúrio abandonado nos subúrbios de Assis¹¹⁰. Aí viviam,

¹⁰⁷ Lc 1, 75.

¹⁰⁸ Segundo a tradição, o lugar onde os Irmãos se detiveram e conversaram sobre o futuro da sua vida: se contemplação ou pregação, foi nos arredores de Orte, na confluência do rio Nera com o rio Tibre (1C 34).

¹⁰⁹ 2Cor 5, 11.

¹¹⁰ Rivortorto (Cf. 1C 42).

segundo a Regra de pobreza, em muitos trabalhos e necessidades: procurando sentir mais conforto *com o pão das lágrimas*¹¹¹ do que com o das delícias. ²Levavam uma vida de constante oração, dando preferência à oração mental – até porque para a oração vocal ainda¹¹² não tinham livros litúrgicos que lhes permitissem celebrar as horas canônicas. ³Substituía esses livros uma cruz: tendo-a sempre diante dos olhos, de dia e de noite liam constantemente esse livro, segundo o exemplo e as instruções do Pai, que com frequência lhes falava da Cruz de Cristo.

⁴Pediram-lhe certo dia os Irmãos que os ensinasse a orar. Ele respondeu-lhes (como Cristo aos Apóstolos), que dissessem *Pai nosso...*¹¹³. E ainda lhes ensinou outra oração: *Nós vos adoramos, ó Cristo, em todas as igrejas do mundo inteiro, e vos bendizemos por terdes resgatado o mundo pela vossa santa cruz*¹¹⁴. ⁵Ensinou-os ainda a louvar a Deus em todas e por todas as criaturas; a reverenciar os sacerdotes com especial deferência; a acreditar com uma fê sólida e a pregar com simplicidade as verdades da fê, tais como as conserva e ensina a Santa Igreja Romana. ⁶Em tudo os Irmãos seguiam os ensinamentos do santo Pai: em qualquer igreja ou cruzeiro que pudessem descobrir ao longe, nunca deixavam de ir lá ajoelhar-se e rezar, utilizando a fórmula que lhes fora dada.

4.¹No lugar referido viveram os Irmãos durante bastante tempo. Certo dia – um sábado – entrou o Santo na cidade de Assis, para na manhã do dia seguinte – domingo – pregar o costumeiro sermão na catedral. ²Como era seu hábito, foi passar a noite num casebre que ficava no jardim dos cônegos para aí orar. Afastou-se assim um pouco dos Irmãos. Era pela meia-noite. Alguns Irmãos já dormiam; outros ainda continuavam em oração. Então, eis que um

¹¹¹ SI 79, 6.

¹¹² Como o texto dá a entender, S. Boaventura tem para si que a oração normal dos Irmãos, mesmo nos primeiros tempos, era celebrar as horas canônicas. Só o não faziam, porque não tinham livros. A Regra dirá expressamente que os Irmãos poderão usar breviários. Os «espirituais» continuariam a considerar isso como um perigo contra a pobreza.

¹¹³ Lc 11, 2.

¹¹⁴ Cf. T 5.

carro de fogo dum maravilhoso esplendor, encimado por um globo resplandecente como o Sol, entrou pela porta e deu três voltas pela casa, iluminando toda a escuridão. ³Os que estavam acordados ficaram assombrados; os que já dormiam acordaram aterrorizados. ⁴Esta claridade iluminou-lhes mais o espírito do que o corpo, porquanto todos unanimemente compreenderam (e todos puderam ler mutuamente os corações) que era o santo Pai, *ausente de corpo mas presente em espírito*¹¹⁵, que lhes aparecia sob essa imagem, todo resplandecente e abrasado de amor; e que o Senhor lhes queria mostrar, nesse *carro de fogo*¹¹⁶ cintilante, que eles, como *verdadeiros Israelitas*¹¹⁷, seguiam o novo Elias que Deus escolhera para *carro e condutor*¹¹⁸ de homens guiados pelo Espírito. ⁵É de crer que Deus, pela oração de Francisco, *abriu os olhos*¹¹⁹ desses homens simples, de modo que eles pudessem contemplar as grandezas divinas – tal como outrora *abrira os olhos* do criado de Eliseu, *para que ele pudesse ver a montanha coberta de cavalos e de carros de fogo em redor do Profeta*¹²⁰. ⁶Quando o Santo voltou para junto dos Irmãos, penetrando no íntimo das suas almas, começou a encorajá-los pelo que aquela visão significava, e predisse-lhes muitas coisas que haviam de acontecer na Ordem. ⁷Ao ouvirem-no assim falar de coisas que ultrapassavam as possibilidades de conhecimento de um homem, compreenderam que o *Espírito do Senhor descera*¹²¹ sobre o seu servo numa tal plenitude, que não poderia haver para eles maior segurança do que em seguir a sua vida e os seus ensinamentos.

5.¹ Guiado pela graça do alto, Francisco, pastor do *pequeno rebanho*¹²² de doze Irmãos, levou-os para Santa Maria da Porciúncula. Fora aí que nascera a Ordem dos Menores, pelos méritos da

¹¹⁵ 1Cor 5, 3.

¹¹⁶ 2R 2, 1.

¹¹⁷ Jo 1, 47.

¹¹⁸ 2Rs 2, 12.

¹¹⁹ Jo 9, 39.

¹²⁰ 2Rs 6, 27.

¹²¹ Is 11, 2.

¹²² Lc 12, 32.

Mãe de Deus; sob a protecção da mesma deveria aí realizar-se o seu crescimento. ²Transformado em arauto do Evangelho, Francisco percorria cidades¹²³ e aldeias a anunciar o Reino de Deus, não em linguagem elegante de sabedoria humana, mas com a força do Espírito¹²⁴.

³Nem parecia um homem deste mundo: de alma e de rosto sempre voltados para o céu, a sua preocupação era guindar a todos para o alto. ⁴Começava então a vinha de Cristo a lançar rebentos, a vestir-se de flores de suavidade, de honra e de santidade e a produzir abundantes frutos¹²⁵.

6.¹Inflamados pelo fervor da sua pregação, havia muitos que se queriam vincular às novas leis de penitência segundo a fórmula idealizada por Francisco. Ele determinou que essa forma de vida recebesse o nome de *Ordem dos Irmãos da Penitência*¹²⁶. ²Ora, como para o Céu não há outro caminho possível senão o da penitência, eram admitidos nessa Ordem tanto clérigos como leigos, tanto celibatários como pessoas casadas, tanto homens como mulheres. Quão meritória era essa instituição aos olhos de Deus, provavam-no os muitos milagres realizados por vários dos seus membros. ³Começaram a aparecer também donzelas a fazer voto de castidade perpétua. Dentre elas Clara, uma predilecta de Deus, foi a primeira plantazinha do jardim, qual flor de Primavera, branca e perfumada a brilhar como estrela fulgurante. ⁴Agora glorificada nos céus e venerada em terra, foi ela em Cristo a filha de nosso Pai S. Francisco, o Pobrezinho, e a Mãe das Senhoras Pobres¹²⁷.

7.¹Muitos e muitos, levados não só pela devoção ao Santo, como também inflamados no desejo da perfeição de Cristo, des-

¹²³ Mt 9, 35.

¹²⁴ 1Cor 2, 13.

¹²⁵ Ecl 24, 17.

¹²⁶ Ordem dos «Irmãos da Penitência» – nome que recebeu inicialmente a *Ordem Terceira* ou *Ordem Franciscana Secular*.

¹²⁷ «Senhoras Pobres» – é o nome da Segunda Ordem Franciscana, hoje conhecida mais vulgarmente pelo nome de clarissas. Santa Clara tinha então 18 anos (1C 18).

prezavam as vaidades do mundo para seguirem as pisadas de Francisco. O seu número crescia de dia para dia, e depressa se estenderam até *aos confins da Terra*¹²⁸. ² A única coisa que levavam para as despesas era a santa pobreza: e essa tornava-os prontos para a obediência, fortes para os trabalhos e expeditos para as viagens. ³ Como não possuíam bens terrenos, não os amavam nem tinham medo de os perder, sentiam-se seguros em toda a parte: nenhuma apreensão os paralisava, nenhuma preocupação os distraía; viviam numa completa paz de espírito, sem se inquietarem nem com o dia de amanhã nem com o recolher ao fim do dia. ⁴ Nalguns sítios, é certo, injuriavam-nos como a desconhecidos pouco desejáveis, mas o seu amor ao Evangelho de Cristo tornava-os tão pacientes, que de preferência procuravam os lugares onde pudessem sofrer perseguição corporal àqueles em que pudessem usufruir dos favores mundanos. ⁵ Até a própria penúria lhes parecia abundância, dado que, como diz o Sábio, *contentavam-se com pouco como se fora muito*¹²⁹. ⁶ Alguns Irmãos chegaram mesmo a terras de infieis. Um sarraceno, movido de piedade, ofereceu-lhes algum dinheiro para comprarem o necessário ao seu sustento. Eles recusaram, é claro, perante o espanto do homem, que conhecia perfeitamente a sua indigência. ⁷ Mas compreendeu, enfim, que se eles eram pobres e se recusavam a aceitar dinheiro, faziam isso por amor de Deus. E começou a sentir por eles tanta simpatia, que se ofereceu para lhes *tratar de tudo o que precisassem*¹³⁰, enquanto estivesse dentro das suas posses. ⁸ Que riqueza inestimável a da pobreza, que conseguiu transformar a mentalidade de um incrédulo numa compaixão tão cheia de ternura! E que crime horrível e abominável para um cristão *calcar aos pés essa pedra preciosa*¹³¹ que um sarraceno apanhou com tanta veneração!

¹²⁸ SI 18, 5.

¹²⁹ Ecl 29, 30.

¹³⁰ IRs 4, 7.

¹³¹ Mt 7, 6.

8.¹ Encontrava-se então internado num hospital próximo de Assis um religioso da Ordem dos Crúzios¹³², chamado Morico, acometido havia muito de grave enfermidade.

Desenganado pelos médicos, resolveu mandar pedir ao homem de Deus, por meio de pessoa amiga, que intercedesse por ele junto do Senhor. ² Anuiu condescendente o Bem-aventurado Pai, começando por rezar por ele. Depois amassou migalhas de pão com azeite tirado da lâmpada que ardia diante do altar da Virgem, e enviou esse específico ao doente por intermédio de Irmãos, com esta recomendação: ³ «Levai ao irmão Morico este remédio. Graças ao poder de Cristo, ele não só lhe vai restituir a saúde, como ainda vai fazer dele um valente soldado que se virá a alistar para sempre no nosso exército». ⁴ O certo é que, mal o doente acabava de provar esse medicamento preparado por receita do Espírito Santo, logo curou e pôde levantar-se, e não tardou a dar ingresso na Ordem Franciscana. ⁵ E era tal a robustez de corpo e de espírito conferida pelo medicamento divino, que apenas se cobria com uma pequena túnica, usando por debaixo, encostadas à pele, mortificantes peças de couro; ⁶ só comia alimentos crus, verduras, legumes e frutos, sem sequer provar pão nem vinho durante muitos anos: e, no entanto, gozou sempre de uma saúde de ferro.

9. ¹ À medida que os pobrezinhos de Cristo cresciam em virtude, a sua reputação ia-se espalhando como perfume, atraindo de toda a parte gente que queria conhecer pessoalmente o santo Pai. ² Até um trovador, que tinha sido coroado pelo Imperador e recebera o título de Rei dos Versos, até esse decidiu vir ter com o homem de Deus que tanto desprezava o mundo. ³ Encontrou-o a pregar num mosteiro em S. Severino, *e a mão de Deus poisou sobre*

¹³² Existiram várias congregações com o nome de «crúzios». Muitas adoptaram a regra de Santo Agostinho, donde lhes veio a qualidade e o nome de «Cónegos Regrantes». Em Portugal foram célebres os cónegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra. Não havia, porém, verdadeira ligação entre estas congregações, as quais tinham por vezes finalidades diferentes. Assim, a Ordem a que pertenceu Fr. Morico não pode identificar-se sem mais com a dos Crúzios de Coimbra, a que pertenceu Santo António de Lisboa. Aquela era uma ordem militar.

*ele*¹³³: viu Francisco, o pregador da santa cruz, assinalado com o sinal da cruz por duas refulgentes espadas em cruz – uma descia-lhe da cabeça aos pés, a outra estendia-se transversalmente, à altura do peito, duma mão à outra. ⁴Não conhecia pessoalmente o servo de Cristo, mas este prodígio bastou para o identificar imediatamente. ⁵O simples facto de o ver foi o bastante para começar a sonhar em uma vida melhor. Depois, à medida que as suas palavras lhe iam penetrando na alma – como que trespassado pela espada do Espírito que lhe saía da boca – decidiu-se a lançar ao desprezo todas as pompas mundanas e a professar a vida do Bem-aventurado Pai. ⁶Por ele ter assim passado da agitação do mundo à paz de Cristo, deu-lhe o santo o nome de Frei Pacífico¹³⁴. ⁷Mais tarde, já mais amadurecido em santidade, antes de ser nomeado Ministro em França – foi ele o primeiro que aí desempenhou o cargo de Ministro – mereceu mais uma vez ter uma visão de Francisco: com um grande T no rosto, de belas e variadas cores, a adornarem-lhe a face com uma beleza admirável. ⁸Francisco, de facto, tinha uma predilecção especial por esta letra Tau (T), por ser como que uma representação da cruz: volta e meia falava nela, e nas cartas que enviava escrevia-a no fim, com sua própria mão, como para dar a entender que o seu grande empenho era, conforme a expressão do Profeta, *imprimir um Tau (T) no rosto de todos os que sofrem e gemem*¹³⁵, de todos os que sinceramente se convertem a Cristo Jesus¹³⁶.

10. ¹Com o andar dos tempos iam-se multiplicando os Irmãos. Francisco, como solícito pastor, quis reuni-los num Capítulo Geral em Santa Maria da Porciúncula, para que, *dividindo em lotes o*

¹³³ Ez 1, 3.

¹³⁴ Fr. Pacífico, «rei dos versos», foi coroado por Frederico Barba Roxa ou por Henrique IV com a coroa de louros como Petrarca. Chamava-se no mundo Guilherme Divini e nasceu em Lisciano perto de Ascoli. Em 1217 foi mandado por S. Francisco a fundar a Ordem em França, sendo o primeiro ministro provincial dessa região. A partir de 1223 foi companheiro muito chegado de S. Francisco. Depois regressou a França, onde morreu em 1236 (cf. 2C 106).

¹³⁵ Ez 9, 4.

¹³⁶ Advirta-se aqui a interpretação que S. Boaventura dá à predilecção de S. Francisco pelo *Tau*.

*terreno da pobreza*¹³⁷, a cada um se atribuiu a sua parcela onde a obediência determinasse. ²Uma vez chegaram a reunir-se aí mais de cinco mil Irmãos. Ninguém tomara providências nem sequer para as coisas mais necessárias. No entanto, com o auxílio de Deus, nunca deixou de haver que comer, e além da saúde corporal que a ninguém faltou, o que mais abundava era uma grande alegria espiritual¹³⁸. ³Aos Capítulos Provinciais não podia Francisco assistir pessoalmente: assistia em espírito, pela solicitude no governo geral, pela oração perseverante e pela eficácia das suas bênçãos, quando não acontecia mesmo, por maravilhoso efeito do poder divino, aparecer visivelmente. ⁴Um dia, por exemplo, no Capítulo de Arles, o nosso célebre pregador António – agora Santo António, pois já foi canonizado – estava a fazer aos Irmãos um sermão tendo por tema o título da Cruz: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus*¹³⁹. Um dos que o escutavam era um Irmão de comprovada virtude chamado Monaldo. Ora aconteceu que em certo momento esse Irmão, por influxo divino, olhou para a porta da sala capitular e viu, não em sonhos, mas com os olhos do corpo, S. Francisco elevado no ar, com os braços estendidos em forma de cruz, a abençoar os Irmãos. ⁵Todos eles experimentaram naquele momento tanta e tão estranha consolação de espírito, que não lhes foi possível duvidar, no seu íntimo, da presença autêntica do santo Pai: era o Espírito *a dar um testemunho*¹⁴⁰. De resto, isso mesmo foi confirmado mais tarde não só por factos miraculosos, mas até mesmo pelas próprias palavras do santo Pai. ⁶Devemos pois acreditar que aquela mesma força onipotente de Deus que noutros tempos permitiu que o bispo Ambrósio assistisse aos funerais do glorioso Martinho, ⁷para que ele pudesse prestar a última homenagem ao piedoso Pontífice, essa mesma força permitiu que Francisco assistisse à pregação do seu fiel porta-voz António, para autenticar o que ele dizia, sobretudo acerca da cruz de Cristo, que Francisco se empenhava em carregar e servir.

¹³⁷ Gn 41, 52.

¹³⁸ Narrativa mais completa deste «capítulo das esteiras» nas *Florinhas c. 18*.

¹³⁹ Jo 19, 19.

¹⁴⁰ Jo 1, 7.

11. ¹Uma vez que a Ordem já se encontrava bastante desenvolvida, estava disposto a pedir que o Papa Honório lhe confirmasse para sempre o programa de vida anteriormente aprovado por Inocêncio III. A seguinte revelação de Deus veio elucidá-lo. Parecia-lhe que tinha apanhado do chão migalhas de pão muito pequenas, e pretendia distribuí-las a muitos Irmãos que se encontravam à sua volta, cheios de fome. ²Mas tinha receio de o fazer, porque umas migalhinhas tão pequenas podiam escapar-se-lhes das mãos e perder-se. ³Ouviu então uma voz do alto: «Francisco, com essas migalhas todas faz uma espécie de hóstia, e dá-a depois a comer aos que quiserem». ⁴Ele assim fez. E aconteceu que todos aqueles que recebiam sem devoção aquele pão ou não lhe ligavam importância, depois de o terem recebido, apareciam repentinamente cobertos de uma lepra que os denunciava. ⁵Pela manhã contou tudo isto aos companheiros, lamentando-se de não compreender o sentido misterioso desta visão. ⁶Mas no dia seguinte, persistindo pela noite fora em oração, ouviu a mesma voz, do alto do céu, a dar-lhe a explicação: «Francisco, as migalhas que viste na noite passada representam as palavras do Evangelho; a hóstia representa a Regra; a lepra simboliza o pecado».

⁷Perante isto, em conformidade com o que a visão lhe dava a entender, resolveu dar uma redacção mais concisa à Regra a aprovar, que não passava de uma recopilação bastante confusa de frases do Evangelho. Nesse intuito, guiado pelo Espírito Santo, retirou-se para um monte com dois companheiros¹⁴¹. Aí, sustentado apenas a pão e água, foi ditando o texto da Regra, conforme o Espírito divino lhe ia sugerindo na oração. ⁸Terminada a redacção, desceu do monte, e entregou o texto ao seu vigário para que o guardasse. Mas passados poucos dias veio ele dizer-lhe que se descuidara e o perdera¹⁴². Voltou então o santo ao mesmo lugar solitário e redigiu rapidamente um novo texto, tão semelhante ao

¹⁴¹ Fr. Leão e Fr. Bonício. O lugar foi Fonte Colombo.

¹⁴² Trata-se de Fr. Elias. Intencionalmente S. Boaventura não menciona o seu nome nem insiste sobre tão estranho comportamento, para não deitar achas na fogueira. Prefere salientar só a inabalável decisão de S. Francisco de redigir a Regra. A norma genérica de «observar o Santo Evangelho» não lhe parecia suficiente, dada a realidade complexa que a Ordem assumira.

primeiro, como se tivesse recebido cada palavra da boca de Deus. Finalmente, como desejava, conseguiu que esse texto fosse confirmado pelo Senhor Papa Honório, no oitavo ano do seu pontificado. ⁹ Para induzir os Irmãos à observância fiel dessa Regra, assegurava-lhes que nela não havia nada da sua lavra; que a tinha ditado tal qual lhe tinha sido revelada por Deus. ¹⁰ E o próprio Deus quis também testemunhá-lo, porquanto, passados muito poucos dias, Francisco foi marcado pelo dedo do *Deus vivo*¹⁴³, ao serem-lhe impressas na carne as chagas do Senhor Jesus: era como uma bula do Sumo Pontífice Cristo, a confirmar a Regra sem reservas e a realçar os méritos do autor. Mas disto falaremos mais tarde, no seu devido tempo, depois de descrevermos as virtudes do nosso Santo.

CAPÍTULO V

Austeridade de vida.

Satisfação que lhe proporcionavam as criaturas.

1. ¹ Não podia Francisco deixar de ver quão grande era o número dos que a seu exemplo se animavam a carregar fervorosamente a cruz de Cristo. Isso o entusiasmava também, como bom comandante do exército de Cristo, a conquistar a *palma da vitória*¹⁴⁴ atingindo os cimos da virtude. ² Chocava-o sobremaneira aquela palavra do Apóstolo: *Os que pertencem a Cristo crucificam a carne com os seus vícios e concupiscências*¹⁴⁵. Para cingir o corpo com a armadura da Cruz, contrariava os desejos dos sentidos com uma tal rigidez e disciplina, que quase nem concedia à natureza o necessário para a sobrevivência. ³ É que é muito difícil – dizia ele – atender às necessidades da natureza sem ceder à inclinação dos sentidos. ⁴ Por isso, enquanto gozou de boa saúde, só com dificuldade e muito raramente tomava qualquer alimento

¹⁴³ O «dedo de Deus» é um nome que na Escritura e na liturgia se dá ao Espírito Santo (cf. o *Veni Creator*).

¹⁴⁴ Ap 7, 9.

¹⁴⁵ Ga 5, 24.

cozinhado¹⁴⁶; e em casos desses quase sempre lhes misturava ou cinza ou água para lhes tirar o sabor. ⁵Em questão de bebidas, de vinho nem falar: pois se até de água ele só bebia o estritamente necessário, quando o ardor da sede o atormentava! ⁶Inventava processos de praticar uma abstinência cada vez maior, e conseguia-o com o exercício quotidiano. Embora já tivesse atingido o auge da perfeição, considerando-se sempre como um principiante, descobria constantemente novas formas de afligir a carne e dominar a concupiscência. ⁷Quando saía pelo mundo, conformava-se, quanto à qualidade da comida, com os que lhe davam hospitalidade, segundo a norma do Evangelho¹⁴⁷; mas quando regressava à sua vida privada, retomava estritamente a abstinência mais rigorosa. ⁸Assim, austero para consigo, condescendente para com os outros, em tudo cumpridor do Evangelho de Cristo, tanto abstendo-se de alimentos como servindo-se deles, a todos dava bom exemplo e servia de edificação. ⁹A terra nua era a cama mais frequente para o seu corpo fatigado, com uma pedra ou um toro a servir de almofada; por vezes também dormia sentado; 1º o cobertor era a própria túnica: de facto servia ao Senhor *no frio e na nudez*¹⁴⁸.

2. ¹Perguntaram-lhe uma ocasião como é que com tão pouca roupa podia aguentar os rigores do frio do Inverno. E ele respondeu com todo o ardor da alma: «Se no nosso interior nos sentíssemos abrasados no desejo da pátria celeste, não nos custaria nada suportar este frio cá de fora». ²Detestava as roupas macias, preferia as grosseiras e ásperas, dizendo que por isso é que João Baptista tinha sido louvado pela boca do próprio Deus. ³Se alguma vez achava macio um hábito que lhe dessem, cosia-lhe por dentro uns

¹⁴⁶ Antiga tradição ascética: entre os anacoretas sírios, «comer alimentos cozidos» considerava-se uma falta contra a temperança (S. JERÔNIMO, *carta 27 a Eustóquio 7*).

¹⁴⁷ «Possam comer de tudo o que lhes apresentarem» (cf. Lc 10, 7), liberdade evangélica que as duas Regras canonizam, em contraste com os costumes monásticos e penitenciais por um lado, e fidelidade evangélica; e, por outro, defesa contra a vaidade, não fossem os frades pensar que eram eles, pela sua austeridade, os reformadores ou salvadores do mundo.

¹⁴⁸ 2Cor 11, 27.

cordéis para o tornar mais áspero. E citava a palavra daquele que é a Verdade: *Não é nas choupanas dos pobres mas nos palácios dos ricos que se usam roupas delicadas*¹⁴⁹. ⁴De resto, a experiência própria lhe ensinara que os diabos têm medo da austeridade e acometem com mais insistência as pessoas delicadas e moles. ⁵Certa noite, por causa de uma dor de cabeça e doença dos olhos, permitiu, contra o seu hábito, que lhe pusessem uma almofada de penas para repousar a cabeça. Pois parece que o demónio se meteu dentro da almofada: não o deixou sossegar até à hora de Matinas, distraiu-o de mil maneiras nos seus esforços para orar... Teve de chamar um companheiro, que lhe levasse para longe da cela aquela maldita almofada com o demónio lá dentro. ⁶E então foi esse Irmão a vítima: mal saíra da cela com a almofada, ficou tolhido e sem forças. Valeu-lhe o santo Pai, que deu conta do que sucedera, e com uma palavra lhe restituiu as forças e a coragem¹⁵⁰.

3. ¹Com toda a austeridade se *vigiava constantemente a si mesmo*¹⁵¹, pondo o máximo cuidado em conservar a pureza de alma e de corpo. ²Já nos primórdios da sua conversão lhe acontecera ter de se lançar por vezes em pleno Inverno numa poça cheia de água gelada¹⁵², para conseguir dominar por completo o inimigo que todo o homem traz dentro de si, e para preservar do incêndio da volup-tuosidade o vestido branco da inocência. ³Para um homem espiritual, afirmava ele, é muito mais fácil suportar o frio no corpo do que o mais ligeiro ardor de apetite carnal que lhe suba à cabeça.

4. ¹Estava o Santo a orar certa noite em sua pequena cela, junto do eremitério de Sartiano¹⁵³, quando o antigo inimigo veio ter com ele, chamando-o por três vezes:

¹⁴⁹ Mt 11, 8.

¹⁵⁰ A *Legenda Perusina* localiza a história da almofada enfeitada no ermitério de Greccio e descreve-a com mais detalhe.

¹⁵¹ Is 21,8.

¹⁵² 1C 42 situa estas austeridades hibernais em Rivotorto.

¹⁵³ Sartiano fica alguns quilómetros a sudoeste de Chiusi e do lago Trasimeno, na província de Sena. Está situado a mais de 300 metros de altitude, ao pé de montes que ultrapassam os mil. Por isso, a neve não é rara por aquelas paragens.

– Francisco! Francisco! Francisco!

– ²Que é que queres? – perguntou o Santo.

E o demónio, na sua velha astúcia:

– Não há no mundo nenhum pecador a quem Deus não perdoe, se se converter; mas quem se matar pela dureza da penitência, esse é que nunca jamais alcançará misericórdia.

³Mas logo o homem de Deus reconheceu por divina revelação a cilada do inimigo, que pretendia dessa maneira aliciá-lo à boa vida. ⁴Abriu-lhe os olhos o que aconteceu em seguida. ⁵Logo após o citado diálogo, por instigação daquele *cujo sopro faz arder as brasas*¹⁵⁴, viu-se Francisco a braços com uma violenta tentação carnal. ⁶Amante como era da castidade, logo que deu conta, tirou a roupa e começou a chicotear-se violentamente com uma corda, ao mesmo tempo que dizia:

– Anda, irmão asno! Assim é que tu deves estar! Assim é que deves apanhar! ⁷A túnica é um hábito religioso, um símbolo de santidade; um vicioso não tem direito de a roubar! Se queres ir onde pensas, vai assim como estás!

⁸Mas não ficou por aí. Num ímpeto de fervor de espírito, sai da cela e vai para o jardim e rebola na grossa camada de neve o corpo nu. Depois molda com as mãos sete bonecos de neve, põe-se diante deles e interpela o irmão asno:

– ⁹Aí tens! Este maior é a tua mulher; estes quatro são dois filhos e duas filhas; os outros dois são o criado e a criada – porque não podes passar sem criados! ¹⁰Anda! Vai vesti-los, senão morrem de frio! ¹¹Mas se te aborreces de tanta solicitude que eles precisam, então empenha toda a tua solicitude em servir só a Deus.

¹²O tentador, vencido, bateu em retirada; e o santo regressou à sua cela vitorioso. O frio exterior a que se submetera como castigo extinguiu o fogo interior da concupiscência, de tal forma que nunca mais sentiu tentações desse género.

¹³Certo Irmão, que a essa hora ainda se encontrava em oração, presenciou todo o espectáculo, graças à claridade do luar.

¹⁴Sabendo disso o homem de Deus, contou-lhe o drama da tenta-

¹⁵⁴ Jb 41, 12.

ção que tivera, e pediu-lhe que enquanto ele vivesse não contasse esse episódio a ninguém.

5. ¹ Ensinava ele que não basta destruir os vícios e reprimir os ímpetus da carne: mais que isso, era preciso vigiar muito cuidadosamente os sentidos exteriores, pelos quais pode entrar a morte para a alma. ² Mandava evitar com todo o cuidado o trato familiar, as conversas e o olhar para mulheres, que para muitos são ocasião de ruína; «intimidades dessas, afirmava ele, perdem muitas vezes os espíritos fracos, e outras vezes enfraquecem os fortes. ³ A não ser para um espírito muito bem formado, não é mais fácil falar-lhes sem se ser contaminado do que *andar sobre fogo sem queimar os pés*¹⁵⁵, como diz a Escritura». E ele dava o exemplo: *desviava os olhos para não verem essa vaidade*¹⁵⁶. ⁴ De tal modo que, como confidenciou uma vez a um companheiro, praticamente não conhecia de vista quase nenhuma mulher¹⁵⁷. ⁵ Não é prudente, pensava ele, captar as imagens dessas formas femininas, que podem reavivar a fogueira duma carne indómita ou macular a alvura duma alma inocente. ⁶ Afirmava mesmo que falar a uma mulher era um sintoma de frivolidade, a não ser em confissão ou para lhe dirigir breves palavras de exortação, tendo em conta o bem da sua alma e o conveniente decoro. ⁷ «Que assuntos é que um religioso terá a tratar com uma mulher, a não ser quando ela pede para receber o sacramento da Penitência ou algum conselho para viver melhor? ⁸ Quando alguém está muito seguro de si, não liga tanto ao inimigo; e o demónio é daqueles que, quando se lhes dá a mão, agarram logo o braço».

6. ¹ Quanto à ociosidade, considerava-a como a sentina de todos os maus pensamentos, que a todo o custo se devia evitar, mostrando com o seu exemplo como domar a carne rebelde e pregui-

¹⁵⁵ Pr 6, 28.

¹⁵⁶ Sl 118, 37.

¹⁵⁷ Duma ou outra reteria certamente as feições e com grande alegria de coração. Celano menciona Clara e Jacoba de Settesoli (cf. 2C 112).

çosa com contínuas disciplinas e trabalhos úteis¹⁵⁸. ² Chamava ao corpo o «irmão asno», dando a entender que era preciso carregá-lo bem, açoitá-lo melhor e tratá-lo mal. ³ Se via algum Irmão ocioso e vadio, a querer sustentar-se à custa do suor dos outros, chamava-lhe «irmão mosca», porque, exactamente como as moscas, não só não tem o mínimo préstimo, como ainda conspurca e incomoda e provoca a repulsa de todos. ⁴ A este respeito declarou ele uma vez: «Quero que os meus Irmãos trabalhem e estejam sempre activos, para que não aconteça que a ociosidade os arraste para o mal em pensamentos ou em palavras». ⁵ A respeito de palavras, queria que os Irmãos observassem um silêncio evangélico, isto é, que se abstivessem cuidadosamente e sempre de todas as *palavras ociosas*, porque *no dia do juízo* de todas elas se *há-de dar conta*¹⁵⁹. ⁶ Se algum Irmão tinha o costume de tagarelar, repreendia-o asperamente; ⁷ afirmava que a discrição e o silêncio protegem a pureza de coração e constituem uma grande força, *porque da língua depende a morte e a vida*¹⁶⁰, como diz a Escritura, referindo-se não ao órgão do gosto mas ao órgão da fala.

7. ¹ Empenhava-se inteiramente Francisco em que os Irmãos levassem uma vida austera, sem no entanto permitir esses rigores extremos que não se *revestem de entranhas*¹⁶¹ de misericórdia nem são condimentados com o sal da discrição. ² Aconteceu por exemplo que certa noite um Irmão, quase a morrer de fome devido a um prolongado jejum, não conseguia dormir. Compreendeu o doce pastor o perigo em que se encontrava a sua ovelha; mandou-o chamar, serviu-lhe pão, e para lhe tirar qualquer acanhamento, começou ele próprio a comer, convidando-o a fazer o mesmo. ³ Sentiu-se assim o Irmão completamente à vontade, alimentou-se, e sobretudo ficou radiante com a delicadeza e condescendência do

¹⁵⁸ Não forçosamente trabalhos manuais. O Poverello sabia respeitar todas as vocações. Chega mesmo a enumerar quatro ocupações no viver quotidiano dos Irmãos: a oração, a pregação, o trabalho e a mendicância (cf. 1R 17).

¹⁵⁹ Mt 12, 36.

¹⁶⁰ Pr 18, 21. A propósito das penitências estabelecidas por S. Francisco para os que faltavam ao silêncio ou à modéstia, cf. 2C 160; LP 107; EP 82.

¹⁶¹ Cl 3, 12.

Pastor, que evitara que o corpo lhe desfalecesse e lhe proporcionara um exemplo tão edificante. ⁴Pela manhã, quando todos os Irmãos se encontravam reunidos, contou-lhes o Santo o que acontecera naquela noite, e acrescentou em tom de prudente conselho: «O exemplo que daqui deveis colher é mais um exemplo de caridade que de comida». ⁵Recomendou-lhes também a discrição como atitude que deve acompanhar todas as demais virtudes – não essa tendência à mediania a que nos inclina a nossa natureza carnal, mas a discrição que nos foi ensinada pelo próprio Cristo, cuja vida santíssima constitui para todos o mais acabado modelo de perfeição¹⁶².

8. ¹Mas sendo o homem, como é, revestido da fraqueza e da miséria da carne, não lhe será possível seguir perfeitamente, sem contrair qualquer mácula, o Cordeiro sem mácula crucificado por todos: daí afirmar Francisco com toda a convicção que quem pretender seguir o caminho da perfeição terá de se lavar todos os dias com lágrimas abundantes de penitência. ²Ele próprio, apesar de já ter alcançado uma extrema pureza de alma e de corpo, não deixava de purificar todos os dias os olhos da alma por meio duma torrente de lágrimas, sem se preocupar com o mal que disso podia advir para os olhos do corpo. ³Efectivamente, de tanto chorar, veio a contrair uma mui grave doença da vista. A recomendação do médico foi que deixasse de chorar, sob pena de poder vir a contrair uma cegueira total. ⁴Respondeu-lhe o Santo: «Irmão médico, acho que não será de recomendar que por amor da faculdade de ver, que até as moscas possuem como nós, se renuncie, por pouco que seja, à visão da luz eterna: o privilégio de ver a luz não foi o espírito que o recebeu para bem da carne; a carne é que o recebeu para bem do espírito». ⁵Não resta dúvida que ele preferia perder a vista, a ter de reprimir a devoção de espírito, contendo as lágrimas que purificam a visão interior e nos tornam capazes de ver a Deus.

9. ¹Na sequência desta enfermidade, a opinião dos médicos, corroborada com a pressão dos Irmãos, era a de que se submetesse

¹⁶² A LP 1 situa este acontecimento em Rivotorto.

a uma cauterização¹⁶³. Nisso consentiu ele humildemente, porque essa operação lhe proporcionava um meio de curar e de sofrer. ²Chamaram então o cirurgião. Enquanto ele submetia o cautério ao fogo, a fim de o pôr ao rubro para a operação, ³o servo de Deus, sentindo o corpo a desfalecer com o medo, tentou encorajá-lo, dirigindo-se ao fogo, como a um amigo, nestes termos: «Meu caro Irmão Fogo! O Altíssimo conferiu-te um esplendor que enche de inveja todas as criaturas; criou-te poderoso, belo e útil¹⁶⁴. ⁴Neste momento, queria que fosses comigo muito delicado e cortês. ⁵E suplico ao Senhor Magnífico, teu criador, que mitigue para mim o teu calor, a fim de que eu te possa aguentar quando carinhosamente me queimares». ⁶Terminada esta oração, traçou o sinal da cruz sobre o cautério de ferro incandescente, e aguentou intrépido. ⁷O cirurgião aplicou-lhe então o ferro em brasa enterrando-o na carne delicada. A cauterização estendeu-se desde o ouvido à sobancelha. ⁸Sobre a dor que esse fogo lhe causou, comentava ele com os Irmãos: «Louvai ao Senhor, porque, com toda a franqueza o digo, não senti o calor do fogo nem nenhuma dor corporal». ⁹E ao operador dizia: «Se isso ainda não está assado, podes repetir!» ¹⁰Ao constatar tanta coragem e intrepidez num corpo tão débil, o próprio médico ficou varado, e não pôde deixar de reconhecer que ali houvera um milagre: «O que vos digo, meus Irmãos, é que *hoje presenciei coisas maravilhosas*»¹⁶⁵. ¹¹Francisco atingira um tão elevado grau de perfeição, que numa admirável harmonia a sua carne se submetia ao espírito, e o espírito a Deus: daí resultava, por disposição divina, que *todas as criaturas, submissas ao império do Criador*¹⁶⁶, se submetiam também à vontade e às ordens do seu servo.

¹⁶³ O EP 115 situa este episódio em Fonte Colombo, perto de Rieti. Fr. Elias havia pedido instantemente ao Santo que aceitasse os cuidados da medicina. S. Boaventura mais uma vez cala o nome de Fr. Elias, por ser personalidade muito controversa dentro da Ordem.

¹⁶⁴ S. Boaventura não se refere em parte nenhuma ao *Cântico das Criaturas*, mas estas palavras sobre o irmão fogo vê-se claramente que provêm desse cântico.

¹⁶⁵ Lc 5, 26.

¹⁶⁶ Sab 16, 24.

10. ¹Noutra altura encontrava-se ele gravemente doente no eremitério de Santo Urbano¹⁶⁷. Sentindo que começava a desfalecer, pediu um copo de vinho. Mas não havia nem sequer uma gota. Mandou então que lhe trouxessem água. Fez sobre ela o sinal da cruz, ²e aquilo que até ali fora água pura transformou-se num vinho excelente. O que a pobreza desse lugar deserto não permitia, conseguiu-o a pureza do Santo. ³Mal provou esse vinho miraculoso, sentiu as forças restauradas. A água adquirira um novo sabor, e o doente uma nova saúde; realizara-se uma dupla transformação, na bebida e naquele que a tomara: era como uma dupla prova de que ele tinha despedido por completo o *homem velho*, para se revestir do *homem novo*¹⁶⁸.

11. ¹Mas não eram apenas as criaturas que se punham ao serviço do servo de Deus: o próprio Criador se dignava condescender com os seus desejos. ²Uma ocasião, acabrunhado por um ror de achaques, sentiu desejos de ouvir um bocadito de música, que lhe proporcionasse um pouco de alegria espiritual. É claro que não podia pensar em mandar vir uma orquestra,¹⁶⁹ mas veio uma sinfonia angélica satisfazer-lhe os desejos. ³Com efeito, de noite, enquanto ele vigiava e meditava no Senhor, começou-se de repente a ouvir o som maravilhoso de uma cítara, em acordes harmoniosos de uma melodia celeste. ⁴Não se via ninguém, mas chegava-se mesmo a perceber, pela maior ou menor intensidade do som, que o tocador não estava parado: ⁵andava de um lado para o outro, umas vezes mais perto, outras vezes mais distante... Essa doce canção inebriou de tal modo a alma do Santo, toda absorta em Deus, que lhe parecia viver já num outro mundo. ⁶Isto não passou desperce-

¹⁶⁷ O eremitério de Santo Urbano fica a poucos quilómetros a sudeste de Narni.

¹⁶⁸ Cl 3, 9.

¹⁶⁹ «Não podia pensar em mandar vir uma orquestra. O impedimento foi a vergonha do frade a quem Francisco pediu que fosse procurar uma cítara, ou algo parecido, à cidade. S. Boaventura, apresentado o caso sem esta explicação, dá a entender que ouvir uma serenata não era coisa lá muito conforme ao religioso decoro». Por onde se vê a interpretação que certa espiritualidade pode dar às coisas. S. Francisco tinha outra candura. O episódio passou-se em Rieti. (cf. 2C 126 e LP 24).

bido aos Irmãos mais íntimos, que aliás sabiam, por outros indícios insofismáveis, que o Santo *era visitado pelo Senhor*¹⁷⁰ e por ele favorecido com tantas e tão grandes consolações, que de modo algum poderia ocultá-las.

12. ¹ Outra ocasião andava ele com um Irmão a pregar entre a Lombardia e a Marca Trevisina, quando junto do rio Pó os surpreendeu a noite. ² Prosseguir viagem nessa obscuridade, sem ver o rio e os pântanos, seria extremamente perigoso. Sugeriu-lhe então o companheiro que pedisse ao Senhor que os livrasse desses perigos iminentes. ³ O Santo, na sua confiança inabalável, respondeu: «*O poder de Deus é grande*; se isso for do seu agrado, a sua bondade poderá dissipar as trevas e conceder-nos o benefício da luz». ⁴ Mal acabara de falar, viram-se cercados por uma luz maravilhosa. No meio da escuridão da noite, conseguiam vislumbrar não apenas o caminho, mas ainda muitas outras coisas ao redor. ⁵ Serviu-lhes essa luz de guia para os passos e de consolo para a alma. Após longa caminhada, chegaram ao lugar do destino, sãos e salvos, a cantar hinos e louvores ao Senhor. ⁶ O leitor pode agora fazer uma ideia do excelso grau de pureza e de virtude desse homem, a ponto de a seu talante o fogo moderar o seu ardor, a água mudar o seu sabor, os anjos o virem consolar com suas melodias e a luz divina lhe mostrar o caminho: todo o universo se empenhava em pôr-se ao serviço do Santo, até no uso dos sentidos que ele santificara¹⁷¹.

CAPÍTULO VI

Humildade e obediência. Mimos de Deus para com ele.

1. ¹ A humildade, defesa e adorno de todas as virtudes, superabundava no homem de Deus. ² A seus próprios olhos não passava

¹⁷⁰ Lc 1, 68; 7, 19.

¹⁷¹ Os episódios a que S. Boaventura faz referência contemplam quatro sentidos: o tacto, o gosto, o ouvido e a vista. Só faltou o olfato. Recorde-se, porém, o beijo do leproso e o que Francisco a tal respeito diz no *Testamento*³.

de um pecador, quando na verdade era um espelho resplandecente de toda a santidade. ³*Como arquitecto prudente que começa por lançar bons alicerces*¹⁷², foi sobre ela que se empenhou em construir o edifício das virtudes, conforme o ensinamento de Cristo. ⁴«Se o Filho de Deus, dizia ele, desceu das sublimidades do seio do Pai até à nossa baixeza, não foi para outra coisa senão para nos ensinar, como Mestre, pelo exemplo e pela palavra, a lição da humildade». ⁵E como discípulo aproveitado de Cristo, a sua grande preocupação era rebaixar-se a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, sem nunca esquecer aquela palavra do Mestre supremo: *O que os homens consideram sublime é abominação aos olhos de Deus*¹⁷³. ⁶Também costumava repetir com frequência: «O valor dum homem não vai além do que ele possa ter aos olhos de Deus, nem mais, nem menos». ⁷Daí o considerar uma tolice a pretensão de ser homenageado pelo mundo; as humilhações é que o enchiam de alegria, ao passo que as homenagens o entristeciam. ⁸Preferia receber uma censura a um elogio, pois sabia muito bem que a censura pode induzir à correcção, enquanto o elogio conduz à ruína. ⁹Muitas vezes, quando as multidões se punham a enaltecer os méritos da sua santidade, mandava a um Irmão que, à maneira de antídoto, lhe fosse repetindo aos ouvidos coisas que o pudessem humilhar. ¹⁰E quando esse Irmão, aliás contrariado, lhe ia chamando um grosseiro, um labrego, um letras grossas, um parasita, então, cheio de alegria a reflectir-se-lhe no rosto, respondia: ¹¹«Deus te abençoe, meu Irmão! Tu é que disseste a verdade! Isso é o que o filho de Bernardão merece ouvir!»

2. ¹No intuito de se tornar desprezível aos outros, chegava ao despudor, digamos assim, de em pregações públicas se pôr a contar os próprios defeitos. ²Aconteceu que um dia, debilitado e doente, abrandou um pouco os rigores da abstinência, a fim de se restabelecer. ³Mal recobrou as forças, na ânsia de mortificar a própria carne e de se humilhar, pensou: «Não é justo que me considerem uma pessoa muito abstinente, quando pelo contrário me

¹⁷² 1Cor 3, 10; Heb 6, 1.

¹⁷³ Lc 16, 15.

estou a tratar tão bem em privado». ⁴ Inflamado no espírito da santa humildade, convocou o povo para a praça da cidade de Assis, e em companhia de muitos Irmãos que trouxera consigo, entrou na igreja maior com toda a solenidade; depois, com uma corda ao pescoço, sem roupa – apenas com os calções interiores – mandou que o conduzissem, diante dos olhos de todos, ao pelourinho, onde era costume colocar os malfeitores para serem castigados. ⁵ Subiu à coluna e lá de cima se pôs a pregar com todo o entusiasmo, embora ainda se encontrasse fraco e com paludismo, e apesar do frio intenso que se fazia sentir. Aí declarou, alto e bom som, que não deviam venerá-lo como espiritual, mas antes pelo contrário desprezá-lo como carnal e glutão que era. ⁶ Todos os assistentes, estupefactos perante esse espectáculo tão sublime, e profundamente edificadas, porque conheciam perfeitamente a sua austeridade, proclamavam que semelhante humildade era mais para admirar do que para imitar. ⁷ E devemos concordar que isso constituiu mais uma acção simbólica, como as que costumavam fazer os profetas, do que um exemplo. ⁸ Mas não deixou de ser um símbolo de perfeita humildade, a ensinar aos seguidores de Cristo quanto importa desprezar os testemunhos do louvor passageiro, reprimir o prurido da vaidade que incha, e rasgar a máscara da simulação hipócrita ¹⁷⁴.

3. ¹ Proezas como esta fazia-as ele muitas vezes com a intenção de parecer exteriormente *como qualquer coisa a deitar ao lixo* ¹⁷⁵, se bem que internamente estivesse cheio de espírito de santidade. ² Punha todo o cuidado em esconder no íntimo do coração as graças do Senhor, recusando-se a expor à glória aquilo que poderia ser ocasião de ruína. ³ Não raro, quando pretendiam enaltecê-lo, se saía com expressões como esta: «Não me venhais cá com lisonjas, como se eu já não pudesse pecar: ainda posso vir a ter filhos e filhas ¹⁷⁶!» ⁴ Se não sabeis como será o meu fim, como é que me vindes gabar?» ⁵ Aos seus admiradores falava assim; a si mesmo confidenciava: «Se o Altíssimo tivesse concedido a um

¹⁷⁴ Ver descrição mais pitoresca do mesmo episódio em LP 36 e 1C 52. Celano informa que o pecado de Francisco foi ter comido um pouco de frango.

¹⁷⁵ SI 30, 13.

¹⁷⁶ Reflexão semelhante em 2C 133 e LP 95.

criminoso tantas graças como a ti, ele seria, decerto, mais grato do que tu, Francisco!»⁶ E aos Irmãos repetia muitas vezes: «De qualquer coisa que um pecador possa fazer, ninguém tem direito a gloriar-se. Wg Ora um pecador pode jejuar, pode orar, pode chorar, pode mortificar-se.⁸ Há apenas uma coisa que ele não consegue – é ser fiel ao Senhor.⁹ Portanto, o único motivo de orgulho que poderemos ter, consiste em retribuir ao Senhor a glória que lhe é devida, e, como servos fiéis, restituir-lhe a Ele todos os mimos com que se digne agraciar-nos»¹⁷⁷.

4. ¹ Tal como o negociante de que fala o Evangelho, Francisco, ansioso por aumentar o lucro e aproveitar com mérito todos os momentos da vida, preferiu sempre ser súbdito a ser superior, obedecer mais do que mandar. ² Essa a razão que o levou a resignar do cargo de superior geral, e pedir um guardião a cuja vontade se pudesse sujeitar em tudo¹⁷⁸. ³ «A vantagem da obediência é tão grande, dizia, que aqueles que se lhe submetem não passam sequer um momento sem lucro». ⁴ Daí o seu costume de prometer obediência, e de obedecer de facto, ao Irmão que o acompanhasse em qualquer viagem. ⁵ Declarou um dia aos companheiros: «Entre as graças que a divina bondade me concedeu, conto esta: não teria mais dificuldade em obedecer a um Irmão noviço, se mo dessem por guardião, do que ao Irmão mais antigo e mais discreto. ⁶ Um súbdito não deve considerar no seu superior o homem concreto que ele é, mas aquele por cujo amor se sujeitou à obediência. ⁷ Desta maneira, quanto menos digno for o superior, tanto mais meritória será a atitude humilde de quem obedece». ⁸ Perguntaram-lhe uma vez como se poderia reconhecer se alguém era verdadeiramente obediente. Ele propôs então, numa espécie de parábola, o exemplo dum cadáver: ⁹ «Pegai num cadáver e colocai-o em qual-

¹⁷⁷ Cf. Ex 2a e 5a.

¹⁷⁸ A razão que teria levado Francisco a demitir-se do governo da Ordem teria sido, portanto, uma razão sobrenatural e não tanto as dificuldades internas que se avolumavam. S. Boaventura, sem ser tão rico como outros biógrafos em detalhes históricos, psicologicamente soube ser mais profundo e interpretar mais fielmente o que Cristo pedia de Francisco. A sua influência sobre os Irmãos far-se-ia, não pela autoridade, mas pelo exemplo e pela bondade.

quer sítio: ¹⁰se se lhe mexe, não reage; não se queixa da posição em que o ponham; não se importa que o abandonem. ¹¹Se o sentam numa cadeira, não olha para cima, mas para baixo; se o vestem de púrpura, fica ainda muito mais pálido. ¹²Aí tendes o verdadeiro obediente: não se põe a analisar os motivos porque o transferem para este ou para aquele lugar; não se preocupa com que o coloquem neste ou naquele convento; não pede que o transfiram para outra fraternidade; ¹³se lhe dão qualquer cargo, não modifica o seu comportamento humilde; e quanto mais o honram, mais indigno se reputa»¹⁷⁹.

5. ¹Desabafando certo dia com um companheiro, exprimia-se assim: «Não me considero um autêntico Frade Menor, enquanto não me sentir na situação que te vou descrever. ²Suponhamos que na qualidade de superior dos Irmãos vou a um Capítulo, faço uma palestra, dou umas admoestações, e no fim me vêm dizer: “Desculpa, mas não possuis as qualidades mínimas necessárias; não tens cultura nem facilidade de falar, és um idiota e um imbecil...” ³E, vilipendiado por todos, mandam-me pôr a mexer. ⁴Ora bem: Se eu não aceitasse esses enxovalhos sem alterar o semblante, com a mesma alegria de espírito, com o mesmo propósito de santificação, em verdade te digo que de modo algum me poderia considerar um Frade Menor!»¹⁸⁰. ⁵E acrescentava: «Um cargo honroso é uma ocasião de queda; os elogios, um precipício em que podemos escorregar; a situação humilde de súbdito é que é fonte de méritos para a alma. ⁶Porque haveríamos então de desejar mais os riscos do que os lucros, se o tempo nos foi concedido exactamente para lucrarmos?» ⁷Assim se compreende que Francisco, por uma questão de humildade, quisesse que seus Irmãos se chamassem

¹⁷⁹ Mais que obediência, o apólogo do cadáver, em S. Francisco, exprime humildade: o sentimento de pequenez e de total entrega perante a grandeza e a vontade de Deus. O que está em causa não é o cumprimento militaresco (e abúlico) de ordens, mas sim uma homenagem à majestade de Deus. Como se vê, o apólogo tantas vezes atribuído a Santo Inácio, é bem mais antigo.

¹⁸⁰ Esta suposição que Francisco faz aqui não ficou totalmente no domínio do imaginativo. A crise da Ordem teve aspectos talvez mais dolorosos ainda. Leia-se neste contexto a florinha da «Perfeita Alegria». (*Florinhas* 8).

MENORES, e os Superiores da Ordem MINISTROS¹⁸¹. Desta forma, não só punha em circulação a terminologia do Evangelho que prometera, como ainda dava a entender aos Irmãos, pelo próprio nome que usavam, que o que eles vinham aprender à escola de Cristo era antes de tudo a humildade. ⁸Com efeito, Cristo Jesus, mestre de humildade, para inculcar aos discípulos a perfeição dessa virtude, dizia: *Quem quiser ser o maior de entre vós, faça-se criado dos outros; quem quiser ocupar o primeiro lugar, faça-se servo dos outros*¹⁸².

⁹O Senhor Cardeal bispo de Óstia, na altura Protector e promotor da Ordem, – que mais tarde, como o próprio Santo vaticinara, viria a ser eleito Papa com o nome de Gregório IX – perguntou-lhe um dia se não se importava que alguns Irmãos fossem promovidos a certas dignidades eclesiásticas. Respondeu o Santo: «Senhor, os meus Irmãos receberam o nome de Menores precisamente para nunca aspirarem a ser Maiores. ¹⁰Se quereis que eles produzam fruto na Igreja de Deus, mantende-os e conservai-os na situação própria da sua vocação, e não permitais que eles possam ascender às dignidades eclesiásticas».

6. ¹Exactamente por ele preferir, tanto para si como para os Irmãos, a humildade à grandeza, o Deus que ama os humildes comprazia-se em mostrar quanto ele era digno da suprema glorificação. Testemunha isso uma visão celestial de certo Irmão, dotado de notável virtude e piedade, que acompanhava o homem de Deus numa viagem. Entraram numa igreja deserta¹⁸³. ²Enquanto esse Irmão orava com todo o fervor, arrebatado em êxtase, viu no céu uma quantidade de cadeiras, e entre elas uma mais luxuosa do que as outras, adornada de pedras preciosas e toda cintilante de glória. ³Estonteado pelo resplendor desse trono incomparável, perguntava-se a si mesmo quem é que iria ocupá-lo... E enquanto assim se interrogava, ⁴ouviu uma voz a dizer-lhe: «Esse trono era de um dos anjos que *caíram*; agora está reservado para o humilde Fran-

¹⁸¹ Cf. Lc 22, 26 e Mt 20, 25 – citados na 1R 5.

¹⁸² Mt 20, 26-27.

¹⁸³ Segundo a LP 23 seria Fr. Pacífico. O EP 59 e 60 indica como lugar deste episódio a igreja de Bovara, perto de Trevi e das Fontes do Clituno.

cisco». ⁵Quando o Irmão, depois do êxtase, voltou a si, saiu da igreja com o Santo, e acompanhou-o como de costume. ⁶Prosseguindo viagem, iam falando de Deus. E o Irmão, ainda com aquela visão gravada no espírito, perguntou-lhe, como quem não quer a coisa, que ideia é que ele fazia de si próprio. ⁷«Penso – respondeu o humilde servo de Cristo – que sou o maior dos pecadores». ⁸Ripostou o Irmão, que ele em boa consciência não poderia dizer nem pensar uma coisa dessas. E o Santo então explicou: «Se Cristo tivesse sido tão generoso com qualquer malandrim, estou capacitado que ele seria muito mais grato do que eu para com Deus». ⁹Perante esta resposta de uma tão extrema humildade, ficou o Irmão convencido da autenticidade da visão que tivera. É que, como afirma o Evangelho¹⁸⁴, quem for verdadeiramente humilde, esse será enaltecido à glória donde é escorraçado o soberbo.

7. ¹ Estava ele a rezar um belo dia numa igreja abandonada de Monte Casal, na província de Massa¹⁸⁵, quando foi advertido pelo Espírito de Deus que havia aí umas relíquias de santos. ²Penalizado por ver que durante tanto tempo elas não tinham sido objecto da veneração devida, ordenou aos Irmãos que as levassem com todo o respeito para o convento onde viviam. ³Mas, por qualquer motivo, teve de se ausentar algum tempo. E eles nunca mais se lembraram do que o santo Pai lhes mandara – eram filhos que não ligavam muito ao mérito da obediência. ⁴Aconteceu que certo dia, quando preparavam as coisas para uma celebração eucarística, ao tirarem a toalha do altar, ficaram surpreendidos com o que viram: uns ossos, belos e perfumados – eram as relíquias, que para ali tinham sido trazidas não por mãos humanas, mas pela mão de Deus. ⁵Pouco depois regressou o Santo. Devoto como era, uma das suas primeiras perguntas foi se tinham feito o que ele mandara acerca das relíquias. ⁶Confessaram humildemente os Irmãos o pecado de não terem obedecido. O Santo perdoou-lhes, mas não deixou de lhes dar um castigozinho. ⁷E disse-lhes: «Bendito seja o

¹⁸⁴ Mt 23, 12.

¹⁸⁵ Este eremitério ficaria a sudeste de Borgo San Sepolcro. Era um dos lugares por onde S. Francisco passava nas suas viagens para o Monte Alverne (cf. AF t. 10, p. 246).

Senhor meu Deus, que por si mesmo se dignou fazer aquilo que vós devíeis ter feito». ⁸Veja-se a solicitude da Providência divina para com o pó que nós somos, e o poder que tinha aos olhos de Deus o humilde Francisco! ⁹ Quando os homens não obedeciam às suas ordens, obedecia o próprio Deus aos seus desejos!

8. ¹Passando uma ocasião por Imola, foi ter com o bispo da cidade, a pedir-lhe humildemente autorização para convocar o povo para uma pregação. ²O bispo respondeu secamente: «Meu Irmão, para pregar ao meu povo basto eu!» ³Francisco, humilde a mais não poder ser, inclinou respeitosamente a cabeça e saiu. Passada uma escassa hora, tornou a entrar. ⁴O bispo, sem esconder uma certa irritação, perguntou-lhe o que é que vinha agora pedir. Com a humildade do coração a transparecer na fala, responde Francisco: «Meu Senhor, se um pai escorraça o filho por uma porta, ele tem de entrar por outra!» ⁵A humildade vencera. O bispo mudou de semblante. Com alegria a espelhar-se-lhe no rosto, foi abraçar Francisco e disse-lhe: «Está bem! Daqui em diante, tanto tu como os teus Irmãos podeis pregar em toda a minha diocese. Dou-vos para isso autorização geral. Essa tua santa humildade merece-o».

9. ¹A cidade de Arezzo vivia numa agitação de autêntica guerra civil, ameaçando destruir-se a si própria. Francisco por acaso chegou lá nessa altura. Não entrou. ²Ficou nos arrabaldes. E viu por sobre a cidade um bando de demónios, todos satisfeitos e atarefados em instigar à violência e à morte os cidadãos, meio desorientados. ³A primeira coisa a fazer era escorraçar esses espíritos de sedução que pairavam no ar. Encarregou da empresa Frei Silvestre, um Irmão duma simplicidade de pomba; iria como seu porta-voz até às entradas da cidade, a intimar aos demónios, por parte de Deus onipotente e sob obediência, que desaparecessem dali imediatamente. ⁴Obediente como era, desata o Irmão em correria para cumprir as ordens do Santo Pai. E como num hino de louvor ao Senhor, ao chegar à porta da cidade começa a berrar a toda a força dos pulmões: «Por parte do Deus onipotente e por ordem do seu servo Francisco, rua daqui para fora, seus malditos demónios!» ⁵Logo a paz voltou à cidade, e os ânimos serenaram

por completo. Fizeram então as reformas legislativas que se impunham, no sentido de mutuamente verem assegurados os seus direitos¹⁸⁶. ⁶ Foi, portanto, a sabedoria dum pobre – ou seja, a humildade de Francisco – que acabou com essa fúria diabólica que assediava a cidade, restituindo-lhe a paz e salvando-a da desgraça. ⁷ Com a eficácia de sua humilde obediência conseguiu Francisco um tal domínio sobre os espíritos rebeldes e perversos, que conseguia reprimir as suas fúrias diabólicas e dominar os seus assaltos imoportunos.

10. ¹ As excelsas virtudes dos humildes põem em fuga o orgulho dos demónios, é certo. No entanto, para salvaguarda da sua humildade, permite Deus às vezes que sejam esbofeteados¹⁸⁷, como de si mesmo escreveu o Apóstolo Paulo, e Francisco aprendeu por experiência. ² Convidado um dia por D. Leão, Cardeal de Santa Cruz, a ficar com ele algum tempo em Roma, Francisco, pela reverência e afeição que lhe consagrava, aceitou humildemente o convite. ³ Mas logo ao cair da noite, quando, após a oração, se dispunha a descansar, vieram os demónios e atiraram-se com toda a raiva ao soldado de Cristo. ⁴ Sovaram-no à grande e durante muito tempo, deixando-o meio morto. ⁵ Quando eles desapareceram, chamou um companheiro, contou-lhe o sucedido e acrescentou: «Os demónios só avançam até onde a divina Providência lhes permite. Se eles agora se atiraram a mim dum modo tão brutal, creio bem, meu Irmão, que é porque a minha estadia num palácio de grandes senhores não é motivo de bom exemplo. ⁶ Os Irmãos que vivem em casas pobrezinhas¹⁸⁸, ao saberem que estou hospedado em casa dum Cardeal, têm razão para suspeitar que me deixei enredar em mundanismos, em honrarias e em comodismos. ⁷ Acho que será melhor, portanto, até porque tenho de servir de exemplo, sair deste palácio e viver humildemente entre pessoas humildes e

¹⁸⁶ Ainda hoje se mostra, ao sul da cidade de Arezzo – agora já dentro dos arredores – uma capela comemorativa do acontecimento.

¹⁸⁷ 2Cor 12, 7.

¹⁸⁸ O latim diz «*locus*». A palavra *locus* (lugar) é usada pelas fontes franciscanas para designar as moradas pobrezinhas e provisórias dos primeiros tempos. Só mais tarde adquiriu o significado de convento.

numa casinha modesta: partilhando as mesmas condições de vida deles, mais poderei ajudá-los a suportar as suas penúrias». ⁸Pela manhã foram ter com o Cardeal, pediram-lhe muita desculpa e despediram-se dele.

11. ¹Detestava o Santo a soberba, mãe de todos os males, e a desobediência, a pior das suas filhas; mas, por outro lado estava sempre pronto a aceitar a humildade dum arrependimento sincero. ²Apresentaram-lhe certo dia um Irmão que transgredira em qualquer coisa o voto de obediência, para que ele o castigasse como merecia. ³Mas desde que o Santo se apercebeu, por meio de provas evidentes, que ele estava realmente arrependido, a sua própria humildade o levou a perdoar-lhe. ⁴Apenas, para evitar que essa facilidade de perdão pudesse servir de incentivo aos outros para procederem menos bem, determinou que lhe tirassem o capuz e o lançassem (o capuz!) ao fogo: assim mostrava a todos o rigor que mereciam as faltas contra a obediência. ⁵Logo em seguida mandou que retirassem o capuz do fogo e o tornassem a dar ao Irmão, uma vez que ele se mostrava humilde e arrependido. ⁶Coisa admirável! Ao tirarem o capuz do meio das chamas, verificaram que não apresentava a mais leve chamuscadela! ⁷Com um só milagre patenteava Deus o poder do Santo e a humildade do Irmão penitente¹⁸⁹.

⁸Bem digna, portanto, de imitação é a humildade de S. Francisco, que já aqui na terra foi causa de prodígios como os que acima descrevemos: levar o próprio Deus a realizar os seus desejos, modificar os sentimentos das pessoas, destruir a fúria dos demónios, refrear a voracidade das chamas. ⁹Não há dúvida que a humildade exalta os que a possuem¹⁹⁰; inclina-se diante de todos e todos se inclinam diante dela.

¹⁸⁹ S. Boaventura conta este episódio com bastante mais detalhe que Celano (cf. 2C 154). Talvez tivesse podido falar pessoalmente, na sua viagem de informação pela Itália, com o Irmão em causa.

¹⁹⁰ Cf. Mt 23, 12; Lc 14, 11; 18, 14.

CAPÍTULO VII

O amor à pobreza e a admirável maneira como eram superadas as necessidades

1. ¹Entre outros dons e carismas com que a munificência de Deus agraciou Francisco, uma das prerrogativas mais características foi a de crescer nas riquezas da santidade pelo amor que dedicava à altíssima pobreza. ²Fora ela, a pobreza, a companheira inseparável do Filho de Deus; mas agora tornara-se um objecto de desprezo em toda a parte. Francisco iria desposá-la e *dedicar-lhe um amor eterno*¹⁹¹. Não se contentou com deixar por amor dela pai e mãe; distribuiu ainda pelos pobres tudo o que poderia ter¹⁹². ³Não houve decerto ninguém tão agarrado ao ouro como ele à pobreza; ninguém jamais se preocupou tanto com aferrolhar os seus tesouros, como ele em guardar esta pérola do Evangelho¹⁹³. ⁴Uma das coisas que mais o escandalizavam era ver nos seus Irmãos o que quer que fosse menos condizente com a pobreza. ⁵As únicas coisas que possuiu, desde a conversão até à morte, foram a túnica, o cordão e os calções interiores. E contentava-se com isso¹⁹⁴. ⁶Com frequência meditava, cheio de emoção, na pobreza de Jesus Cristo e de sua Mãe. ⁷Segundo a sua opinião, a pobreza devia ser tida por rainha das demais virtudes, por ter brilhado tanto no Rei dos reis e na Rainha sua Mãe. ⁸Interrogaram-no uma vez os Irmãos, reunidos em Capítulo, qual era a virtude que tornava um homem mais amigo de Cristo. Como que desvendando um segredo da alma, respondeu: ⁹«Ficai sabendo, Irmãos, que a pobreza é o atalho mais directo da salvação, como estímulo da humildade e raiz da perfeição: os seus frutos, embora se não vejam, são numerosos. ¹⁰Ela constitui esse *tesouro enterrado no campo*¹⁹⁵, de que fala o

¹⁹¹ Jr 21, 3.

¹⁹² Cf. T 16.

¹⁹³ Mt 13, 45.

¹⁹⁴ Reminiscência do Testamento (Cf. T17-18).

¹⁹⁵ Mt 13, 44.

Evangelho: para o comprar, há que vender tudo; e aquilo que não for susceptível de se vender, há que o desprezar por amor dela».

2. ¹ «Quem pretender atingir a perfeição da pobreza tem de renunciar não só aos cuidados do mundo, mas até mesmo às especializações literário-científicas. Liberto, assim, dessa modalidade de posse, conseguirá penetrar *nos domínios do Senhor*¹⁹⁶, e oferecer-se, despojado de tudo, aos braços do Crucificado¹⁹⁷. ² De modo algum se poderia dizer que tinha renunciado por completo ao mundo quem conservasse escondido a um canto do coração um cofrezinho de sentimentos próprios»¹⁹⁸. ³ Volta e meia falava aos Irmãos sobre a pobreza, sem deixar de citar aquela passagem do Evangelho: *As raposas têm tocas; as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*¹⁹⁹. ⁴ E daí tirava a conclusão lógica: que os Irmãos não devem construir senão casas pobrezinhas, como fazem todos os pobres, nem instalar-se nelas como proprietários, mas antes como peregrinos e estrangeiros²⁰⁰ em casa alheia. ⁵ Ser peregrino, dizia ele, é ser recebido em casa de outrem, sentir saudades da casa própria, irradiar paz à sua passagem. ⁶ Chegou uma vez ou outra a mandar demolir certas construções, ou a pôr os Irmãos de lá para fora, por notar que havia aí qualquer coisa de contrário à pobreza evangélica: ou por as terem recebido como propriedade, ou por lhe parecerem luxuosas. ⁷ A pobreza constituía, em seu entender, o alicerce da Ordem, sobre o qual assentava sólido o edifício da Religião. Enquanto ele se mantivesse firme, firme estaria a Ordem; se ele fosse abalado, a Ordem não conseguiria aguentar-se.

3. ¹ «Para abraçar a vida religiosa – ensinava ele depois de o ter aprendido por divina revelação – tem de se começar por cum-

¹⁹⁶ SI 70, 15. A convicção de que todo o bem é de Deus, que o diz e faz no homem e pelo homem, é uma ideia-base em S. Francisco de Assis.

¹⁹⁷ Celano usa a mesma imagem (2C 194).

¹⁹⁸ Cf. Ex 4. 14. 19.

¹⁹⁹ Mt 8, 20; Lc 9, 59.

²⁰⁰ 1Pe 2, 11. É o código do peregrino. Cf. também 2C 59. Uma aplicação concreta da doutrina aqui proposta vem à frente no n.9.

prir aquele preceito do Evangelho: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, e dá-o aos pobres*²⁰¹.

²Não admitia na Ordem quem quer que fosse, sem que se tivesse desapropriado de tudo e ficasse absolutamente sem nada. Isto por causa da palavra do Evangelho e para evitar o escândalo que poderia provocar o facto de haver depósitos reservados. ³Um caso ocorrido em Marca de Ancona: Alguém lhe pediu para ser admitido na Ordem. O Patriarca dos pobres respondeu: «Se queres partilhar a tua vida com a dos pobres de Cristo, distribui as tuas coisas pelos pobres do mundo!» ⁴O homenzinho, levado por sentimentos menos espirituais, fez doação dos bens em favor dos familiares, sem dar nada aos pobres. ⁵Quando voltou e contou como tinha procedido, o Santo não se conteve na sua indignação: «Segue o teu caminho, irmão mosca! Ainda não tiveste coragem de *sair de tua casa e da tua parentela*²⁰². ⁶Ofereceste os teus bens à própria família e roubaste os pobres; não és digno de viver com pobres evangélicos. ⁷Começaste pela carne; sobre alicerces tão instáveis não podes construir um edifício espiritual». ⁸Voltou para casa dos parentes esse homem carnal e recobrou os bens que não quisera dar aos pobres. Os desejos de perfeição acabaram depressa...

4. ¹Houve um tempo em que era tanta a miséria em Santa Maria da Porciúncula, que se tornava impossível satisfazer as necessidades mais elementares dos Irmãos que por ali passavam como hóspedes. ²O Vigário foi ter com ele, e sugeriu-lhe que, dada a penúria do convento, autorizasse que se reservasse parte dos bens dos noviços que iam entrando; depois, consoante as circunstâncias o exigissem, iriam recorrendo a essa reserva... ³Mas o Santo, que conhecia bem a vontade do Senhor, respondeu: «Deus nos livre, meu Irmão, duma coisa dessas! Pecar contra a Regra, seja em atenção a quem for, isso nunca! ⁴Se vês que a necessidade o exige, preferiria que despojasses das alfaia e adornos o altar da Virgem, antes que atentar contra o voto da pobreza e a observância do

²⁰¹ Mt 19, 21.

²⁰² Gn 12, 1.

Evangelho no mais pequeno pormenor. ⁵Mais contente ficaria a Virgem bendita de ver desnudado o seu altar, mas observado o Evangelho, do que, com o altar muito adornado, ver transgredido o conselho de seu Filho, que prometemos observar»²⁰³.

5. ¹Passando ele certo dia com um companheiro pela Apúlia, não longe da cidade de Bári, encontraram no caminho um grande porta-moedas, uma espécie de bolsa – e é esse o nome que vulgarmente lhe dão. Tinha todo o aspecto de estar recheada de moedas. ²O companheiro chama a atenção do pobre de Cristo: podia-se pegar naquela bolsa e distribuir o dinheiro pelos pobres ... ³«Não! – diz o homem de Deus – . Aí anda qualquer ardil do demónio. De resto, a tua sugestão não é de uma acção meritória, mas antes pecaminosa: seria apropriarmo-nos e darmos uma coisa que nos não pertence... ⁴Vamos embora! Não há tempo a perder!» E prosseguem na viagem. ⁵Mas o Irmão não sossega. Iludido por uma falsa piedade, continua a importunar o Santo: «Até dá a impressão que não se preocupa com atender às necessidades dos pobres!» ⁶Condescendente e manso como sempre, o Santo resolve voltar atrás – não tanto para fazer a vontade ao Irmão, como para tentar descobrir a burla diabólica. ⁷Acompanhava-os agora um rapaz que tinham encontrado no caminho. Ao aproximarem-se da bolsa, Francisco começou por fazer uma oração. Depois disse ao Irmão que a fosse buscar. ⁸Agora até já ele estava com certo receio, presencando qualquer embuste do demónio. Mas uma vez que entrava em jogo a santa obediência, encheu-se de coragem e estendeu a mão para pegar na bolsa. ⁹E nesse momento exacto sai de lá de dentro uma grande cobra, e logo desaparecem bolsa e cobra! Aí tinha o Irmão a prova do estratagema do demónio! ¹⁰Descoberto assim o engodo do inimigo, dirigiu-se o Santo ao companheiro: «Meu caro Irmão! Para os servos de Deus o dinheiro não é nem mais nem menos do que o diabo e uma cobra venenosa».

²⁰³ A 1R permitia que os Irmãos, como pobres que eram, pudessem receber, dos bens dos noviços, alguma coisa que lhes fosse necessária (c.2); mas a *Regra* definitiva suprime mesmo esta concessão (2R 2). Segundo 2C 67, o Vigário em questão era Fr. Pedro Catânio.

6. ¹Um episódio maravilhoso ocorreu pouco depois ao Santo, quando ele se viu obrigado a ir à cidade de Sena²⁰⁴. ²Saíram-lhe ao caminho três mulheres muito pobrezinhas, todas muito parecidas tanto em estatura como em idade e até mesmo na fisionomia. Era numa grande planície entre Campilho e S. Quirico. Dirigiram-se a ele com esta saudação inédita: «Seja bem-vinda a Senhora Pobreza!» ³Ficou radiante de alegria esse amante apaixonado da pobreza, pois se havia virtude que nele pudessem saudar, não podia ser outra senão a que elas tinham escolhido. ⁴Após a saudação, ninguém mais as viu. Os Irmãos acompanhantes, perante tudo o que de admirável e estranho havia na parecença e na saudação das mulheres, no seu aparecimento e desaparecimento, viram nisso, não sem razão, qualquer símbolo misterioso referente ao Santo. ⁵Podiam muito bem essas três mulheres, de traços tão semelhantes, de saudação tão insólita, de desaparecimento tão imediato, simbolizar a perfeição evangélica, cuja tríplice beleza – castidade, obediência e pobreza – resplandecia com o mesmo brilho no homem de Deus. No entanto, ele mantinha uma predileção especial pela pobreza; chama-lhe umas vezes *mãe*, outras vezes *esposa*, outras vezes ainda *senhora*. ⁶Em questão de pobreza queria ser sempre superior aos outros, ele a quem ela ensinara a ser inferior a todos. ⁷Assim, quando encontrava alguém que no aspecto exterior aparentasse ser mais pobre do que ele, começava logo a ralhar consigo mesmo para se excitar a imitá-lo, como se numa competição de pobreza receasse ser vencido. ⁸Aconteceu uma vez sair-lhe ao encontro no caminho um mendigo quase nu. Acabrunhado com semelhante espectáculo, comentou, cheio de mágoa, com o companheiro: ⁹«A miséria deste homenzinho é para nós um motivo de vergonha: nós escolhemos a pobreza como o nosso maior bem, e no entanto ela brilha muito mais nele do que em nós».

7. ¹Pelo seu amor à santa pobreza, o servo de Deus preferia muito mais servir-se de esmolas mendigadas de porta em porta, do que de donativos oferecidos espontaneamente. ²Acontecia uma vez por outra ser convidado por certas personalidades para um jantar

²⁰⁴ Tratar-se dos olhos (cf. 1C 105; 2C 93 e 137).

mais bem servido precisamente em sua honra. Não se recusava; mas ia primeiro pelas casas vizinhas pedir uns bocados de pão, e depois, enriquecido com essa pobreza, ia sentar-se à mesa. ³Fez isso precisamente uma ocasião que foi convidado pelo Senhor bispo de Óstia, que consagrava ao pobre de Cristo uma afeição toda especial. O bispo chamou-lhe a atenção: Era uma falta de respeito ir pedir esmola uma pessoa que tinha sido convidada a comer em casa da alguém... Resposta do servo de Deus: «Pelo contrário, senhor bispo! Eu acho que vos dei uma prova de grande consideração, pelo facto de honrar um Senhor maior do que vós. ⁴Esse Senhor delicia-se na pobreza, e sobretudo na mendicidade voluntária por amor de Cristo. ⁵Não é em troca de uma regalia de falsas riquezas, a gozar por uma hora, que eu vou pôr de parte a dignidade autenticamente régia que o Senhor Jesus nos conquistou, quando *se fez pobre* para nos enriquecer *com a sua pobreza*²⁰⁵, e para estabelecer como reis e *herdeiros do reino dos céus*²⁰⁶ os que possuam verdadeiramente uma alma de pobre».

8. ¹Para encorajar os Irmãos à mendicidade, dirigia-lhes palavras como estas: «Ide, meus Irmãos! Sabeis porque é que os Frades Menores só nesta nossa época apareceram no mundo? ²Foi para que os eleitos pudessem ter mais mérito realizando neles as obras de misericórdia. Assim, serão enaltecidos pelo supremo Juiz, quando ouvirem aquelas palavras suavíssimas: *Sempre que fizestes isso a um dos meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes*²⁰⁷. ³No seu entender, devia ser um verdadeiro prazer mendigar como Frade Menor: esse título de Menor – mais pequenino – fora empregado pelo Mestre da verdade no Evangelho duma forma explícita a propósito da retribuição dos justos. ⁴Até nas grandes festas costumava mendigar, se se lhe proporcionava ensejo. Nos pobres que o fossem por espírito evangélico considerava realizada aquela profecia: *O homem alimentou-se de pão dos Anjos*²⁰⁸. ⁵É que para ele era verdadeiramente pão dos anjos esse que a santa

²⁰⁵ 2Cor 8, 9.

²⁰⁶ Mt 5, 3.

²⁰⁷ Mt 25, 40.

²⁰⁸ Sl 77, 25.

pobreza mendiga por amor de Deus de porta em porta, e que é dado por caridade e por inspiração angélica.

9. ¹ Encontrando-se uma vez, em dia de Páscoa, num ermitério muito afastado da povoação, e não podendo por isso sair a mendigar, foi pedir esmola aos próprios Irmãos, como pobre e peregrino²⁰⁹. Dalguma forma imitava aquele que outrora se dignara aparecer aos discípulos que regressavam a Emaús, precisamente *nesse dia e também como peregrino*. ² Recebeu as esmolas com humildade; e depois dirigiu-lhes a palavra para lhes mostrar, segundo as Santas Escrituras, que eram os verdadeiros Hebreus, a atravessar o deserto deste mundo como *peregrinos e estrangeiros*²¹⁰; ³ e que, por isso, deviam celebrar constantemente em pobreza de espírito a Páscoa do Senhor, isto é, a *passagem deste mundo para o Pai*²¹¹.

⁴ O que o levava assim a pedir esmola, não era, evidentemente, o interesse de lucro, mas sim a liberdade de espírito; e por isso é que Deus, o *Pai dos pobres*, teve sempre para com ele um cuidado especial²¹².

10. ¹ Uma ocasião, por exemplo, aconteceu o seguinte: Tinha ele caído doente no hospício de Nocera, e o povo de Assis, pela dedicação que lhe consagrava, mandou uma escolta aparatosa que o trouxesse para Assis²¹³. ² Acompanhando eles o servo de Cristo, chegaram a uma povoação, pequena e pobrezinha, chamada Satri-

²⁰⁹ O episódio passa-se em Greccio. Na sequência de 2C, S. Boaventura liga-o à festa da Páscoa e aproveita essa circunstância para o seu comentário espiritual: páscoa, passagem, peregrinos, hebreus. Os frades seriam os verdadeiros israelitas a caminho da terra prometida. Além disso, retira-lhe o aspecto de reprimenda aos frades que, por ocasião da visita do Ministro, tinham preparado uma refeição mais festiva. Este aspecto de reprimenda parece bem patente na *Legenda Perusina*, que além disso, coloca o episódio na festa do Natal (Cf. LP 32).

²¹⁰ 2Pe 2, 11.

²¹¹ Jo 13, 1.

²¹² Jo 22, 16.

²¹³ Por dedicação e porque receava que qualquer outra cidade pudesse vir a ficar com a preciosa relíquia do corpo do Poverello. Ainda hoje a fama de Assis e um aspecto muito considerável da sua economia depende dessa preciosa relíquia.

ano. Era hora de comer; já tinham apetite. Foram ver se conseguiam comprar qualquer coisa, mas não tiveram sorte; voltaram sem nada. ³Interpela-os o Santo: «Sabeis porque é que não encontrastes nada? Porque confiais mais nas vossas moscas do que em Deus. ⁴(Moscas costumava ele chamar às moedas). ⁵Voltai a passar pelas portas onde batestes, e pedi humildemente esmola, oferecendo em troca o amor de Deus. ⁶E não considereis isso como atitude desonrosa ou aviltante, porque o não é: após o pecado, tudo é concedido por esmola, tanto aos dignos como aos indignos, pela bondade magnânima do Grande Esmoler». ⁷Conseguiram os soldados vencer a natural relutância e foram, cheios de boa vontade, pedir esmola: e obtiveram assim por amor de Deus muito mais do que teriam conseguido por dinheiro! ⁸Aquela pobre gente, chocada com um gesto tão divino, ofereceu não só tudo o que tinha, mas ainda se ofereceu a si mesma para tudo o que fosse preciso. ⁹Aí está como a excelsa pobreza de Francisco conseguia obviar a situações críticas, que nenhum dinheiro podia resolver.

11. ¹Numa altura em que a doença o reteve no leito num ermitério dos arredores de Rieti, vinha com frequência visitá-lo e tratá-lo convenientemente certo médico²¹⁴. ²Como o pobre de Cristo não tinha nada com que pagar condignamente tanto trabalho, não quis a generosidade imensa de Deus deixá-lo sem recompensa já neste mundo, retribuindo-lhe a sua piedosa generosidade. ³Tinha esse médico acabado de construir uma casa nova, com o dinheiro que conseguira ganhar e amealhar durante toda a vida. Ora sucedeu que uma das paredes abriu uma fenda enorme, *de alto a baixo*, ameaçando ruína eminente, sem que a técnica humana pudesse, ao que parecia, dar remédio àquele caso. ⁴Cheio de confiança nos méritos do Santo, pediu com muita fé aos Irmãos que lhe arranjassem qualquer coisa que o servo de Deus tivesse tocado com as mãos. ⁵Depois de muito instar, deram-lhe uma madeixa de cabelo do Santo. Ele meteu-a, à tardinha, na fenda da parede, e foi dormir descansado. Quando pela manhã se levantou, encontrou a

²¹⁴ Vinha todos os dias, diz 2C 44. Segundo EP 110, o episódio teve lugar em Fonte Colombo. O médico teria sido Teobaldo Sarraceno (Cf. também LP 24).

fenda de tal maneira vedada, que nem sequer pôde tirar as relíquias que ali metera, nem *descobrir* o mínimo *vestígio*²¹⁵ da fenda que ali houvera. ⁶ Assim, aquele que com tanto zelo cuidara do corpo em ruína do servo de Deus, conseguiu que ele preservasse da ruína a sua própria casa.

12. ¹ Doutra vez, quis o homem de Deus mudar para um ermitério²¹⁶, a fim de se entregar mais à vontade à contemplação. Sentindo-se muito debilitado, resolveu montar o jumento que um homenzinho pobre lhe cedeu. ² Era no Verão e fazia muito calor. O dono do jumento seguia o servo de Cristo montanha acima. Às tantas, não aguentando mais a fadiga e a sede nessa viagem longa e acidentada, pôs-se a gritar com insistência atrás do Santo: «Ai que eu morro de sede, se não arranjo imediatamente que beber!» ³ Sem perda de tempo, o Santo desce da montada, ajoelha-se em terra, estende os braços ao céu e não cessa de orar, enquanto se não sente atendido. ⁴ Depois dirige-se ao homem: «Corre àquele penedo; vais lá encontrar uma nascente que a bondade de Cristo fez brotar da pedra para poderes matar a sede». ⁵ Admirável condescendência de Deus, que com tanta facilidade se deixa vencer pelos seus servos: ⁶ um homem cheio de sede pôde beber *água que brotava da rocha*²¹⁷ pelos méritos da oração dum Santo; uma *rocha duríssima*²¹⁸ proporcionou-lhe com que se refrescar. Não consta que antes tivesse havido ali qualquer nascente, nem se pôde posteriormente encontrar qualquer vestígio, por mais que se procurasse.

13. ¹ Mais tarde, quando vier a propósito, contar-se-á como Cristo multiplicou os alimentos em pleno mar, pelos méritos do seu pobrezinho. Bastará por agora lembrar como ele, com um pouco de alimento recebido por esmola, conseguiu livrar da fome e da morte, durante vários dias, toda a tripulação dum navio; ² e não se poderá deixar de notar que o servo do Deus todo-poderoso,

²¹⁵ Sb 5, 10.

²¹⁶ O Monte Alverne.

²¹⁷ Sl 77, 16.

²¹⁸ Dt 32, 13.

comparável a Moisés por ter feito brotar água da pedra, também se pode comparar a Eliseu na multiplicação de alimentos.

³ Afastem de si, portanto, os pobres de Cristo qualquer sombra de desconfiança. ⁴ Pois, se a pobreza de Francisco teve o condão de fornecer aos seus benfeitores o que lhes faltava – alimento, bebida, alojamento – quando a técnica e a natureza se mostravam totalmente impotentes, ⁵ com mais razão ele prodigalizará os bens que se enquadram na ordem normal da Providência divina. ⁶ Se a aridez duma pedra, à voz dum pobre, proporcionou uma abundante bebida a um desgraçado que morria de sede, nenhuma criatura com certeza deixará de se pôr ao serviço daqueles que abandonaram tudo por amor daquele que tudo criou²¹⁹.

CAPÍTULO VIII

Arroubos de piedade. Dedicção dos seres irracionais para com ele.

1. ¹ A *piedade* autêntica, que, segundo o Apóstolo, é *útil para tudo*²²⁰, de tal modo enchia e impregnava o coração de Francisco, que parecia ter-se apoderado dele por completo. ² Daí a devoção que o elevava até Deus, a compaixão que o transformava em outro Cristo, a condescendência que o inclinava para o próximo, o amor às criaturas que fazia lembrar o primitivo estado de inocência. ³ Essa piedade abraçava todos os seres criados, é certo; no entanto, dum modo muito especial se dirigia às almas resgatadas pelo sangue precioso de Cristo Jesus. E se nelas descobria qualquer mancha de pecado, deplorava essa desgraça com uma ternura tão comovente, que podia repetir com S. Paulo, que como uma mãe amorosa as dava à luz todos os dias em Cristo²²¹. ⁴ Era ainda a piedade a causa principal do respeito que professava aos ministros da palavra divina: eram eles, no seu entender, que suscitavam uma

²¹⁹ Esta cena passar-se-ia entre Borgo San Sepolcro e o Alverne.

²²⁰ 1Tm 4, 8.

²²¹ A influência de D. Pica sobre seu filho deve ter sido profunda, a julgar pela importância que Francisco dá ao papel de «mãe», quer aplicando-o a si mesmo quer aplicando-o aos Irmãos. Cf. 2C 137, RE 2.4.8-10; CL 1R 9, 14; 2R 6, 8.

*copiosa descendência ao seu Irmão defunto*²²², ou seja a Cristo crucificado por amor dos pecadores, levando-os à conversão e encaminhando-os à salvação. ⁵ Afirmava que esse ministério de misericórdia, *mais que qualquer sacrifício, era agradável ao Pai das misericórdias*²²³, sobretudo se se aceita em espírito de verdadeira caridade e se se desempenha mais pelo exemplo que pela palavra, mais pela oração compungida que pelo verbo inflamado.

2. ¹ «É de lamentar, portanto, dizia, o pregador que por falta duma piedade autêntica se preocupa mais com fazer boa figura do que beneficiar as almas, ou o que destrói com o mau exemplo da sua vida o que constrói com o ensino da verdade. ² Bem preferível a um tal pregador seria um Irmão rude e iletrado que com o seu bom exemplo arrastasse os outros ao bem». ³ Eis como ele explicava aquela expressão bíblica: *A que era estéril tornou-se mãe de muitos filhos, e a que tinha muitos filhos tornar-se-á estéril*²²⁴. «Essa mulher estéril representa o Irmãozinho humilde que não teve a incumbência de gerar filhos para a Igreja; ⁴ mas no dia do Juízo se verá como ele de facto teve muitos filhos: o Juiz supremo considerará filhos dele todos quantos ele converteu para Cristo pelas orações que ninguém viu. ⁵ E a que tinha muitos filhos e se tornará estéril, representa o pregador vaidoso e tagarela, que julgando ter tido o mérito de haver gerado muitos filhos para Deus, constatará então que o mérito não foi dele»²²⁵.

3. ¹ Com entranhas de piedade suspirava o Santo pela salvação das almas, e desentranhava-se nessa obra com zelo e solicitude. Quando lhe constava que o bom nome dos Irmãos dispersos pelo mundo, como suave perfume, atraía muita gente ao caminho da verdade, ele mesmo se sentia *repleto desses aromas suavíssimos*²²⁶

²²² Dt 25, 5. Referência à lei do levirato (cf. Mt 22, 24).

²²³ 2Cor 1, 3.

²²⁴ 1Sm 2, 5.

²²⁵ Francisco afirma aqui, uma vez mais, a primazia da oração e do exemplo sobre a acção (Cf. LP 71).

²²⁶ Ex. 29, 18.

e ungido de *bálsamo precioso*²²⁷. ² Exultava de alegria e cumulava de bênçãos esses Irmãos, cujo exemplo e cujas palavras atraíam ao amor de Cristo os pecadores. ³ Pelo contrário, cominava esta maldição terrível àqueles, cuja conduta depravada ofendia a santidade da Ordem: ⁴ «Por ti, Senhor santíssimo, e por toda a corte celeste, e por mim, pobrezinho, sejam malditos aqueles que com seu mau exemplo confundem e destroem o que pelos santos Irmãos desta Ordem edificaste e não cessas de edificar»²²⁸. ⁵ O escândalo dado aos fracos abalava-o de tal maneira que só o amparo da consolação divina evitava que ele desfalecesse. ⁶ Um dia, perturbado pelos maus exemplos que ocorriam entre os seus filhos, quando desalentado suplicava a misericórdia do Pai para com eles, recebeu do Senhor esta resposta: ⁷ «Porque é que te afliges tanto, homenzinho? O poder que te dei sobre a minha Ordem fez-te esquecer que sou eu o seu principal protector? ⁸ Se te escolhi a ti, um homem simples, foi para que o que em ti se realiza não se atribua a méritos humanos, mas só à graça divina. Eu é que chamei; eu é que guardarei; ⁹ eu é que tratarei de tudo; se alguns sucumbirem, chamarei outros em sua substituição; se não forem nascidos, fã-los-ei nascer; sejam quais forem os acidentes que venham a abalar a Ordem dos Pobrezinhos, ela subsistirá para sempre: Eu me encarrego disso²²⁹».

4. ¹ Ao péssimo costume da murmuração, inimigo da piedade e da graça, tinha mais horror que à mordedura de serpentes ou a epidemias de peste. Considerava esse vício como abominável à extrema piedade de Deus, porquanto o detractor como que se refo-cila no sangue das almas depois de as matar *com a espada da língua*²³⁰. ² Ouviu certo dia um Irmão a denegrir a reputação de outro. Voltou-se para o Vigário e disse-lhe: ³ «Rápido! Rápido! Vai fazer imediatamente um inquérito rigoroso! E se verificares que o Irmão acusado está inocente, impõe ao acusador um castigo severo que

²²⁷ Jo 12, 3.

²²⁸ A maldição de S. Francisco lida tradicionalmente às sextas-feiras depois da Regra e do Testamento. Discute-se a sua autenticidade; isto é: se teria sido mesmo pronunciada pelo Santo ou a ele atribuída pelos seus discípulos.

²²⁹ Segundo a LP 21, esta resposta do Senhor teria sido dada na Porciúncula.

²³⁰ SI 56, 5.

sirva de escarmento a todos!»²³¹ ⁴ Em sua opinião, quem despojasse um Irmão do seu bom nome, devia ser despojado do hábito, e nem sequer devia ter coragem de levantar os olhos para Deus enquanto não restituísse, na medida das possibilidades, aquilo que roubara. ⁵ «A maledicência, dizia ele, é um pecado mais grave que o roubo, por esta simples razão: é que a lei de Cristo, que toda no amor se resume, mais nos compromete a salvar as almas que os corpos».

5. ¹ Por outro lado, era duma ternura indescritível para com os que visse atormentados com qualquer sofrimento corporal. Se dava conta que a alguém faltava o que quer que fosse, com sentimentos de doce piedade se condoía como se de Cristo se tratasse. ² Não resta dúvida que a natureza o dotara duma sensibilidade extrema; mas a caridade de Cristo, infundida no coração, multiplicava esses belos sentimentos. ³ Derretia-se-lhe a alma diante dos pobres e dos doentes; e quando os não podia socorrer materialmente, procurava ao menos testemunhar-lhes o seu afecto. ⁴ Ouviu uma vez um Irmão tratar mal um pobrezinho que pedia esmola um tanto importunamente. ⁵ Como piedoso amante dos pobres, ordenou ao Irmão: «Tira o hábito, prostra-te aos pés do pobre, reconhece publicamente a tua falta, pede-lhe perdão e diz-lhe que reze por ti!» ⁶ O Irmão obedeceu com humildade. Então o santo Pai com ternura acrescentou: «Quando vires um pobre, meu Irmão, nunca esqueças que é a imagem do Senhor ou de sua pobre Mãe que tens diante dos olhos. ⁷ E nos doentes da mesma forma considera que as suas enfermidades são as que Ele assumiu». ⁸ Por ser tão pobre e tão íntimo de Cristo, em todos os pobres via um retrato de Cristo. Quando vinham ter com ele, dava-lhes generosamente as esmolos que recebera, mesmo que para si também fossem necessárias: dizia que se tratava duma restituição, que os verdadeiros donos eram eles. ⁹ Regressando um dia de Sena, encontrou um pobre. Usava ele nessa altura um pequeno manto por cima do hábito, por motivo

²³¹ Celano (2C 18) acrescenta que, se o ministro não é capaz de corrigir por si o maldizente, o entregue ao «pugilista florentino»; isto é, a Fr. João de Florença, notável e temível pela sua força hercúlea. É significativo que, na 2R 10, recordando as três concupiscências tradicionais, S. Francisco omita a concupiscência da carne e, em vez dela, mencione a maledicência, «o dizer mal ou murmurar de alguém».

de doença. ¹⁰ Quando seus olhos piedosos depararam com a miséria do outro, disse ao companheiro: «Temos de restituir o manto a este pobrezinho, porque é dele. ¹¹ Tinham-no-lo emprestado, mas só até ao momento em que encontrássemos alguém mais pobre». ¹² O companheiro, que sabia bem a necessidade que dele tinha o Santo, teimava que não era justo expor-se ele a uma recaída para socorrer o outro. ¹³ Mas o Santo não cedeu. Ninguém me tira da cabeça, dizia, que o Grande Esmoler não poderia deixar de considerar um autêntico roubo, se eu não desse isto a um mais necessitado». ¹⁴ De resto, quando ofereciam qualquer coisa para as suas necessidades, costumava munir-se logo de licença expressa do doador, a fim de poder oferecê-la por sua vez a alguém que tivesse mais necessidade do que ele. ¹⁵ Neste aspecto não poupava nada – nem mantos, nem túnicas, nem livros, nem mesmo paramentos e alfaia do altar: tudo lhe servia para dar aos pobres, a fim de cumprir o dever de caridade. ¹⁶ Não raro se prestava a levar aos ombros – embora fosse bastante franzino – a carga de qualquer mendigo que encontrasse no caminho²³².

6. ¹ De tanto remontar à origem primeira de todas as coisas, sentia por elas um afecto irreprimível. A todos os seres, por mais insignificantes, applicava o doce nome de «irmão» ou «irmã» – pois sabia que todos procediam dum mesmo princípio. ² Mas dedicava uma afeição ainda mais entranhada e terna aos seres que ou por sua natureza ou por a Escritura os apresentar como símbolos, recordam o amor e a doçura de Cristo. ³ Mais de uma vez comprou cordeiros que iam ser abatidos – lembrado do Cordeiro dulcíssimo *que foi levado à morte*²³³ para resgatar os pecadores. ⁴ Hospedado uma ocasião no mosteiro de S. Veregundo, na diocese de Gúbio, aconteceu que uma bela noite uma ovelha teve um cordeirinho. ⁵ No mesmo cortelho vivia uma porca bastante feroz, que sem piedade para com o inocente, o mordeu e matou. ⁶ Soube disso o piedoso Pai. Movido de compaixão e sobretudo recordado do Cor-

²³² A LP conta vários casos em que Francisco se impõe a si mesmo e a seus frades duras penitências por haverem ofendido um ou outro pobre (cf. LP 22 e 89).

²³³ Is 53, 7.

deiro sem mácula, diante de todos deplorava a morte do cordeirinho dizendo: ⁷ «Ai, irmão cordeirinho, criatura inocente, que és para os homens o símbolo de Cristo, maldita seja a porca que te matou. Que ninguém venha a provar da sua carne, nem homem nem besta!» ⁸ Coisa admirável! Começou logo a porca a apresentar sintomas de doença; durante três dias andou como que a penar o seu crime, até que sobreveio o castigo da morte. ⁹ Lançaram-na numa fossa do mosteiro, onde permaneceu por muito tempo, e pôs-se seca como uma tábua, sem que os bichos sequer se alimentassem dela. ¹⁰ Que as pessoas sem coração considerem bem o castigo que as espera, quando a crueldade dum ser irracional foi punida com uma morte tão afrontosa; ¹¹ e considerem os fiéis piedosos o poder admirável e a extrema delicadeza duma bondade que as próprias bestas aplaudiram à sua maneira²³⁴.

7. ¹ Caminhando ele nas proximidades da cidade de Sena, encontrou um grande rebanho de ovelhas a pastar. ² Como era seu costume, dirigiu-lhes uma saudação amigável. Logo elas interromperam o pasto e correram para junto dele; levantavam as cabeças e fixavam nele os olhos arregalados. ³ Tanta simpatia mostravam para com ele, que pastores e frades ficaram espantados de verem ao redor dele, a saltar de contentes, não apenas os cordeirinhos como até os carneiros. ⁴ Outra ocasião, em Santa Maria da Porciúncula, ofereceram-lhe uma ovelha. Aceitou-a de braços abertos, tanto apreciava a inocência e a simplicidade natural desses animais. E começou a fazer-lhe recomendações: que louvasse muito ao Senhor, que não fizesse nenhum mal aos Irmãos. ⁵ A ovelhinha, como que percebendo a afeição do Santo, cumpria com solicitude os seus conselhos. ⁶ Quando ouvia os Irmãos a cantar no coro, entrava na igreja, dobrava os joelhos – sem que ninguém a tivesse ensinado – e emitia uns balidos diante do altar da Virgem, Mãe do Cordeiro, como para saudá-la. ⁷ Mais ainda: Quando na missa se fazia a elevação do corpo de Cristo, ela prostrava-se como para

²³⁴ *A Paixão de S. Veregundo, Soldado e Mártir*, documento redigido por aquela altura, faz referência a este episódio da porca selvagem. (Cf. LEMMENS, *Testimonia Minora*, Quaracchi, 1926. p. 10).

repreender a irreverência dos menos devotos e incentivar os devotos a uma maior reverência do Sacramento. ⁸ Também noutra altura, em Roma, tivera consigo um cordeirinho, como lembrança do Cordeiro dulcíssimo. Quando veio embora, confiou-o à guarda duma nobre Senhora, D. Jacoba de Settesoli. ⁹ O cordeiro, como que instruído pelo Santo em coisas espirituais, andava inseparavelmente ligado à senhora, acompanhava-a para a igreja, ficava lá com ela e com ela vinha embora. ¹⁰ Se pela manhã ela demorava um pouco mais a levantar-se, vinha ele despertá-la com umas inofensivas marradas e balidos, como que a dizer-lhe, com gestos e movimentos, que era preciso andar depressa para a igreja. ¹¹ Por isso é que esta dama se encarregava do seu cordeiro amável e admirável, discípulo de Francisco, que já se tornara mestre em devoção.

8. ¹ Outra ocasião, em Greccio, ofereceram-lhe, viva, uma lebre ainda pequenina. Puseram-na no chão. Em vez de fugir, como seria natural, para qualquer parte, quando o doce Pai chamou por ela, saltou-lhe para o colo e foi-se-lhe aninhar no peito. ² O Santo fez-lhe muitas carícias, numa afeição quase maternal, recomendou-lhe que não se deixasse tornar a apanhar, e por fim disse-lhe que podia ir em liberdade. ³ Mas mal a punha no chão para que ela pudesse ir embora, ela saltava-lhe logo outra vez para o colo, como se um instinto lhe fizesse sentir a bondade daquele coração. Por fim, Francisco pediu aos Irmãos que a levassem para um sítio onde ficasse em segurança. ⁴ Caso análogo ocorreu numa ilha do lago de Perúsia, mas então com um coelho que lhe fora oferecido. Fugindo de toda a gente, por instinto natural, vinha-se refugiar nas mãos e no peito de Francisco, como se fosse na toca. ⁵ Ao passar pelo lago de Rieti em direcção ao eremitério de Greccio²³⁵, certo pescador ofereceu-lhe uma ave aquática, em testemunho de afeição. O Santo aceitou de bom grado. ⁶ Depois abriu as mãos e convidou-a a voar em liberdade. Mas ela não se afastou. De olhos postos no céu, ficou o Santo em oração durante mais de uma hora. Depois, como

²³⁵ No tempo de S. Francisco é possível que houvesse ainda grandes extensões de água no vale de Rieti, que no tempo dos romanos era todo ele um lago.

se tivesse voltado de longe, tornou a mandar docemente à avezinha que se fosse embora para louvar o Senhor, e deu-lhe a bênção. ⁷ Só então, depois de uns meneios como para manifestar a sua alegria, a ave levantou voo. ⁸ Nesse mesmo lago foi-lhe oferecido um magnífico peixe ainda vivo. Tratando-o por «irmão», segundo o seu costume, tornou logo a metê-lo na água, ao pé do barco. ⁹ Então o peixe começou como que a brincar na água, para que o Santo visse quão grato ele lhe ficava. Só se afastou do barco, quando ele o despediu e lhe deu a bênção.

9. ¹ Atravessando, noutra altura, os terrenos alagadiços de Veneza²³⁶, em companhia de certo Irmão, avistou um enorme bando de aves poisadas nos ramos, a cantar. ² Perante esse espectáculo, comentou para o companheiro: «As irmãs avezinhas estão a louvar o Criador; vamos para o meio delas cantar também as horas canónicas e os louvores do Senhor»²³⁷. ³ E avançaram para o meio das aves. Pois nem uma se assustou, nem fugiu, nem deixou de cantar. ⁴ Pelo contrário: a chilreada era de tal ordem, que eles não se conseguiam ouvir um ao outro na recitação das horas. Então o Santo dirigiu-se às aves nestes termos: «Irmãs aves, parai um bocadinho de cantar, enquanto nós rendemos a Deus os louvores que lhe são devidos!» ⁵ Calaram-se imediatamente e conservaram-se em silêncio, enquanto eles recitavam muito pausadamente o ofício e as Laudes. ⁶ No fim, o Santo deu-lhes licença de tornarem a cantar. E elas imediatamente recomeçaram o chilreio habitual. ⁷ Em Santa Maria da Porciúncula, uma cigarra foi instalar-se numa figueira mesmo junto da cela do homem de Deus. O seu canto levava-o muitas vezes a louvar a Deus, pois aprendera a admirar a magnificência do Criador, mesmo nas coisas mais pequeninas. Um dia, chamou por ela. E a cigarra, como guiada do alto, veio poisar-lhe na mão. Disse-lhe ele: ⁸ «Canta, irmã cigarra! Com a tua música estridente louva o Senhor que te criou!» Ela obedeceu e pôs-se a ziziar na mão do Santo, e só parou quando ele lhe deu ordens para

²³⁶ S. Francisco atravessou a laguna de Veneza pelo menos uma vez, no seu regresso do Oriente.

²³⁷ Os «*Louvores do Senhor*» ou «*Loas ao Senhor*» são uma oração feita por S. Francisco. Cf. supra p. 56

regressar à sua árvore. ⁹ Aí ficou durante uma semana, vindo todos os dias dar o seu concerto e voltando em seguida ao seu poiso, conforme ele lhe mandava. ¹⁰ Por fim, disse ele aos companheiros: «Vamos fazer as despedidas à nossa irmã cigarra, que tanto nos deleitou com seus descantes e durante oito dias nos incentivou nos louvores de Deus». ¹¹ Recebendo a permissão de ir embora, foi-se e não voltou mais àquele lugar, como se não quisesse transgredir a ordem recebida.

10. ¹ Encontrava-se ele doente em Sena, quando um gentil-homem lhe mandou entregar um faisão vivo que acabava de capturar²³⁸. ² Mal viu e ouviu o Santo, a ave prendeu-se a ele com tanta afeição, que ninguém conseguia separá-la dele. ³ Várias vezes transportaram o faisão para uma vinha longe do convento a ver se ele se resolvia a partir em liberdade: voltava sempre e rapidamente para o Santo, como se por ele tivesse sido criado desde pequenino. ⁴ Confiado mais tarde a um senhor, que por devoção vinha muitas vezes visitar Francisco, roído de tristeza por se sentir assim separado do piedoso Pai, deixou de comer por completo. ⁵ Trouxeram-no de novo ao servo de Deus. Logo que o viu, saracoteando-se em gestos da alegria, começou a comer com avidez.

⁶ Acabava ele de chegar, certa ocasião, ao ermitério do Alverne, para jejuar a quaresma em honra do Arcanjo S. Miguel, e eis que uma quantidade de aves de toda a espécie começaram a esvoaçar em volta da cela, como para dar a entender, com seus trinados e meneios, quanto apreciavam a sua presença, e parecendo convidá-lo a que se demorasse ali por algum tempo. ⁷ Vendo isto, comentou para o companheiro: «Tenho a impressão que é da vontade de Deus que nos quedemos por aqui um tanto ou quanto: as irmãs avezinhas parecem mostrar-se radiantes com a nossa presença». ⁸ E efectivamente a permanência dessa vez foi bastante prolongada. ⁹ Foi durante essa estadia que um falcão, que lá construía o seu ninho, fez com o Santo um pacto de amizade: de noite, à hora a que ele costumava levantar-se para recitar o ofício divino,

²³⁸ O facto aconteceu em Albertino, fora das muralhas de Sena, onde Francisco se encontrava enfermo.

o falcão vinha despertá-lo com sua voz aguda e penetrante. ¹⁰Mostrava-se reconhecidíssimo o homem de Deus, pois uma tal solicitude arrancava-o ao torpor do sono. ¹¹Mas se acontecia ao servo de Cristo encontrar-se um pouco mais adoentado, o falcão, condescendente, não o acordava tão cedo. ¹²Como se recebesse ordens de Deus, só pela madrugada vinha tocar de mansinho a sineta da sua voz. ¹³Tanto a alegria dessa multidão de avezinhas como o canto do falcão eram o presságio divino da sublimação que nesse mesmo lugar a aparição dum Serafim devia conferir ao cantor e adorador de Deus, já arrebatado nas asas da contemplação.

11. ¹ Durante uma permanência bastante demorada do Santo no ermitério de Greccio, os habitantes da zona foram vítimas de várias calamidades. ² Eram alcateias de lobos ferozes²³⁹ a atacar animais e até homens; eram saraivadas a devastar as culturas e as vinhas... ³ Perante o desespero dessa gente, o arauto do Santo Evangelho declarou-lhes certo dia num sermão: ⁴ «Para honra e glória de Deus todo-poderoso, garanto-vos que esses flagelos irão acabar, e que Deus, compadecido de vós, vos vai cumular de bens temporais. Apenas com uma condição: que, tendo fê no que vos digo, vos arrependais, confesseis os vossos pecados e *façais frutos dignos de penitência*²⁴⁰. ⁵ Mas quero frisar bem: se desprezardes esta graça e recairdes *no pecado, que tanto repugna*²⁴¹ a Deus, os flagelos sobrevirão outra vez, o castigo duplicará e a ira do Senhor cairá sobre vós com maior violência»²⁴². ⁶ Em conformidade com as exortações de Francisco, eles fizeram penitência; e a partir desse momento não ocorreram mais desgraças, desapareceram os perigos, acabaram as devastações dos lobos e do pedrisco. ⁷ Mais ainda: quando por esses lados começava a saraivar, a borrasca, ao aproximar-se daquela região, ou parava ou mudava de direcção. ⁸ Tanto os lobos como o granizo respeitaram o tratado do servo de Deus e não se atreveram mais a arremeter impiedosamente contra essas gentes que se tinham convertido a uma vida mais piedosa –

²³⁹ Este episódio vem contado com bastante mais detalhe na LP 34.

²⁴⁰ Mt 3, 8.

²⁴¹ Cf. Pr 26, 11.

²⁴² Js 22, 13.

ao menos enquanto, segundo o estipulado, não voltaram a transgredir a santa lei do Senhor.

⁹Bem merece pois a nossa devoção a piedade do Santo, tão cheia de doçura e de poder, que tornava mansos os animais ferozes e como domesticados os bravios, ensinava os que eram mansos e fazia-se obedecer pelos irracionais, rebeldes ao homem depois do pecado. ¹⁰É esta virtude da piedade, sem dúvida, a que atrai a si todas as criaturas, e é *útil para tudo, tendo a promessa da vida presente e da vida futura*²⁴³.

CAPÍTULO IX

Fervor da caridade e desejo do martírio

1. ¹Quem poderia descrever o amor ardente que abrasava Francisco, esse amigo do Esposo? ²*Como um carvão a arder*²⁴⁴, parecia inteiramente devorado pela chama do amor de Deus. ³Mal ouvia falar do amor do Senhor, ficava excitado, comovido, inflamado, como se esse som exterior lhe fizesse vibrar lá dentro as cordas do coração. ⁴Segundo ele, era uma prodigalidade principessa oferecer, em troca da esmola, o precioso património do amor de Deus; ⁵e dar-lhe menos apreço do que ao dinheiro era tolice rematada, porquanto essa moeda inapreciável do amor divino é a única com que se pode comprar o reino dos Céus, e é um dever natural pagar amor com amor. ⁶Solicitado por tudo e por todos ao amor de Deus, *exultava em todas as obras saídas das mãos de Deus*²⁴⁵, e rejubilando de alegria na presença das criaturas, subia por meio delas até àquele que é a causa e a razão vivificante do Universo. ⁷Nas coisas belas via²⁴⁶ a beleza suprema do Criador, e

²⁴³ 1Tm 4, 8.

²⁴⁴ Sl 17, 13-14.

²⁴⁵ Sl 91, 5.

²⁴⁶ No latim vem a palavra *contueri*. É uma palavra tipicamente bonaventuriana. Não é simplesmente ver, mas *intuir*, simultaneamente com conhecimento indirecto que a alma tem de Deus através das criaturas, dos efeitos da graça e das luzes inatas do ser divino (cf. *Léxico bonaventuriano* em S. BOAVENTURA, obras, ed. BAC, p. 728).

pelas *pegadas* que ele deixara impressas nas coisas, *ia seguindo o Bem-amado*²⁴⁷, de tudo se servindo como *escada* para subir e chegar àquele que é *todo desejável*²⁴⁸.⁸ No inefável impulso de devoção, percebia a bondade infinita de Deus em cada uma das criaturas como em arroios que brotassem daquela nascente inesgotável.⁹ Nas propriedades dos seres e nas suas interações descobria como um concerto harmonioso e celeste, que o levava a exortar a todos, como fazia o Profeta David, a cantar os louvores do Senhor.

2. ¹A imagem de Jesus Cristo Crucificado nunca lhe saía do espírito, como o *ramallete de mirra*²⁴⁹ da Esposa dos Cantares²⁵⁰; e na veemência do seu amor extático²⁵¹ suspirava por transformar-se inteiramente em Cristo Crucificado. ²Uma das suas devoções particulares consistia em se recolher à solidão durante os quarenta dias que se seguiam à Epifania, correspondentes àqueles que Cristo passou no deserto: recolhido na sua cela, reduzindo ao mínimo a comida e a bebida, dedicava-se sem interrupção ao jejum, à oração e aos louvores do Senhor. ³Consagrava a Cristo um amor tão vivo, e o Bem-amado, em troca, mostrava para com ele uma

²⁴⁷ Jb 23, 11; Ct 5, 7.

²⁴⁸ Ct 5, 16.

²⁴⁹ Ct 5, 12.

²⁵⁰ À letra: Cristo estava no seio do seu espírito como o saquinho de mirra entre os seios da esposa dos *Cantares*. A paixão e ternura com que Francisco retinha Cristo no seu coração transparece bem desta imagem intraduzível.

²⁵¹ *Excessi amoris incendium*. «*Incendium amoris*», incêndio de amor, é um dos títulos da obra *De Triplici Via*. Aparece com frequência ao longo deste capítulo. «*Excessivi*», excesso, significa o amor extático, pelo qual a alma é arrebatada para o seu Amado, ponto culminante da subida da alma para Deus. É conveniente recordar aqui a teoria bonaventuriana da hierarquia eclesiástica. A ordem dos «contemplativos» que ocupa o vértice dessa hierarquia, subdivide-se em três sub-ordens: a dos *suplicantes*, consagrados à oração e ao louvor de Deus (cistercienses, premonstratenses, cartuchos e agostinhos); a dos *especulativos*, que se dão ao estudo da Sagrada Escritura (dominicanos, que põem em primeiro lugar a especulação e em segundo a unção, e franciscanos, que põem em primeiro lugar a unção e o gozo do amor divino e em segundo a especulação); e finalmente os *extáticos*, pessoas excepcionais, para as quais o êxtase é uma graça habitual. A estas pertencia S. Francisco (Cf. E. GILSON, *La Philosophie de Saint Bonaventure*, p. 86). Foi por esta vocação de extático e pela função de exemplo que Francisco foi guia dos franciscanos, desafiando-os a *excederem-se* também para chegar ao êxtase.

ternura tão familiar, que o servo de Deus parecia sentir fisicamente diante dos olhos a presença contínua do Salvador, como por várias vezes confidenciou a companheiros. ⁴O sacramento do Corpo do Senhor inflamava-o de amor até ao mais íntimo do coração: passava de admiração perante uma misericórdia tão amante e um amor tão misericordioso²⁵². ⁵Comungava com frequência e com uma devoção irradiante que contagiava quem o ouvia. Ao saborear o *Cordeiro Imaculado*²⁵³, como inebriado, era muitas vezes arrebatado em êxtase.

3. ¹Dedicava um amor indizível à Mãe de Jesus, por ter sido ela que nos deu por irmão o Senhor de majestade, e por meio dela *termos alcançado misericórdia*²⁵⁴. ²Depois de Cristo, era nela que depositava a maior confiança, e por isso a escolheu como padroeira para si e para os seus, e em sua honra jejuava com grande fervor desde a festa de S. Pedro e S. Paulo até à Assunção. ³Também se sentia ligado por indissolúveis laços de amor aos espíritos angélicos, cujo ardor maravilhoso os lança em êxtase diante de Deus e inflama as almas dos eleitos. Por devoção para com eles fazia uma quaresma de jejum e oração durante os quarenta dias que se seguem à Assunção da Virgem gloriosa. ⁴Ao Arcanjo S. Miguel especialmente, por ser ele o encarregado de fazer a apresentação das almas no céu, dedicava uma particular devoção, em virtude do zelo que o devorava em salvar todos os homens.

⁵A memória dos Santos, *essas pedras de fogo*²⁵⁵, avivava ainda mais o incêndio do seu amor a Deus. Venerava com extrema devoção todos os Apóstolos, mas dum modo especial Pedro e Paulo, pela dedicação que eles tinham mostrado a Cristo. Em honra deles oferecia ao Senhor uma quaresma especial²⁵⁶.

²⁵² Pode dizer-se que a Eucaristia é o tema mais longamente tratado por S. Francisco nos seus escritos.

²⁵³ 1Pe 1, 19.

²⁵⁴ 1Pe 2, 10.

²⁵⁵ Ez 28, 14-16.

²⁵⁶ S. Francisco jejuava várias quaresmas ao longo do ano: de 7 de Janeiro a 15 de Fevereiro; da quarta-feira de cinzas até à Páscoa; de 20 de Maio a 29 de

⁶Esse pobre de Cristo nada possuía de seu senão *duas pequenas moedas*²⁵⁷, o corpo e a alma, que pudesse oferecer num gesto de amor. ⁷E oferecia-os continuamente: o corpo em rigorosos jejuns, e a alma em desejos apaixonados; *um holocausto*, o seu corpo imolado nos átrios exteriores; *incenso*²⁵⁸, a sua alma exalada no interior do seu templo.

4. ¹A intensidade desse amor sem limites que o impelia para Deus, fez com que também aumentasse a ternura afectuosa para com os que com ele participavam da natureza e da graça. ²Os sentimentos naturais do seu coração bastavam para o transformar num irmão de todas as criaturas. ³Não é de admirar, portanto, que o seu amor a Cristo, o tenha tornado ainda mais irmão daqueles que são a imagem do Criador e *foram resgatados pelo seu sangue*²⁵⁹. ⁴Não se considerava amigo de Cristo, se não se preocupava com as almas que Ele resgatara. «Nada se devia antepor à salvação das almas», dizia. E apresentava como prova o facto de o Filho Unigénito de Deus se ter dignado morrer na cruz por amor das almas. ⁵Isso explica a sua veemência na oração, a actividade incessante da pregação, e os excessos quando se tratava de dar exemplo. ⁶Se lhe censuravam certos exageros de austeridade, respondia que tinha sido dado aos outros como exemplo. ⁷Se bem que a sua carne inocente, já sem relutância submetida ao espírito, não merecesse qualquer castigo pelas próprias faltas, no entanto, para dar exemplo, impunha-lhe novos castigos e novos sofrimentos, *calcorreando, por amor dos outros, caminhos duros*²⁶⁰. ⁸*Ainda que eu falasse*, dizia, *as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse caridade* e não desse exemplo de virtude, *isso de nada me serviria a mim*,²⁶¹ e muito pouco aproveitaria aos outros.

Junho; de 29 de Junho a 15 de Agosto; de 15 de Agosto a 25 de Setembro; e da festa de Todos os Santos até ao Natal do Senhor. Por conseguinte, 231 dias ao todo. O motivo, porém, não era tanto a mortificação, quanto a vivência dos mistérios litúrgicos, para cuja celebração nunca se sentia convenientemente preparado.

²⁵⁷ Mc 12, 42.

²⁵⁸ Êx 30, 1-28.

²⁵⁹ Ap 5, 9.

²⁶⁰ Sl 16, 4.

²⁶¹ 1Cor 13, 1-3.

5. ¹ O incêndio de amor que o devorava, criava nele uma santa inveja do triunfo glorioso dos santos mártires, a quem ninguém conseguiu apagar a chama da caridade, nem abater a coragem. ² Também ele, abrasado no mesmo santo amor *que rejeita todo o medo*²⁶², queria oferecer-se ao Senhor *como hóstia viva*²⁶³, imolada pelo martírio, para retribuir a Cristo a morte que ele sofreu por nós e incentivar os homens ao amor de Deus. ³ Seis anos após a conversão, ardendo em desejos de martírio, resolveu dirigir-se para as bandas da Síria, a pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e outros infiéis. ⁴ Mas o navio em que embarcara foi arrastado por ventos contrários para as costas da Eslavônia²⁶⁴, onde teve de aportar. ⁵ Aí se viu forçado a ficar algum tempo, sem conseguir nenhum barco que o transportasse mais além. Percebendo que o seu desejo não seria o do Senhor, e vendo uns marinheiros prestes a desamar-rar para Ancona, pediu-lhes que o levassem – mas teria de ser por amor de Deus, pois ele nada tinha com que pagar. ⁶ Por mais que insistisse, os homenzinhos fizeram ouvidos de mercador. Então o homem de Deus, num extremo de confiança na bondade do Senhor, esgueirou-se sub-repticiamente para o navio, ele e o companheiro. ⁷ Entre os passageiros encontrava-se um, sem sombra de dúvida enviado por Deus em favor do seu pobrezinho, que levava mantimentos em abundância, e chamando à parte um membro da tripulação que lhe pareceu mais temente a Deus, recomendou-lhe: ⁸ «Guarda bem estas provisões para uns Irmãos pobrezinhos que vão aqui escondidos no navio, e dá-lhas quando eles precisarem». ⁹ Ora aconteceu que os ventos sopraram com tanta violência, que os dias se passavam sem que pudessem aportar em parte alguma. Os marinheiros já não tinham provisões; só restava aquela esmola graciosamente concedida pelo céu ao pobre Francisco. ¹⁰ Era muito pouco, não havia dúvida; mas o poder de Deus fez com que esse pouco se transformasse em tanto, que apesar do atraso provocado pela tempestade, o alimento chegou e sobrou para todos até ao

²⁶² 1Jo 4, 8.

²⁶³ Ro 12, 1.

²⁶⁴ Eslavônia era a terra dos eslavos, isto é, a costa da Dalmácia, ribeirinha do Adriático.

porto de Ancona. ¹¹ Os marinheiros, vendo-se libertos dum perigo de morte por intermédio do servo de Deus, imitaram os do Salmo, que depois de terem sentido os perigos horrendos do oceano, *testemunharam as obras do Senhor no alto mar*²⁶⁵; deram graças a Deus todo-poderoso, que se mostra sempre tão amável e tão admirável para com os seus amigos e servidores.

6. ¹ Começou então a percorrer essa província, semeando a boa semente da salvação e colhendo frutos copiosos. ² Mas como o fruto mais apetecido era o do martírio²⁶⁶, e mais desejava a morte por Cristo do que todos os méritos duma vida virtuosa, partiu em direcção a Marrocos, com a intenção de anunciar o Evangelho de Cristo ao Miramolim e ao seu povo: podia ser que assim alcançasse a desejada palma do martírio. ³ E era de tal ordem o seu entusiasmo, que sendo embora franzino de corpo, andava sempre à frente do companheiro de viagem²⁶⁷, e deslumbrado na ânsia de concretizar o seu sonho, parecia que queria voar. ⁴ Já tinha chegado à Espanha. Mas a disposição divina reservava-lhe outras incumbências. Sobreveio-lhe uma doença muito grave, que o impediu de realizar o que tanto desejava. ⁵ Apesar do *lucro* que para ele representava a morte, compreendeu que a sua vida corporal era imprescindível para a família que gerara. E voltou, *para apascentar as ovelhas* ²⁶⁸ confiadas aos seus cuidados.

²⁶⁵ SI 106, 24.

²⁶⁶ Segunda tentativa falhada. Francisco deve ter ido à Espanha, não por mar mas por terra. Têm-se estudado diversas traduções locais respeitantes ao seu itinerário, desde o Piemonte até à Espanha, pela Sabóia, Provença, Languedoc e Rossilhão. Não é possível ir além de meras conjecturas (cf. A. LOPES, *Viaje de San Francisco a Espanha* in *Archivo Ibero-Americano* 1 (1974) 13-14. Sobre a hipotética passagem de S. Francisco por Portugal a caminho de Santiago de Compostela cf. *Boletim Mensal* (1943), número de Dezembro, p. 344-349.

²⁶⁷ Os primeiros frades costumavam caminhar, não lado a lado, mas um à frente e outro atrás. É assim também que Dante acompanha Virgílio: «como fazem os frades menores, quando vão de viagem» (DANTE, *Divina Comédia, Inferno*, 23, 1, 3).

²⁶⁸ Jo 21, 17.

7. ¹ Mas o fervor da caridade continuava a aguilhoá-lo em ânsias de martírio. Uma terceira vez tentou passar a terras de infiéis, para com efusão do sangue favorecer a expansão da fé na Santíssima Trindade²⁶⁹. ² No ano décimo terceiro da sua conversão partiu para o Oriente, exposto constantemente a inúmeros perigos, no intuito de poder contactar pessoalmente com o Sultão de Babilónia²⁷⁰. ³ Travava-se então uma guerra implacável entre cristãos e sarracenos. Os dois exércitos encontravam-se frente a frente no campo de batalha. Tentar passar dum lado para o outro era um risco de morte. ⁴ Além disso, o Sultão publicara um édito cruel prometendo um talento de ouro a quem lhe trouxesse a cabeça dum cristão. ⁵ Pois, apesar de tudo isso, Francisco, o intrépido cavaleiro de Cristo, na esperança de obter sem mais delongas aquilo por que tanto suspirava, meteu-se a caminho: longe de temer a morte, sentia-se atraído por ela. ⁶ Depois de fervorosa oração, *confortado pelo Senhor*²⁷¹, começou a cantar cheio de confiança aquele verso do profeta: *Nem que eu tenha de andar no meio da sombra da morte, não terei medo nenhum porque tu estás comigo*²⁷².

8. ¹ Tomando por companheiro Frei Iluminado, um Irmão de facto iluminado no sentido de inteligente, e também corajoso, puseram-se a caminho, quando imediatamente depararam com duas ovelhinhas. ² Entusiasmado com este encontro, comentou para o companheiro: «*Confia no Senhor*,²⁷³ meu Irmão. Está-se a realizar em nós aquele aviso do Evangelho: *Envio-vos como ovelhas para o meio de lobos...*²⁷⁴». ³ Um bocado mais adiante foram interceptados pelos guardas avançados dos sarracenos. Como lobos em

²⁶⁹ Terceira tentativa para conseguir o martírio. Não conseguiu, nem conseguiu converter ninguém. A sua iniciativa, porém, ficou como uma advertência: as Cruzadas não eram caminhos de Deus. Partiu para o Egipto em Junho de 1219 e regressou na Primavera de 1220. Esteve presente no assalto a Damietta no dia 29 de Agosto de 1219. Depois de visitar a Síria, esteve com os cruzados até Fevereiro de 1220.

²⁷⁰ «Babilónia» não designava propriamente uma cidade, mas o mundo pagão.

²⁷¹ 1Sm 30, 6.

²⁷² Sl 22, 4.

²⁷³ Ecl 11, 22.

²⁷⁴ Mt 10, 16.

busca de ovelhas lançaram-se brutalmente a eles, agarraram-nos com ódio e crueldade, cumularam-nos de injúrias, espancaram-nos e agrilhoaram-nos. ⁴Por fim, depois de maltratados e vexados de mil maneiras, levaram-nos – segundo os desejos do Santo e as disposições da Providência – à presença do Sultão. ⁵Quis ele saber quem é que os tinha mandado, com que fim; em que condições, e como é que tinham chegado ali. Com todo o sangue-frio, o servo de Cristo esclareceu que tinha sido enviado de além dos mares, não por qualquer homem mas pelo Deus Altíssimo; que vinha indicar-lhe, a ele e ao seu povo, o caminho da salvação e anunciar-lhe o Evangelho da verdade. ⁶Depois pregou ao Sultão os mistérios da Trindade e da Redenção. E fê-lo com tal fervor e entusiasmo, que bem parecia realizar-se nele aquilo do Evangelho: *Hei-de pôr-vos na boca uma tal sabedoria, que nenhum dos vossos adversários conseguirá resistir-lhe nem pôr-lhe objecções*²⁷⁵. ⁷Espantado com semelhante entusiasmo e coragem, o Sultão parecia gostar de o ouvir, sugerindo-lhe mesmo que ficasse por ali mais algum tempo com ele. ⁸Porém o servo de Cristo, instruído por uma indicação do céu, avançou: «Se de facto queres converter-te a Cristo, tu e o teu povo, eu com todo o prazer, e por amor dele, ficarei convosco. ⁹Mas vejo que te sentes indeciso em trocar a lei de Maomé pela de Cristo... Pois bem: manda acender uma grande fogueira, e eu desafio os teus sacerdotes a avançarem comigo para o meio do fogo. Dessa forma se poderão dissipar as dúvidas, acerca de qual das crenças é a mais santa e a mais certa». ¹⁰«Duvido muito – replicou o Sultão – que algum dos meus sacerdotes se quisesse expor ao fogo ou suportar qualquer tormento em defesa da sua fê...». ¹¹De facto não lhe tinha passado despercebido que um dos seus sacerdotes, aliás sincero e venerável, ao ouvir o desafio de Francisco, se esgueirara sem que ele mais o visse. ¹²O Santo mais se encheu de coragem: «Se quiseres prometer-me, em teu nome pessoal e no do teu povo, que abraçareis a religião de Cristo no caso de eu sair ileso do fogo, eu irei para lá mesmo sozinho. ¹³Nota porém uma coisa: se eu me vier a queimar, isso será devido única e exclusivamente aos meus pecados! Pelo contrário,

²⁷⁵ Lc 21, 15.

se o poder de Deus me proteger, é para que reconheçais por verdadeiro Deus, Senhor e Salvador de todos os homens, a *Jesus Cristo, poder e sabedoria de Deus*²⁷⁶». ¹⁴ Não se atreveu o Sultão a aceitar o repto, por medo duma possível sublevação do povo. ¹⁵ Preferiu oferecer-lhe numerosos e ricos presentes, que o homem de Deus rejeitou com desprezo: ele era ganancioso, é certo, mas não das riquezas do mundo, senão somente da salvação das almas. ¹⁶ Esta atitude grangeou-lhe ainda maior estima por parte do Sultão, assombrado de ver um homem tão desprendido dos bens mundanos. ¹⁷ Apesar de tudo, não quis, ou talvez melhor, não teve coragem de abraçar a fé cristã. Ainda assim, pediu ao servo de Cristo que aceitasse os presentes e os desse a cristãos necessitados ou igrejas pobres: esse gesto, pensava ele, era um passo no caminho da salvação. ¹⁸ Mas o Santo, que por um lado tinha horror ao dinheiro, e por outro lado não descobria na alma do Sultão profundas raízes de verdadeira fé, recusou-se terminantemente a aceitar qualquer presente.

9. ¹ Verificou também com tristeza que nada conseguia quanto à conversão dessa gente, nem tão-pouco pressentia poder realizar o seu desejo de martírio... ² Uma revelação divina, de resto, veio dissipar-lhe as dúvidas. E voltou novamente para terras de cristãos. O que Deus em sua bondade decretara e o Santo por sua generosidade merecera, era ter Francisco conseguido o martírio de desejo. Pelo grande amor que dedicava a Cristo, tinha-se exposto a morrer por Ele sem o conseguir: mas haveria de ser marcado mais tarde com um selo e um símbolo desse martírio²⁷⁷. ³ O fogo divino que lhe ardia cada vez mais em labaredas no coração havia de alastrar até à carne. ⁴ Ditoso de verdade, aquele cuja carne, sem ser ferida pelo ferro de um tirano, não deixou de apresentar tão perfeita semelhança com o *Cordeiro Imolado*! ⁵ Plenamente ditoso de verdade, aquele a quem «a espada do perseguidor não tirou a vida, sem, no entanto, perder a palma do martírio!».

²⁷⁶ 1Cor 1, 24.

²⁷⁷ Esse martírio seria a estigmatização. S. Boaventura vai anunciando esse acontecimento ao longo de toda a sua obra. É para ele que toda a vida de Francisco se encaminha.

CAPÍTULO X

O zelo e o poder da oração

1. ¹ Francisco sentia dolorosamente que o seu corpo, apesar de já insensível, por amor de Cristo, às paixões terrenas, o obrigava a ser *peregrino do Senhor*²⁷⁸: esforçava-se então por conservar ao menos o espírito unido a Deus *por meio duma oração constante*²⁷⁹, para se não sentir privado das consolações daquele que tanto amava²⁸⁰. ² A contemplação constituía para ele um prazer: sentia-se como sendo já um cidadão do céu, companheiro dos Anjos, a procurar ardentemente o *seu amado*, de quem o separava apenas a divisória da carne. ³ E constituía, além disso, um arrimo para a acção: em todos os empreendimentos, punha toda a confiança na bondade de Deus e não nas próprias forças – a oração permitia-lhe *descarregar no Senhor todas as preocupações*²⁸¹. ⁴ Afirmava ele com toda a convicção, que a graça que um Religioso deve pedir a Deus com mais empenho é a graça da oração: sem ela ninguém consegue progredir no serviço de Deus. Por isso, encorajava os Irmãos, por todos os meios ao seu alcance, a aplicarem-se a ela com todo o fervor. ⁵ Quanto a ele, tanto em viagem como em repouso, quer dentro quer fora de casa, a trabalhar ou a descansar, estava sempre em oração. À oração dedicava toda a alma e todo o corpo, toda a actividade e todo o tempo.

2. ¹ Nunca menosprezava por negligência qualquer visita do Espírito. ² Quando a pressentia, acolhia-a com amor; enquanto ela durava, saboreava-a com doçura. ³ Se acontecia sentir o sopro do Espírito enquanto caminhava, deixava os companheiros distanciarerem-se um pouco e ficava para trás, a fim de melhor usufruir dessa nova inspiração e *não receber a graça em vão*²⁸². ⁴ Muitas vezes a

²⁷⁸ 2Cor 5, 6.8.

²⁷⁹ 1Tm 5, 17.

²⁸⁰ Ct 3, 1.

²⁸¹ Sl 54, 23.

²⁸² 2Cor 6,1.

contemplação arrebatava-o a tais alturas, que sentia e pressentia coisas que ultrapassavam a esfera humana – enquanto, por outro lado, não notava o que se passava à sua volta. ⁵Uma vez, por exemplo, que atravessava uma povoação bastante grande chamada Borgo San Sepolcro, montado num jumentito, devido ao seu estado de fraqueza, os habitantes saíram-lhe ao encontro e atiraram-se a ele... por devoção! ⁶Uns puxavam-lhe pelo hábito, outros encostavam-se a ele; alguns queriam só tocar-lhe, mas ao fim e ao cabo quase o esmagavam. Como um corpo sem vida, parecia não dar por nada do que se desenrolava à sua volta. ⁷Tanto que, depois de terem passado a povoação e acabado os atropelamentos, ao chegarem a uma leprosaria, esse contemplativo, como se viesse de outro mundo, perguntou se ainda faltava muito para chegarem a Borgo San Sepolcro ... ⁸O seu espírito, fixo nos esplendores do céu, não dera conta dos lugares por onde passara, nem do tempo, nem das pessoas que lhe saíram ao encontro. ⁹Aliás, segundo o testemunho concreto de vários dos seus companheiros, casos destes eram muito frequentes.

3. ¹A experiência que tinha da oração mostrara-lhe que a anelada presença do Espírito Santo nas almas adquire tanta mais intimidade, quanto maior for o afastamento do bulício mundano. Daí a sua predileção por lugares solitários, e a preferência em orar de noite e em igrejas sem ninguém. ²Aí teve de sustentar os ataques encarniçados com que os demónios o afligiam mesmo sensivelmente, no intuito de o perturbarem no zelo da oração. Mas quanto mais violentamente era atacado pelo inimigo, tanto mais denodado se tornava na virtude e fervoroso na oração. ³Munido de armas celestes, dizia confiadamente a Cristo: *«Protege-me à sombra das tuas asas, defende-me dos ímpios que me afligem»*²⁸³. ⁴E aos demónios desafiava-os: «Fazei-me todo o mal que puderdes, espíritos malignos e enganadores! ⁵Eu sei muito bem que o vosso poder só vai até onde a mão de Deus o permitir. ⁶Da minha parte estou disposto a aguentar, até com alegria, o que ela vos autorizar a fa-

²⁸³ SI 16, 8-9.

zer-me». ⁷ Era coragem demais para a soberba dos demónios: e fugiam, cheios de confusão.

4. ¹ Uma vez sozinho e deixado em paz, o homem de Deus quebrava com seus gemidos o silêncio das florestas, inundava a terra com as lágrimas, batia no peito com as mãos; ou então, se encontrava algum recanto mais discreto e mais oculto, punha-se a conversar com o seu Senhor: ² respondia ao Juiz, suplicava ao Pai, cavaqueava com o Amigo. Em situações destas o viram às vezes alguns Irmãos que o espiavam piedosamente: a interpelar a clemência divina em favor dos pecadores, com clamorosos gemidos, ou a chorar em altos brados a Paixão do Senhor, como se estivesse a desenrolar-se diante dos seus olhos. ³ Na solidão o viram uma vez de noite a orar, os braços abertos em cruz e o corpo erguido da terra e circundado dum halo brilhante, ostentando exteriormente a luz admirável que lhe inundava o espírito. ⁴ Aí na solidão, enfim, como provam testemunhos indesmentíveis, *foram-lhe desvendados segredos e mistérios da sabedoria divina*²⁸⁴ – que ele aliás não divulgava, a não ser que a isso o obrigasse o amor de Cristo²⁸⁵ ou o bem que pudesse fazer a outros. ⁵ A este propósito afirmava ele: «Às vezes, por uma vantagem medíocre perde-se um bem inestimável, e faz-se com que aquele que no-lo deu não o volte a dar com tanta facilidade». ⁶ Quando terminava essas orações privadas que faziam dele como um outro homem, punha todo o cuidado em se comportar como os mais: não fosse a aura da lisonja, no caso de ele exteriorizar o que lhe ia na alma, privá-lo do mérito interior. ⁷ Se era surpreendido em público por uma visita do Senhor, lá arranjava maneira de desviar a atenção dos presentes, a fim de não expor à irrisão essas carícias familiares do Esposo. ⁸ Quando orava em companhia dos Irmãos, evitava por completo qualquer atitude que desse nas vistas: gemidos, suspiros, e quaisquer manifestações exteriores²⁸⁶ – até mesmo o expectorar – já porque amava o silên-

²⁸⁴ SI 50, 8.

²⁸⁵ 2Cor 5, 14.

²⁸⁶ Genuflexões, prostrações, sinais da cruz, beijar o chão, etc... Naquele tempo estas atitudes eram normais. Francisco, porém, evitava-as, para não dar nas vistas.

cio, já porque mergulhando no seu interior, todo ficava absorto em Deus. ⁹Muitas vezes dizia a um ou outro mais íntimo: «Quando um servo de Deus, no decurso da oração, recebe uma visita do céu, deve dizer: ¹⁰“Enviaste-me, Senhor, esta consolação celeste, sendo eu pecador e indigno; confio-a à tua guarda, porque me dá ideia de te haver roubado um tesouro”. ¹¹E quando findar a oração, deve apresentar-se aos outros tal como é, um pobre pecador, naturalmente – como se não tivesse recebido nenhuma nova graça».

5. ¹Aconteceu certa altura que, estando o homem de Deus em oração no conventinho da Porciúncula, veio visitá-lo o bispo de Assis, como aliás era seu costume. ²Mal entrou no convento, dirigiu-se sem mais aquelas para a cela de Francisco; bateu à porta, e ia mesmo a entrar... Mas quando meteu a cabeça e viu o Santo em oração, ficou todo a tremer, entorpeceram-se-lhe os membros e perdeu a fala, enquanto uma força divina o punha fora da cela e o arremessava para trás. ³Estonteado, foi ter com os Irmãos, como pôde, e tendo-lhe Deus restituído a fala, começou por confessar a sua culpa.

⁴O Abade do mosteiro de S. Justino, na diocese de Perúcia, encontrou-se um dia com o servo de Cristo. ⁵Mal o viu, o devoto Abade desceu imediatamente do cavalo para o saudar e para trocar com ele algumas impressões sobre a sua vida espiritual. ⁶Depois duma conversa amiga, o Abade, ao despedir-se, suplicou-lhe humildemente que orasse por ele. «Com todo o gosto» – respondeu Francisco. ⁷E logo a seguir, ainda o Abade não ia longe, pediu ao companheiro: «Espera um bocadinho, meu Irmão. Vou cumprir uma promessa que fiz». ⁸E pôs-se a orar. Nesse mesmo momento sentiu o Abade na alma um ardor e uma doçura como nunca experimentara até então: entrou em êxtase, saindo de si para cair em Deus. ⁹Mas foi apenas por um momento. Logo voltou a si, e reconheceu o poder da oração de S. Francisco. ¹⁰O seu amor pela Ordem cresceu mais ainda e, contou a muitos este episódio, como sendo um autêntico milagre.

6. ¹Rezava as horas canónicas com todo o respeito e piedade. ²Apesar de sofrer dos olhos, do estômago, do baço e do figado, não queria encostar-se a nada enquanto cantava os salmos: salmo-

diava sempre de pé, cabeça descoberta, sem omitir uma sílaba, sem vaguear com os olhos... ³Em viagem, à hora devida fazia alto. Não havia tempestade, nem nada, que o dispensasse deste santo costume. ⁴«Pois se se dá descanso ao corpo – comentava ele – para ele se servir do alimento, quando afinal tanto o corpo como o alimento vão ser pasto de vermes, com quanta mais paz e tranquilidade não deve dar-se à alma o alimento da vida?!» ⁵Considerava falta grave deixar-se levar por imaginações vãs durante a oração, ⁶e quando isto lhe acontecia, não se contentava com declará-lo em confissão: penitenciava-se disso o mais depressa possível. ⁷Tal resolução tornara-se para ele um reflexo tão habitual, que essa espécie de moscas só muito raramente o importunavam. ⁸No decurso de uma Quaresma, teve uma vez a ideia de fazer um trabalho de verga, a fim de ocupar por completo todos os momentos. ⁹Ora aconteceu que ao rezar Tércia lhe veio esse trabalho à cabeça, e distraiu-se com isso um bocadinho: num impulso do espírito, atirou o trabalho ao fogo, dizendo: «Faço o sacrifício disto ao Senhor, por isto ter perturbado o sacrifício do Senhor». ¹⁰Recitava os salmos com tanta atenção, como se tivesse Deus presente diante de si; ¹¹quando ocorria o nome do Senhor, parecia lambe-los lábios, tanta era a doçura que sentia. ¹²Desejando que se consagrasse o maior respeito ao nome do Senhor, tanto pensado, como proferido ou escrito, aconselhou um dia os Irmãos a que recolhessem qualquer pedaço de papel escrito que encontrassem em lugar menos próprio, e o guardassem em lugar decente, para que não acontecesse vir a ser calcado aos pés o nome do Senhor, que aí porventura poderia estar escrito. ¹³Quanto ao nome de Jesus, sempre que o pronunciava ou ouvia, ficava tão repleto de alegria interior, que chegava mesmo a transparecer no exterior, como se sentisse na boca um sabor de mel ou um concerto harmonioso lhe chegasse aos ouvidos²⁸⁷.

²⁸⁷ Este sentimento integra-se perfeitamente numa tradição espiritual muito antiga. Uma antífona do séc. VIII diz: «*Jesus mel in ore, auri melos*» – Jesus, mel na boca e melodia para o ouvido». Um hino da época e escola de S. Bernardo tem a mesma tonalidade:

Jesu, decus angelicum
In ore mel mirificum

7. ¹Três anos antes da morte resolveu celebrar com a maior solenidade possível a festa do Nascimento do Menino Jesus, ao pé da povoação de Greccio, a fim de estimular a devoção daquela gente. ²Mas para que um tal projecto não fosse tido por revolucionário, pediu para isso licença ao Sumo Pontífice, que lha concedeu²⁸⁸. Mandou preparar uma manjedoura com palha, e trazer um boi e um burrito. ³Convocaram-se muitos Irmãos; vieram inúmeras pessoas; pela floresta ressoaram cânticos alegres... Essa noite venerável revestiu-se de esplendor e solenidade, iluminada por uma infinidade de tochas a arder e ao som de cânticos harmoniosos. ⁴O homem de Deus estava de pé diante do presépio, cheio de piedade, banhado em lágrimas e irradiante de alegria. ⁵O altar dessa missa foi a manjedoura. Francisco, que era diácono, fez a proclamação do Evangelho. ⁶Em seguida dirigiu a palavra à assembleia, contando o nascimento do pobre Rei, a quem chamou, com ternura e devoção, o Menino de Belém. ⁷O Senhor João de Greccio, cavaleiro muito virtuoso e digno de toda a confiança, que abandonara a carreira das armas por amor de Cristo e dedicava uma profunda amizade ao homem de Deus, afirmou que tinha visto um menino encantador a dormir na manjedoura, e que pareceu acordar quando S. Francisco fez menção de pegar nele nos braços. ⁸É crível que se tenha dado esta aparição: há o testemunho não só da santidade do piedoso militar, como a veracidade do próprio acontecimento e a confirmação que lhe deram outros milagres ocorridos depois: ⁹o exemplo de Francisco correu mundo e ainda hoje consegue excitar à fé de Cristo muitos corações adormecidos; ¹⁰a palha dessa manjedoura, conservada pelo povo, serviu de remédio miraculoso para animais doentes e de protecção para afastar muitas pestes. Assim

In aure dulce canticum

In corde nectar celicum.

Celano exprime a mesma maneira de sentir numa forma mais sensível: «Quando pronunciava a palavra Jesus, passava a língua pelos lábios como para saborear a doçura dela» (2C 86).

²⁸⁸ Os outros biógrafos não mencionam esta cautela de pedir autorização superior para a nova liturgia. Uma decretal de Inocêncio III datada de 1207 proibia os «ludi theatrales».

glorificava Deus o seu servo, e mostrava, com milagres indismutáveis o poder da sua oração e da sua santidade.

CAPÍTULO XI

Conhecimento das Escrituras e espírito profético

1. ¹ Por uma aplicação constante à oração e pela não menos constante prática das virtudes, chegou Francisco a uma tal limpidez de alma, que, mesmo sem ter adquirido pelo estudo o conhecimento dos Livros Santos, mas esclarecido pelos fulgores da luz eterna, *penetrava até ao mais profundo das Escrituras*²⁸⁹ com uma subtileza verdadeiramente pasmosa. ² A sua inteligência pura esquadrinhava os mais ocultos mistérios; o seu amor impetuoso conseguia entrar onde a ciência dos mestres se via obrigada a ficar de fora. ³ Lia às vezes os Livros Santos, e aquilo que conseguia entender nunca mais lhe saía da memória: não era em vão que o seu coração ruminava amorosamente aquilo que lhe entrava pelos ouvidos da alma. ⁴ Perguntando-lhe uma ocasião os Irmãos se achava bem que aqueles que entravam na Ordem já com estudos continuassem a aprofundar o estudo das Sagradas Letras, respondeu²⁹⁰. ⁵ «Sim, acho bem, desde que não ponham de parte a oração, a exemplo de Cristo, que segundo consta, orou mais do que leu; e ainda com a condição de não estudarem apenas para saberem falar bem, senão para começarem por pôr em prática o que aprenderam, e depois de o terem posto em prática, então ensinarem aos outros o que convém fazer. ⁶ O que eu pretendo – continuou – é que os

²⁸⁹ Jb 18, 11.

²⁹⁰ O problema dos estudos foi um dos que mais perturbou a Ordem antes de S. Boaventura. A instalação em grandes conventos, a clericalização e a tentação da grandeza – perigos que nasciam quase necessariamente da opção pelos estudos – alarmavam os «espirituais». A *Legenda Perusina* em alguns dos seus textos mais tardios reflecte bem esse alarme. Não seria possível conciliar as duas coisas: a simplicidade evangélica e a ciência? Boaventura crê decididamente nessa possibilidade; e vai ao ponto de a fundamentar no Evangelho, que era o supremo ideal de Francisco. Aliás, este já o precedera nessa orientação, ao conceder a Santo António licença para dar teologia em Bolonha (cf. 2C 102. 162. 189. 194; e também 1C 57).

meus Irmãos sejam discípulos do Evangelho, e que os seus progressos no conhecimento da verdade sejam acompanhados pelos progressos na pureza e simplicidade, de tal sorte que não separem o que o Mestre uniu: a simplicidade da pomba e a prudência da serpente»²⁹¹.

2. ¹ Uma ocasião, em Sena, foi o Santo consultado por um religioso que era doutor de Sagrada Teologia²⁹², sobre alguns assuntos extremamente difíceis. Pois as respostas foram tão claras e tão cheias de unção divina, que esse religioso, apesar de ser um perito no assunto, não pôde deixar de comentar, estupefacto: ² «Não resta dúvida! A teologia deste Santo é como uma águia a voar nas asas da pureza e da contemplação; enquanto a nossa ciência não passa de um verme a rastejar na terra». ³ Embora sem grande facilidade de expressão, esclarecia bem as dúvidas que se lhe propunham, e *lançava muita luz sobre os assuntos mais obscuros*²⁹³. ⁴ Nem é de estranhar, aliás, que o Santo tenha recebido de Deus a compreensão das Escrituras: toda a sua vida exterior era uma imitação perfeita da vida de Cristo, uma concretização contínua da verdade contida nas mesmas Escrituras – e estando totalmente imbuído do Espírito Santo, tinha no coração o próprio autor das mesmas.

3. ¹ Também é de admirar nele o espírito de profecia. Adivinhava o futuro; perscrutava os segredos dos corações; via como presentes coisas que iriam acontecer mais tarde; fazia sentir a sua presença a pessoas ausentes. ² Quando o exército dos Cristãos apertava o cerco à cidade de Damietta, estava o Santo presente, munido apenas da arma da fé. ³ Um dia que os Cristãos se preparavam para o assalto, ao ter notícia disso mostrou-se muito contrariado e desabafou com o companheiro: ⁴ «Revela-me o Senhor que se hoje se travar combate, a sorte não será para o lado dos Cristãos. ⁵ Mas se vou dizer isto, chamam-me palerma; se me calo, não fico com a consciência tranquila. ⁶ Que me aconselhas?» Respondeu-

²⁹¹ Mt 10, 16.

²⁹² Segundo 2C 103, este religioso era um dominicano. Um dos assuntos de discussão era Ez 3, 18.

²⁹³ Jb 28, 11.

-lhe o Irmão: «Acho que não debes ligar importância ao que os homens possam dizer de ti – aliás não seria a primeira vez que te consideravam um pouco transtornado...⁷ Penso que debes libertar-te desse peso de consciência e temer mais a Deus do que aos homens». ⁸ Não precisou de ouvir mais nada. O arauto de Cristo desata a correr para pôr de sobreaviso os Cristãos: adverte-os do perigo, recomenda-lhes que não se lancem a esse ataque. ⁹ Acharam que não passava de treta o que era uma realidade; ¹⁰ teimaram na sua; não quiseram voltar atrás. O exército dos Cristãos avança, desencadeia o ataque, combate à brava – e não tarda em bater em retirada, num desastre medonho, em lugar do triunfo esperado. ¹¹ Foi tal a carnificina, que os cristãos perderam cerca de 6.000 homens, entre mortos e prisioneiros. ¹² Uma lição a tirar: Não lançar ao ridículo a sabedoria dum pobre; a alma *dum justo às vezes descobre a verdade melhor do que sete sentinelas a espreitar lá nos altos*²⁹⁴.

4. ¹ Outra ocasião, após o regresso do ultramar foi pregar à cidade de Celano. Um cavaleiro que tinha por ele muita consideração convidou-o com insistência para a sua mesa. ² Ele aceitou e foi com outro Irmão. Toda a família rejubilou com a chegada dos hóspedes pobrezinhos. ³ Antes de se sentar à mesa, o Santo, como era seu costume, rezou e louvou a Deus, de pé e com os olhos no céu. ⁴ Terminada a oração, chamou à parte o generoso hospedeiro e disse-lhe: «Irmão, como vês, condescendi com o teu pedido e vim comer a tua casa. ⁵ Agora é a tua vez de acederes a um pedido meu, porque não vais comer aqui: vais comer noutro sítio ... ⁶ Confessa sem demora os teus pecados com a contrição e a dor dum autêntico penitente; ⁷ procura não deixar nada por declarar em confissão – porque hoje mesmo o Senhor te vai recompensar de haveres recebido os seus pobres com tanta devoção». ⁸ Anuiu imediatamente o homem às recomendações do Santo, e foi atendido em confissão pelo próprio Irmão sacerdote que acompanhava Francisco: da

²⁹⁴ Ecl 37, 18. Estes acontecimentos passaram-se em 4 e 5 de Fevereiro de 1219.

melhor forma que pôde pôs a casa em ordem²⁹⁵ para receber a visita do Senhor. ⁹ Sentaram-se por fim à mesa. Começavam os convivas a comer, quando de repente o anfitrião exalou o último suspiro, vítima de morte súbita, como o homem de Deus havia predito. ¹⁰ A sua generosa hospitalidade merecera-lhe a recompensa prometida pela Palavra da Verdade: «*Quem recebe um profeta, receberá recompensa de profeta*»²⁹⁶. ¹¹ O aviso profético do Santo permitiu-lhe que se preparasse para a morte repentina; e desta sorte, equipado com as armas da penitência, evitou a condenação perpétua e entrou nos *eternos tabernáculos*²⁹⁷.

5. ¹ Numa altura em que o Santo estava doente de cama em Ri-eti, aconteceu cair também doente e ter de recolher ao leito – porque a enfermidade era grave – um cônego chamado Gedeão, lascivo e mundano. Assim, mesmo de cama, o levaram à presença do Santo. E ele banhado em lágrimas, e com ele todos os presentes, suplicavam que Francisco traçasse sobre ele o sinal da cruz. ² O Santo fez menção de se esquivar. «Como hei-de eu abençoar-te com o sinal da cruz – disse – se até agora tens vivido segundo os apetites da carne, sem receares os juízos de Deus? ³ Mas enfim, atendendo às súplicas de tantos que estão a interceder por ti, vou em nome do Senhor benzer-te com o sinal da cruz. ⁴ Fica sabendo, no entanto, que se ficares curado e depois *recaíres no mesmo procedimento repelente*²⁹⁸, tanto pior para ti: os ingratos regressam sempre a um estado *pior do que o primeiro*»²⁹⁹.

⁵ Traçou então sobre ele o sinal da cruz. E o nosso homem, que estava todo contorcido, ergueu-se, curado, prorrompendo em louvores a Deus: «Estou livre!» – gritava. ⁶ Muitos ouviram as vértebras a ranger-lhe como quando se parte lenha seca. ⁷ Mas não muito tempo depois, tornou a esquecer-se de Deus e a *entregar o corpo à impudícia*³⁰⁰. E uma noite, depois de ter jantado em casa

²⁹⁵ Is 38, 1.

²⁹⁶ Mt 10, 41.

²⁹⁷ Lc 16, 9.

²⁹⁸ Pr 26, 11.

²⁹⁹ Mt 12, 45.

³⁰⁰ Ef 4, 19.

de outro cônego, dormiu lá. De repente desabou o tecto da casa por cima de todos. ⁸ Mas enquanto os outros conseguiram escapar-se, ele, coitado, foi colhido de tal forma que morreu. ⁹ Por justo juízo de Deus, *o último castigo deste homem foi pior do que o primeiro*³⁰¹, por causa do duplo pecado da ingratidão e do desprezo de Deus.

Devemos ser gratos pelo perdão recebido; uma recaída no vício é uma dupla ofensa.

6. ¹ Outra vez, foi uma senhora nobre e piedosa que veio ter com ele, a expor-lhe as suas mágoas e a pedir um lenitivo para elas: ² o marido era uma pessoa intratável e cruel. Ela aguentava-o, mas isso constituía um estorvo no serviço de Cristo. Por isso, vinha pedir ao Santo que rezasse por ele, para que Deus em sua clemência se dignasse dar-lhe melhores sentimentos. ³ Ele ouviu-a e consolou-a: «Vai em paz! Podes ficar certa que não tardará que o teu marido seja para ti um motivo de consolação!» ⁴ E acrescentou: «Diz-lhe, da parte de Deus e da minha, que agora é tempo de clemência, mas que depois virá o tempo de justiça». ⁵ Recebendo a bênção, a senhora regressa a casa. Ao encontrar o marido, transmite-lhe a mensagem. ⁶ E então o *Espírito Santo apodera-se dele*³⁰², transforma o homem velho num homem novo, que responde com uma amabilidade que ela nunca experimentara: «Senhora, vamos então servir a Deus e salvar as nossas almas!» ⁷ Por sugestão da virtuosa esposa, viveram muitos anos em continência e ambos se foram juntar ao Senhor no mesmo dia. ⁸ Como era admirável no homem de Deus este espírito profético! O seu poder restituía o vigor aos membros tolhidos e a piedade aos corações empedernidos; ⁹ a sua lucidez penetrava até aos acontecimentos do futuro e perscrutava o mistério das consciências, qual outro *Eliseu que tivesse herdado duas vezes o espírito de Elias*³⁰³!

³⁰¹ Mt 12, 45.

³⁰² Act 10, 44.

³⁰³ 2Rs 2, 9.

7. ¹ Em Sena, anunciou a um amigo mais íntimo certas coisas referentes aos últimos tempos da sua vida. Chegou isso ao conhecimento daquele teólogo de que falámos atrás, e que de vez em quando vinha discutir com ele textos da Escritura. Um tanto ou quanto céptico, vinha agora perguntar-lhe se de facto ele dissera essas coisas que o amigo do Santo lhe relatara. ² Francisco não se contentou em confirmar que dissera tudo isso: profetizou mesmo a própria morte a esse teólogo que vinha tirar nabos da púcara sobre a morte de outrem. ³ E para eliminar qualquer dúvida, revelou-lhe certa preocupação escrupulosa que lhe mordida a consciência, e que ele nunca confidenciara a ninguém. E depois de lha patentear, curou-lha com salutares conselhos. ⁴ A confirmar tudo isto foi mais tarde a morte desse religioso exactamente nas circunstâncias em que o servo de Cristo prognosticara.

8. ¹ Regressado do ultramar, com Fr. Leonardo de Assis por companheiro³⁰⁴, aconteceu ter de se servir temporariamente de um burro³⁰⁵, por se sentir fatigado e abatido. ² O companheiro seguia-o a pé, também bastante cansado. Deixando-se dominar por um sentimento demasiadamente humano, dizia de si para consigo: ³ «Os pais dele não eram da mesma estofa que os meus, e agora é ele que vai montado, e eu, a pé, a guiar-lhe o burro...». ⁴ Ele a pensar assim, e o Santo a descer da montada com ligeireza e a dizer-lhe: «Não, meu Irmão! Não está certo ir eu montado e tu a pé, tu que no mundo foste mais nobre e mais rico do que eu...». O Irmão caiu das nuvens, de espanto e de vergonha. ⁵ Vendo descoberto o seu pensamento, prostrou-se em lágrimas aos pés do Santo, contou-lhe tudo e pediu perdão.

9. ¹ Outro Irmão³⁰⁶, muito dedicado a Deus e não menos a Francisco, fazia muitas vezes de si para consigo este raciocínio: Quem

³⁰⁴ O Irmão Leonardo pertenceria à família dos senhores de Gislério de Alberico, condes de Sassarosso, o castelo mais poderoso dos arredores de Assis, situado entre Assis e Espoleto.

³⁰⁵ A Regra proibia «andar a cavalo» por ser o cavalo uma montada usada então pelos senhores e pelos ricos.

³⁰⁶ Fr. Ricério.

conseguir conquistar a simpatia do Santo, deve ser digno da graça de Deus; e pelo contrário, alguém a quem ele não ligasse, não deveria contar-se entre os eleitos de Deus. ²Cada vez mais atormentado com esta obsessão, andava morto por obter uma prova de simpatia por parte do homem de Deus, sem no entanto se atrever a revelar o seu segredo a quem quer que fôsse. Chamando-o à sua presença, o carinhoso Pai falou-lhe assim: ³«Não te aflijas com as tuas imaginações, meu filho. Tu és para mim um dos mais queridos dentre os que me são caros. Com revelar-te isto, estou a dar-te a prova que pretendias da minha afeição e simpatia». ⁴O Irmão ficou varado. A sua veneração e o seu amor pelo Santo cresceram ainda mais, e pela graça do Espírito Santo foi acrescentado ainda de maiores mercês.

⁵Outra vez que ele passava uma temporada de recolhimento no seu cubículo do Monte Alverne, um dos companheiros³⁰⁷ viu-se atormentado pelo desejo de obter algumas palavras do Senhor escritas e anotadas pela mão do Santo. ⁶Sentia-se acossado por uma grave tentação, não carnal, mas do espírito; e por esse meio julgava poder ser dela libertado, ou ao menos aliviado. ⁷De facto, sentia-se abatido e angustiado com o caso; por outro lado, tinha acanhamento de se abrir com o santo Pai, a quem muito venerava. ⁸Mas aquilo que o homem não se atreveu a dizer, revelou-lho o Espírito. ⁹Mandou que esse Irmão lhe trouxesse papel e tinta, escreveu com seu próprio punho alguns Louvores ao Senhor, em conformidade com os desejos do Irmão, e por último redigiu a célebre fórmula da sua bênção³⁰⁸. ¹⁰Ao entregar-lha, recomendou: «Aí tens! Guarda com cuidado esse manuscrito até ao dia da tua morte». ¹¹Desde que o Irmão recebeu esse tão desejado presente, não mais se viu atormentado pela tentação. ¹²Esse documento ainda se conserva. E os milagres obtidos por meio dele dão testemunho das virtudes de S. Francisco.

³⁰⁷ Fr. Leão (cf. 2C 49).

³⁰⁸ Actualmente no «sacro convento» de Assis. A bênção encontra-se no verso do mesmo pergaminho em que estão os «Louvores de Deus».

10. ¹ Havia um Irmão que, a julgar pelas aparências, era muito virtuoso, de trato muito afável, mas um tanto singular; passava a vida em oração; ² observava o silêncio com tal rigor, que nem para se confessar falava – fazia-se entender por gestos. ³ Aconteceu ir um dia o santo Pai àquele convento. Viu esse Irmão, naturalmente, e acerca dele trocou impressões com os outros Irmãos. ⁴ Todos lhe teciam os maiores elogios e encômios. O Santo, porém, observou: «Por amor de Deus, meus Irmãos, não me venhais cá com louvores. Isso não passa duma artimanha diabólica. ⁵ Podeis ficar sabendo que aquilo não é mais que uma tentação e um embuste do demónio». ⁶ Ficaram os Irmãos muito chocados com essa interpretação do Santo: era impossível que tantas demonstrações de perfeição encobrissem qualquer fingimento. ⁷ O certo é que não passaram muitos dias até que esse religioso abandonou a Ordem. Ficava assim demonstrado à evidência com quanta perspicácia o homem de Deus lhe penetrara os segredos do coração. ⁸ Aliás, de muitos outros, que pareciam inabaláveis na virtude, ele prognosticou a queda; e de muitos mais ainda, que levavam uma vida de pecado, prognosticou a conversão. ⁹ Não resta dúvida que já contemplava o *espelho da luz eterna*³⁰⁹, cujo reflexo lhe permitia ver com os olhos da alma coisas remotas e distantes como se foram presentes.

11. ¹ Certa ocasião, presidia o seu Vigário Geral³¹⁰ a um Capítulo e ele estava em oração na sua cela, como *intercessor e mediador*³¹¹ entre Deus e seus Irmãos. ² Sucedeu que um deles, alegando qualquer desculpa como quem se cobre com um manto, não se queria sujeitar à disciplina. Vendo isto em espírito, o Santo chamou um Irmão e disse-lhe: ³ «Vi o diabo encarrapitado às costas daquele Irmão desobediente, a apertar-lhe o pescoço; montado por um tal cavaleiro, ele não suporta o freio da obediência e deixa-se governar pelas rédeas do instinto. ⁴ Mas eu roguei a Deus por esse Irmão, e o demónio retirou-se logo, envergonhado. ⁵ Vai, portanto, dizer-lhe que se submeta sem demora ao jugo da santa obediên-

³⁰⁹ Sb 7, 26.

³¹⁰ Fr. Elias.

³¹¹ Dt 5, 5.

cia». ⁷ Assim que recebeu esta mensagem, o tal Irmão mudou logo de atitude para com Deus e foi prostrar-se, num gesto de humildade, aos pés do Vigário.

12. ¹ Chegaram uma vez dois Irmãos ao ermitério de Greccio. Tinham vindo de muito longe, atraídos pelo desejo de verem o homem de Deus e receberem dele uma bênção, pela qual suspiravam havia muito. ² Mas sucedeu que, quando chegaram, já ele tinha deixado a companhia dos Irmãos e se retirara para o seu recolhimento. ³ Desolados por não se poderem encontrar com ele, voltaram pelo mesmo caminho ... Poucos passos tinham dado, e eis que Francisco, contra o seu costume, sai do seu cubículo, chama por eles, abençoa-os em nome de Cristo com o sinal da cruz, como eles desejavam. E isto sem ter tido qualquer informação humana sobre a chegada ou sobre a partida desses Irmãos.

13. ¹ Um belo dia chegaram dois Irmãos da Terra do Labor³¹². O mais velho deles tinha tomado certas atitudes que causaram um pouco de escândalo ao mais novo³¹³. ² Chegados à presença do Santo, perguntou este ao mais jovem como é que o companheiro se tinha comportado com ele durante a viagem. ³ «Portou-se bastante bem» – respondeu ele. «Toma cuidado, meu Irmão – interpelou Francisco – . Olha que nem por humildade se deve mentir! Eu sei, e sei muito bem. Mas espera um pouco e verás...» ⁴ O Irmão ficou admiradíssimo. Como é que ele podia ter conhecimento de coisas passadas a tanta distância? ⁵ Decorridos poucos dias, o tal Irmão que dera escândalo, e que não quisera pedir perdão nem aceitar a correcção que merecia, abandonou a Ordem. ⁶ A queda desse Irmão veio patentear duas coisas: a equidade da justiça divina e a perspicácia do espírito profético do Santo.

14. ¹ Outra faculdade prodigiosa do Santo era a de aparecer aos outros, por virtude divina. Já se referiu atrás como ele apareceu aos

³¹² A Terra do Labor era a região de Nápoles.

³¹³ «Tinha sido, digamos, mais tirano que companheiro. Mas o jovem tudo sofria com admirável silêncio, por amor de Deus» (2C 39).

Irmãos, transfigurado, num carro de fogo; e como apareceu no Capítulo de Arles, de braços em cruz. ²Se Deus quis realizar nele estas maravilhas, foi para patentear, por meio destas milagrosas aparições corporais, como o seu espírito estava presente aos seus, e aberto ³*à luz da Sabedoria eterna, a mais subtil de todas as coisas, que invade tudo em virtude da sua pureza, que percorre as nações e penetra nos corações santos, fazendo deles amigos de Deus e profetas*³¹⁴. ⁴O Doutor supremo que é Deus, costuma revelar os seus mistérios *aos simples e aos pequeninos*³¹⁵, como aconteceu com David, o mais glorioso dos Profetas, com Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, e com Francisco, o Pobrezinho de Cristo. ⁵Todos eram simples e iletrados, e vieram a tornar-se ilustres, graças aos ensinamentos do Espírito Santo: o primeiro, que fora pastor, *tomou conta do rebanho da sinagoga*,³¹⁶ após a saída do Egipto; ⁶o segundo, que fora pescador, *encheu as redes da Igreja*³¹⁷ com uma multidão de crentes; o terceiro, que fora negociante, *comprou a pérola da vida evangélica, depois de ter vendido e distribuído todos os seus bens*³¹⁸ por amor de Cristo.

CAPÍTULO XII

Eficácia da pregação e poder de cura

1. ¹Francisco era essencialmente o servo e ministro fiel de Cristo. E precisamente para agir em tudo com uma perfeita fidelidade é que ele se empenhava em praticar sobretudo as virtudes que o Espírito lhe assinalava como sendo as mais agradáveis a Deus. ²Mas isso fez com que em determinada altura se sentisse assaltado por uma dúvida angustiante, que o não largou durante bastante tempo, e nem sequer a oração lhe resolvia. Decidiu por isso expô-la aos Irmãos mais íntimos: ³«Que me aconselhais, Irmãos? Que achais melhor: que me consagre à oração, ou que vá pregar por

³¹⁴ Sb 7, 24-27.

³¹⁵ Mt 11, 2s.

³¹⁶ Jo 21, 15.

³¹⁷ Mt 13, 47-48.

³¹⁸ Mt 13, 44-45.

essas terras fora? ⁴Eu sou um pobre homem, *sem jeito para falar*³¹⁹: acho que sempre sou mais dotado para a oração do que para a pregação ... ⁵De resto, parece-me que na oração se lucra e recolhe maior abundância de graças, – enquanto a pregação consiste mais na distribuição das graças recebidas do céu. ⁶Na oração purificam-se os sentimentos mais íntimos e realiza-se a união com aquele que é o único, verdadeiro e sumo Bem, duma maneira mais firme; – ⁷na pregação acaba por acontecer ao espírito o que acontece ao corpo: ficar com os pés cheios de pó, quer dizer, sobrevém a dissipação e a relaxação da disciplina. ⁸Na oração falamos a Deus e escutamol'O: vivemos como que uma vida de Anjos, – ⁹ao passo que a pregação obriga-nos a colocar-nos ao nível dos homens, a conviver com eles, a pensar, a ver, a falar, a ouvir como eles ... ¹⁰No entanto, contra todas estas vantagens da oração, há um argumento que me parece irrefutável, que é este: o Filho Único de Deus, que é a Sabedoria suprema, desceu do *seio do Pai*^{320 11} para salvar os homens, a fim de se dar ao mundo como exemplo, de dirigir a todos a palavra salvadora, de derramar o sangue para os remir, purificar e sustentar: nada reservou para si³²¹; deu-nos tudo para nos salvar. ¹²E como devemos em tudo *seguir os exemplos* que nele vemos, parece-me, no fim de contas, que talvez seja mais agradável a Deus, que eu troque a quietude da vida contemplativa pelo trabalho da vida apostólica».

¹³Durante vários dias trocou impressões com os Irmãos nesta linha de ideias, sem conseguir chegar a uma conclusão certa sobre o que deveria escolher e que fosse mais do agrado de Cristo. Ele, que tinha revelações maravilhosas graças ao seu espírito de profecia, não conseguiu esclarecer por si mesmo este dilema. Deus assim o permitia para pôr em evidência por meio dum milagre o

³¹⁹ 2Cor 2, 6.

³²⁰ 1Cor 1, 24.

³²¹ Raciocínio parecido encontra-se na *Carta a Toda a Ordem*, que conclui assim: «Nada de vós mesmos retenhais para vós, para que totalmente vos possua aquele que totalmente a vós se dá» (CO 37).

mérito da sua pregação e para salvaguardar a humildade do seu servo³²².

2. ¹ Na sua autenticidade de Menor, não sentia qualquer constrangimento em pedir conselhos comezinhos às pessoas mais simples, ele que do Mestre supremo recebera as maiores revelações. ² Sobremaneira preocupado em descobrir o melhor modo de servir a Deus segundo a vontade do mesmo Deus, não se cansava de o perguntar a todos. ³ Isso constituía, por assim dizer, o âmago da sua filosofia, o anelo mais profundo do seu coração enquanto viveu: perguntar a todos, letrados e iletrados, perfeitos e imperfeitos, novos e velhos, de que maneira melhor poderia atingir o ápice de perfeição. ⁴ Nesse intuito, escolheu dois Irmãos e mandou-os ir ter com Fr. Silvestre – o tal que vira uma cruz a sair-lhe da boca, e que agora levava uma vida contemplativa num monte sobranceiro a Assis: que ele pedisse a Deus uma resposta para aquele seu dilema, e lhe mandasse dizer alguma coisa da parte do Senhor. ⁵ Idêntico recado mandou à virgem Santa Clara: que conversasse sobre o assunto com alguma das suas religiosas mais isenta de preconceitos e mais simples, e que rezasse com todas, a fim de inquirir a vontade do Senhor³²³. ⁶ A concordância sobre o assunto foi admirável: por inspiração do Espírito Santo, tanto aquele sacerdote venerável como a Religiosa opinaram que era da vontade divina que o arauto de Cristo se dedicasse à pregação. ⁷ Quando os mensageiros regressaram e lhe transmitiram os resultados do inquérito, Francisco sem dilação arregaçou o burel e partiu imediatamente. ⁸ Era tal o entusiasmo com que partia a cumprir as ordens do céu, que quase corria com a pressa – *como se a mão de Deus tivesse descido sobre ele*³²⁴ e lhe tivesse revigorado as forças.

³²² Com todas as razões que apresenta, S. Boaventura quer demonstrar aos «Espirituais» o seu espírito compreensivo. Também ele aprecia a vida eremítica. Mas são precisamente dois «espirituais» autênticos – Clara e Silvestre – que levam Francisco a decidir-se pelo apostolado.

³²³ Sobre este tema cf. também *Florinhas* c. 16.

³²⁴ 2Rs 3, 15.

3. ¹ Ao acercar-se de Bevanha, passou perto dum recanto onde se reunira um grande bando de aves de várias espécies. ² Ao vê-las, o Santo correu para lá, e saudou-as como se fossem seres racionais. ³ Todas se voltaram para ele, parecia que à espera de qualquer coisa. As que estavam empoleiradas nos ramos inclinavam-se e estendiam as cabecitas, fixando nele o olhar com toda a atenção quando o viram aproximar-se. Ele avançou para o meio delas, recomendou-lhes carinhosamente que escutassem a palavra de Deus, ⁴ e falou assim: «Irmãs avezinhas! Tendes imensas razões para louvar o vosso criador, que vos deu esses belos vestidos de penas, vos munuiu de asas para voardes, vos concedeu para habitação a limpidez do espaço, e trata de vós sem precisardes de vos preocupar com nada». ⁵ À medida que lhes ia dizendo estas coisas e outras do género, as aves iam manifestando à sua maneira os seus sentimentos de alegria: estendiam o pescoço, expandiam as asas, abriam o bico, arregalavam para ele os olhitos atentos. ⁶ Ele ia passeando pelo meio delas, com a alma delirante de fervor; roçava-lhes com o hábito, sem que nenhuma se mexesse do seu lugar. Por fim, desenhou sobre elas o sinal da cruz; e então, munidas da sua autorização e da sua bênção, todas levantaram voo ao mesmo tempo. ⁷ No caminho os companheiros contemplavam o espectáculo. ⁸ Quando voltou para junto deles, esse homem puro e simples não teve outro comentário a fazer senão o de inculpar-se da sua negligência, de até ali nunca ter pregado às avezinhas³²⁵.

4. ¹ Continuando a pregar pelas povoações vizinhas, chegou a um burgo chamado Alviano. Reuniu o povo e pediu silêncio. Mas o chilrear das andorinhas, que naquele sítio andavam construindo os ninhos, quase não deixava ouvir nada. ² Então o homem de Deus, perante todo o auditório, dirigiu-se especialmente a elas: ³ «Irmãs andorinhas: agora já é tempo de falar eu; vós já tendes falado bastante! Escutai a palavra de Deus; ficai caladinhas até terminar a pregação!» ⁴ E elas, como se fossem dotadas de com-

³²⁵ Enquanto Santo António (cf. *Florinhas* c. 40) prega aos peixes para confundir os cátaros, S. Francisco prega às avezinhas movido por pura fraternidade espiritual para com elas. Há uma diferença grande.

preensão, calaram-se logo e não se mexeram dos lugares, enquanto o sermão não terminou. ⁵Todos os que presenciaram este episódio ficaram espantados e deram glória a Deus. A fama deste milagre correu pelas redondezas e aumentou a veneração daquelas gentes pelo Santo e a fé em Deus.

5. ¹Na cidade de Parma havia um estudante, muito bom rapaz, que com outros colegas frequentava as aulas com grande aplicação. Mas via-se importunado com o chilreio duma andorinha, e um belo dia gracejou para os colegas: ²«Se calhar esta andorinha é uma daquelas atrevidas que uma vez importunaram S. Francisco quando ele estava a pregar, e que se calaram quando ele mandou ...» ³E dirigindo-se a ela, intimou-lhe: «Em nome do servo de Deus Francisco, ordeno-te que te cales e venhas aqui ter comigo!» ⁴Ao ouvir o nome de Francisco, e como se tivesse sido ensinada por ele, a andorinha calou-se logo e veio poisar e abrigar-se confiadamente nas mãos do estudante, que, ⁵estupefacto, imediatamente a restituiu à liberdade e não mais foi importunado pelo seu trinar.

6. ¹Também noutra altura estava o servo de Deus a pregar em Gaeta, na praia. Acorreu muita gente por devoção, acotovelando-se à volta dele, para o tocarem. Mas o Santo detestava esses aplausos tumultuosos, e saltou sozinho para um barquinho ali ancorado. ²Todos ficaram de boca aberta quando o barco, sem ninguém aos remos, se começou espontaneamente a afastar, como se lá dentro tivesse qualquer motor a movê-lo. ³Às tantas parou, e ficou quieto no meio das ondas, enquanto ele pregava à multidão aglomerada na praia. ⁴Terminado o sermão e presenciado o milagre, o povo recebeu a bênção do Santo e dispersou, pois compreendera que ele não queria ser mais importunado. Então o barco por si próprio regressou à praia.

⁵Perante isto, quem poderia haver tão obstinado e ímpio que menosprezasse as pregações de Francisco, se pela sua penetração até os irracionais lhe obedeciam e os objectos inanimados se moviam?

7. ¹ Para onde quer que fosse o servo de Deus, ia com ele o *Es-
pírito do Senhor, que o ungira e enviara*³²⁶, e o próprio *Cristo,
virtude e sabedoria de Deus*³²⁷. Assim se explica que ele abundasse
em palavras de sã doutrina e brilhasse com milagres portentosos.

² A sua palavra era como fogo ardente que penetrava os recessos
do coração e maravilhava todos os ouvintes, precisamente porque
não fazia alarde de retórica humana, mas apenas espalhava os
perfumes das verdades reveladas por Deus. ³ Tornou-se isso bem
patente, quando uma vez teve de pregar diante do Papa e dos Car-
deais. A pedido do Cardeal de Óstia, gizou e compôs um sermão, e
depois de o aprender de cor, apresentou-se no meio da corte para o
declamar. Mas de repente tudo se lhe varreu da memória ... Não
conseguiu alinhar uma única palavra! ⁴ Confessou então humil-
demente o que acontecera; recolheu-se um instante para invocar a
graça do Espírito Santo, e começou a discursar com tal fluência e
entusiasmo, com um poder tão penetrante sobre a alma dos ilustres
ouvintes, que a ninguém restaram dúvidas: não era ele que falava;
*quem falava era o Espírito do Senhor*³²⁸.

8. ¹ Uma vez que nunca se atrevia a tentar persuadir os outros
com palavras antes de primeiro se ter convencido a si pelas obras,
pregava com convicção, sem receio de que o contradissem.
² Não tinha jeito para contemporarizar com vícios, escarpelizava-os;
o comportamento dos pecadores não lhe merecia brandura, mas
ásperas repreensões. ³ Falava com a mesma audácia a pessoas de
categoria e a pessoas modestas; com a mesma boa disposição se
dirigia a pequenos auditórios e a grandes multidões. ⁴ Homens e
mulheres, jovens e pessoas idosas, corriam a ver e ouvir este ho-
mem novo enviado do Céu. ⁵ Ele percorria todas as povoações,
anunciando entusiasticamente a Boa Nova *com a ajuda do Senhor,
que com numerosos milagres lhe autenticava a doutrina*³²⁹. ⁶ *Em
nome do Senhor*, efectivamente, o arauto da verdade *expulsava*

³²⁶ Is 61, 1; Lc 4, 18.

³²⁷ 1Cor 1, 24.

³²⁸ Act 6, 10.

³²⁹ Mc 16, 20.

*demónios e curava doentes*³³⁰; ⁷ e, mais importante ainda, pela eficácia da sua palavra levava à penitência as almas obstinadas, curando assim ao mesmo tempo corpos e almas. Vamos prová-lo por alguns prodígios que passamos a referir.

9. ¹ Na cidade de Toscanella foi carinhosamente recebido em casa de um cavaleiro, cujo filho único era entrevado de nascença. Cedendo a muitas instâncias do pai, Francisco pegou-lhe pela mão, e a criança imediatamente, à vista de todos, *recobrou a saúde*: os membros *tornaram-se instantaneamente robustos*³³¹, e o menino, são e escoreito, *pôs-se logo a andar e a saltar e a dar louvores a Deus*³³².

² Havia na povoação de Narni um paralítico completamente privado do uso dos membros. A instâncias do bispo, Francisco traçou sobre ele um grande sinal da cruz, desde a cabeça até aos pés. E o homem ficou completamente curado.

³ Na diocese de Rieti, uma mãe debulhada em lágrimas apresentou-lhe o filho. A hidropisia de tal modo lhe fizera inchar o ventre, que a criança nem sequer podia ver as próprias pernas. E isto havia quatro anos... Bastou tocar-lhe com suas benditas mãos o Santo, para ele ficar curado.

⁴ Em Orte havia um menino tão encolhido que juntava os pés com a cabeça e tinha vários ossos partidos. Perante os rogos e as lágrimas dos pais, o Santo traçou sobre ele o sinal da cruz, e repentinamente ele ficou direito e são.

10. ¹ Uma mulherzinha de Gúbio tinha as mãos tão tolhidas e mirradas, que nada podia fazer com elas. Com o sinal da cruz que o Santo lhe fez em nome do Senhor, a cura foi radical; tal como outrora a sogra de S. Pedro, conseguiu logo, por suas próprias mãos, ao chegar a casa, preparar uma refeição para Francisco e seus Irmãos.

³³⁰ Lc 11, 15.

³³¹ Act 3, 7.

³³² Act 3, 8.

²Em Bevanha, uma pequenita, cega, conseguiu ver a luz tão desejada, depois de o Santo por três vezes lhe ter aplicado saliva nos olhos, em nome da Santíssima Trindade.

³Uma mulher de Narni, igualmente atingida de cegueira, recobrou o uso da vista ao receber dele o sinal da cruz.

⁴Em Bolonha havia um menino com uma névoa tão grande em um dos olhos, que dessa vista não via absolutamente nada, e não havia remédio que conseguisse curá-lo. Um sinal da cruz, desde a cabeça aos pés, traçado pelo Santo, foi um remédio santo. Esse menino veio mais tarde a ingressar na Ordem dos Frades Menores e afirmava que via muito melhor daquele olho que estivera doente, do que do outro que sempre estivera são.

⁵Em San Gémini foi o servo de Deus recebido em casa de um senhor piedoso, cuja mulher era atormentada pelo demónio. Depois de ter orado, o Santo intimou o demónio, em virtude da obediência, a que saísse dela. A libertação foi instantânea. Isso mostra com clareza que a teimosia dos demónios não resiste à virtude da santa obediência.

⁶Em Cittá di Castello, igualmente uma mulher estava possesa dum espírito furioso e malvado; uma intimação em nome da obediência pô-lo em fuga desesperada, deixando livre o corpo e o espírito da pobre criatura.

11. ¹Certo Irmão sofria duma enfermidade horrorosa, a tal ponto que muita gente julgava tratar-se antes de uma obsessão diabólica que de uma doença natural: ²atirava-se ao chão, estrebuchava, espumava pela boca, umas vezes contraía os membros, outras vezes retesava-os, agora contorcia-se todo, logo inteirava-se. ³Às vezes, todo hirto, erguia-se no ar horizontalmente, com os pés à mesma altura da cabeça, e caía logo redondamente. ⁴O servo de Cristo condoeu-se dessa vítima duma tão horrível e irremediável enfermidade, e mandou-lhe um bocado do pão que estava a comer. ⁵O doente provou-o, e o efeito foi de tal ordem, que daí em diante nunca mais tornou a sentir qualquer sintoma dessa doença.

⁶No condado de Arezzo estava uma mulher com dores de parto havia muitos dias, sem conseguir dar à luz. A morte parecia iminente. O desespero era total. Os remédios de nada valiam; só o auxílio de Deus poderia salvá-la. ⁷Ora aconteceu passar naqueles

sítios e por essa altura o servo de Deus, a cavalo, dada a sua fraqueza. Atravessou mesmo a povoação em que a pobre mulher se encontrava agonizante. De que é que se haviam de lembrar alguns?

⁸ Ao verem o cavalo em que o Santo montava, tiram-lhe o freio e levam-no para o aplicarem à parturiente. Bastou esse contacto miraculoso, para logo passar todo o perigo e a mulher ter o seu parto com bom sucesso.

⁹ Vivia em Città di Pieve um homenzinho de profundos sentimentos religiosos, que conservava uma corda com que o santo Pai se cingira. ¹⁰ Quando alguém dessa povoação caía doente, o nosso homem ia fazer-lhe uma visita, pedia um copo de água, tocava nessa água com a corda, e dava-a a beber aos doentes. Deste modo foram muitos curados.

¹¹ Também o poder de Deus actuava em doentes que comessem pão que tivesse passado pelas mãos do Santo: recobravam rapidamente a saúde.

12. ¹ Estes e muitos outros milagres davam um esplendor maravilhoso à pregação do arauto de Cristo. As suas palavras eram escutadas com tanta atenção, como se fosse *um Anjo de Deus a falar*³³³. ² Efectivamente, a sua missão bem merece a nossa veneração; o seu ensino, a nossa adesão confiante; a sua santidade, a nossa admiração. Ele foi de verdade o Anjo do Senhor, o anunciador da Boa Nova de Cristo, como o provam incontestavelmente ao mundo inteiro os dez testemunhos que anteriormente apresentámos: as suas virtudes; o espírito profético; o poder miraculoso; a missão de pregador conferida pelo céu; a docilidade das criaturas irracionais; a transformação radical dos corações dos que lhe escutavam a palavra; a ciência sobrenatural infundida pelo Espírito Santo; a autorização de pregar, concedida pelo Sumo Pontífice em consequência de uma revelação; ³ a Regra, confirmada também pelo Vigário de Cristo, e que ensina a maneira de pregar; e finalmente, a autenticar tudo isto, o selo do Grande Rei impresso na sua carne. ⁴ São como dez garantias que atestam de maneira inequívoca, perante o mundo inteiro, que Francisco, arauto de Cristo, foi

³³³ Jz 2, 4.

digno de veneração pela sua forma de vida, autêntico na sua doutrina e admirável pela santidade; por isso pregou o Evangelho de Cristo como verdadeiro enviado de Deus

CAPÍTULO XIII

Os estigmas³³⁴

1. ¹ Tinha por costume o angélico Francisco nunca parar na prática do bem; como os anjos na *escada de Jacob*, ou subia para Deus, ou *descia*³³⁵ para o próximo. ² Aprendera a dividir meticulosamente o tempo outorgado por Deus para a aquisição de méritos: uma parte em trabalhos proveitosos para o próximo, outra parte no recolhimento e na contemplação extática. ³ Depois de se ter dedicado à salvação dos irmãos, duma ou doutra maneira, consoante as circunstâncias de lugares e tempos o exigiam, afastava-se do tumulto das multidões, procurava na solidão um recanto sossegado para mais livremente se dar ao Senhor e, assim, sacudir o pó que porventura lhe tivesse empanado a alma, aquando da passagem entre os homens.

⁴ Após inúmeras vicissitudes, enfim, dois anos antes da morte, cansado de muito trabalho, foi Francisco conduzido pela Providência divina a um lugar *muito alto e retirado*³³⁶ chamado Monte Alverne. ⁵ Tendo começado, como de costume, a quaresma em honra de S. Miguel, sentiu com mais profusão do que nunca a doçura da contemplação celeste, os anelos sobrenaturais e a abundância das graças divinas. ⁶ Erguia-se às alturas, não para *esquadrinhar* por mera curiosidade *os segredos da majestade suprema* – pois nesse caso *seria esmagado pela glória*³³⁷ – mas antes como *servo fiel e*

³³⁴ Este capítulo podemos dizer que resume a tese do livro. É nos estigmas que Boaventura vê o segredo da vida de S. Francisco.

³³⁵ Gn 28, 12.

³³⁶ Os adjectivos empregados encerram uma alusão ao Monte Tabor, o monte da transfiguração de Jesus (Mt 17, 1). A intencionalidade de S. Boaventura é patente.

³³⁷ Pr 25, 27.

prudente,³³⁸ que procura conhecer a vontade de Deus para se conformar inteiramente com ela. Era este o seu único desejo.

2. ¹ Foi assim que se lhe meteu na cabeça – decerto por divina revelação – que, se abrisse o livro dos Evangelhos, o próprio Cristo lhe diria o que seria mais agradável a Deus, tanto no que a ele se referia, como no que respeitava aos outros por intermédio dele. ² Depois duma fervorosa oração, foi buscar ao altar o livro dos santos Evangelhos³³⁹, entregou-o ao companheiro, um Irmão muito santo e piedoso, e pediu-lhe que o abrisse três vezes, em nome da Trindade Santa. ³ Pois das três vezes aconteceu que nas páginas assim abertas aparecia o relato da Paixão do Senhor. Não teve dificuldade em compreender: ele, que durante a vida imitara a actividade de Cristo, deveria, *antes de deixar este mundo*³⁴⁰, assemelhar-se a Ele também nas dores e nos sofrimentos da paixão. ⁴ Apesar de exausto pelas austeridades anteriores e pelo contínuo peso da cruz do Senhor, de modo algum se sentiu aterrado com esta revelação, antes pelo contrário, sentiu-se mais animado a padecer esse martírio: ⁵ o incêndio de amor ao bom Jesus tornara-se inextinguível, avassalava-o todo *em chamas e em fogo*: nem rios de água poderiam *dominar* as labaredas *da sua caridade*³⁴¹.

3. ¹ Arrebatado assim em Deus pelos impulsos do seu amor seráfico, e pelo desejo de se configurar com Aquele que *por um excesso de amor*³⁴² quis ser crucificado, ² certa manhã, por alturas da festa da Exaltação da Santa Cruz³⁴³, estando em oração num barranco da montanha, viu descer do alto do Céu um Serafim com seis asas resplandecentes como fogo. ³ Num voo extremamente rápido, essa figura fixou-se no ar, a pouca distância do homem de

³³⁸ Mt 24, 25.

³³⁹ Nos princípios, Francisco, com messer Bernardone de Quintavale, abre três vezes os Evangelhos e encontra os três textos que sintetizam a vida evangélica. Agora, uma vez mais os abre por três vezes e depara-se-lhe a consumação dessa vida: identificar-se com o Crucificado.

³⁴⁰ Jo 3, 1.

³⁴¹ Ct 8, 6-7. Cf. supra cap. 9, nota 8.

³⁴² Ef 2, 4.

³⁴³ A 14 de Setembro.

Deus. E pôde então observar por entre as asas, a imagem de um corpo humano crucificado, de mãos e pés estendidos e pregados a uma cruz. ⁴Duas asas erguiam-se acima da cabeça, outras duas abriam-se para voar, e as duas restantes encobriam-lhe todo o corpo. ⁵Esta aparição deixou-o profundamente assombrado, enquanto no coração se lhe misturava a tristeza com a alegria: ⁶alegia pela expressão benigna com que se via observado por Cristo na figura desse Serafim – tristeza, porque ao ver o sofrimento de Cristo pregado à cruz, *uma espada de dor lhe trespassava a alma com dolorosa compaixão*³⁴⁴. ⁷O aspecto tão misterioso dessa aparição deixava-o atônito, porque em seu entender não se poderia coadunar o sofrimento de um corpo com a espiritualidade imortal de um Serafim. ⁸Mas graças às luzes do alto, pôde enfim compreender porque é que a divina Providência lhe proporcionava esta visão: era para que ele se fosse acomodando à ideia de que a semelhança que deveria ter com Cristo crucificado se realizaria, não pelo martírio do corpo, mas pelo incêndio total da alma. ⁹A visão, entretanto, desaparecera, deixando-lhe o coração a arder em chama viva – e deixando-lhe também o corpo marcado em chagas vivas. ¹⁰Foi exactamente nessa altura que lhe apareceram nas mãos e nos pés as marcas dos cravos, tais como acabara de as presenciar nesse homem crucificado. ¹¹Tanto as mãos como os pés davam a ideia de terem sido trespassados com pregos: as cabeças desses pregos eram visíveis nas palmas das mãos e na parte superior dos pés, enquanto nas costas das mãos e nas plantas dos pés se podiam ver os bicos dos mesmos pregos. ¹²As cabeças dos pregos eram arredondadas e escuras; as pontas, bastante compridas, apresentavam-se dobradas, como que rebatidas, sobressaindo do resto da carne. ¹³Também ao lado direito do peito apareceu uma cicatriz encarnada, como se tivesse sido aberta por uma lança, a qual por vezes chegava a sangrar, deixando vestígios na túnica e até nos calções interiores.

4. ¹Uns estigmas tão visivelmente impressos na carne não podiam passar despercebidos aos companheiros com quem mais

³⁴⁴ Lc 2, 35.

privava... Por outro lado, o servo de Cristo receava divulgar esse *segredo*³⁴⁵ do Senhor... Um dilema que o encheu de angústia: seria melhor contar ou esconder essa visão que tivera? ²Resolveu chamar alguns Irmãos, expôs-lhes o caso em termos muito vagos, manifestou-lhes a sua perplexidade e pediu-lhes o seu conselho. ³Um deles, que se chamava Iluminado,³⁴⁶ e que de facto costumava ser iluminado pela graça, percebeu que o Santo deveria ter tido qualquer visão maravilhosa – até o seu ar assombrado o dava a entender – e disse-lhe: ⁴«Deves compreender, meu Irmão, que os segredos de Deus te são às vezes revelados, não apenas para teu benefício particular, mas também para proveito dos outros. ⁵Se ocultasses qualquer coisa que recebeste e que poderia contribuir para o bem de muitos, não deixarias de incorrer na reprovação de *ter escondido um talento*»³⁴⁷. ⁶Estas palavras chocaram-no. E embora ele muitas vezes se estribasse naquela frase da Escritura – *o meu segredo é para mim*³⁴⁸ – desta vez, no entanto, contou-lhes, não sem um certo acanhamento, o desenrolar da visão. ⁷O Senhor que lhe aparecera fizera-lhe ainda algumas revelações, mas essas não as confiaria a ninguém enquanto vivesse. ⁸É, portanto, legítimo concluir que essas palavras do Serafim na cruz são tão profundas e misteriosas, que *não é lícito aos homens proferi-las*³⁴⁹.

5. ¹Foi assim que um amor autêntico a Cristo transformou o amigo na imagem do amado. Passados na solidão os quarenta dias previstos, na festa do Arcanjo S. Miguel³⁵⁰, o anjo que era Francisco, *desceu do monte*³⁵¹, ²trazendo consigo a imagem do Crucificado, *não esculpida em blocos de pedra*³⁵² ou de madeira por qualquer mão habilidosa, mas reproduzida na própria carne *pelo dedo*

³⁴⁵ Tob 12, 7.

³⁴⁶ Uma vez mais o Irmão Iluminado se distingue por sua perspicácia, decisão e franqueza.

³⁴⁷ Mt 25, 25.

³⁴⁸ Is 24, 16.

³⁴⁹ 2Cor 12, 4.

³⁵⁰ A 29 de Setembro.

³⁵¹ Mt 8, 1. Terminada a quaresma e passada a festa de S. Miguel, Francisco desce da montanha, qual outro Moisés.

³⁵² Êx 31, 18.

*do Deus vivo*³⁵³. ³ Uma vez que *é aconselhável guardar escondido o segredo do Rei*³⁵⁴, procurava ocultar o mais que podia os sagrados estigmas que o Rei do Céu lhe confiara à puridade. ⁴ Mas como, por outro lado, é próprio de Deus revelar para sua glória as maravilhas que faz, Ele mesmo, que ocultamente imprimira aquelas chagas, por meio delas patenteou numerosos milagres. Assim, o maravilhoso poder dos estigmas escondidos foi revelado ao mundo por meio de acontecimentos miraculosos.

6. ¹ Grassava na região de Rieti uma perigosa peste que vitimava o gado, nomeadamente bois e ovelhas, sem que se vislumbasse qualquer remédio. ² Havia aí um homem de bons sentimentos religiosos, que de noite teve uma visão, sugerindo-lhe que fosse imediatamente ao ermitério dos Irmãos, onde Francisco se encontrava de passagem, recolhesse um pouco de água em que o Santo tivesse lavado as mãos ou os pés, e com essa água borrifasse o gado combalido. ⁴ Levantou-se o homem muito cedo e dirigiu-se ao convento. Por conviência com os companheiros do Santo, consegue arranjar a tal água de lavagem. Corre a aspergir com ela ovinos e bovinos doentes. ⁵ Verdadeiramente espantoso³⁵⁵: mal uma gota dessa água tocava num animal doente e prostrado no chão, logo de repente ele se erguia, cheio de vigor, e corria ao pasto, como se não tivesse tido nenhum achaque. ⁶ Assim, o poder miraculoso dessa água, que apenas passara pelas chagas sagradas, curou os rebanhos da epizootia e eliminou por completo esse flagelo.

7. ¹ Antes de o Santo vir morar para o Alverne, acontecia periodicamente formarem-se nuvens por cima do monte, e resultarem daí tempestades e saraivadas que davam cabo das colheitas. ² Após aquela bendita aparição, com grande espanto dos habitantes, que não sabiam como explicar a mudança, nunca mais caiu granizo; e o próprio céu, ao contrário do normal, apresentava um aspecto

³⁵³ Jo 11, 27.

³⁵⁴ Tb 12, 7.

³⁵⁵ «Mirabile dictu», «mirabile certe»: o Doutor Seráfico esmalta a sua narrativa com exclamações de admiração. São erupções espontâneas da sua alma, e ao mesmo tempo consolida a sua tese da configuração de Francisco com Cristo.

calmo e sereno – como para proclamar à uma a excelência da aparição e o poder dos estigmas aí impressos.

³Quando a fraqueza do organismo e a aspereza dos caminhos a tanto o obrigava, Francisco utilizava para as suas deslocações o burro de um pobrezinho. Numa noite de inverno tiveram de se abrigar debaixo dum penedo, por causa da neve e da escuridão que lhes interceptaram o caminho do hospício onde tencionavam ir pernoitar. ⁴O Santo percebeu que o homenzinho se virava para um lado e para o outro, e soltava uns leves gemidos de queixume, quase imperceptíveis. Devia ser por causa do frio, naturalmente... A roupa era pouca! Francisco, a arder no amor divino, só estendeu a mão e lhe tocou. ⁵Espantoso! Ao contacto dessa mão sagrada, que trazia o incêndio *das brasas do Serafim*³⁵⁶, o homem deixou de sentir frio e teve a sensação de se encontrar numa corrente de ar quente, como a sair da porta dum forno... ⁶Tal era o calor que agora o invadia por dentro e por fora! Todo satisfeito e tão bem aquecido, dormiu até de manhã. Dizia ele mais tarde que nunca na própria cama dormira tão bem como dormiu nessa noite, no meio de pedregulhos e de neve.

⁷Não seria, portanto, legítimo pôr em dúvida que as sagradas chagas foram impressas no corpo de Francisco pelo poder d'Aquele que por meio dos Serafins purifica, ilumina e inflama³⁵⁷ – ⁸uma vez que elas conferiram ao Santo o poder de curar, afugentando a peste, de restituir ao céu a claridade e aos corpos o calor. ⁹Outros prodígios, ocorridos após a morte, viriam a corroborar a mesma convicção. Deles falaremos mais tarde.

8. ¹Por mais cuidado que ele pusesse em esconder o *tesouro achado no campo*³⁵⁸, não conseguiu contudo evitar que alguns lhe vissem os estigmas das mãos e dos pés – apesar de trazer sempre, daí em diante, as mãos meio cobertas e os pés calçados. ²Bastantes Irmãos, com efeito, lhe viram as chagas em vida; e se bem que a

³⁵⁶ Is 6, 6-7.

³⁵⁷ Já no prólogo Francisco nos foi apresentado como um «varão hierárquico», isto é, *purificado, iluminado e perfeito* (cf. *Itinerário IV*, 4 em *Obras*, ed. BAC p. 607).

³⁵⁸ Mt 13, 44.

sua honestidade bastasse para merecerem o nosso crédito, no entanto, para pôr de parte qualquer dúvida, confirmaram por juramento sobre os Evangelhos ser certo que as tinham visto.³⁵⁹ Também as puderam ver alguns Cardeais mais amigos e mais íntimos do Santo. Alguns deles *deram* mesmo *testemunho da verdade*³⁵⁹ por palavra e por escrito, incluindo os louvores dos sagrados estigmas em prosas, hinos e antifonas que compuseram em honra do Santo³⁶⁰.⁴ O próprio Sumo Pontífice Alexandre, num sermão dirigido ao povo e a que assistiram numerosos Irmãos e eu mesmo também assisti, declarou que tinha visto com seus próprios olhos os sagrados estigmas numa altura em que o Santo ainda era vivo³⁶¹.

⁵ Depois da morte, mais de cinquenta Irmãos puderam contemplá-los, assim como Santa Clara com todas as suas Religiosas, e ainda inúmeros fiéis. Muitos deles, como a seu tempo se dirá, beijaram-nos por devoção e apalpam-nos com os dedos para se convencerem plenamente.

⁶ Quanto à chaga do lado, essa conseguiu ele ocultá-la tão bem, que, enquanto viveu, ninguém lha pôde ver senão furtivamente.⁷ Um Irmão que estava encarregado de lhe prestar qualquer auxílio que fosse preciso, servindo-se uma vez dum piedoso estratagem, conseguiu que ele tirasse a túnica a pretexto de ser necessário limpá-la, e pôde assim observar perfeitamente essa chaga, e até medi-la, aplicando-lhe rapidamente três dedos: assim tomou a medida da cicatriz, não apenas pela vista mas até pelo tacto.⁸ Por meio dum ardil semelhante também lha conseguiu ver o Irmão que na altura era Vigário da Ordem.⁹ Um outro Irmão, mas esse absolutamente incapaz de qualquer manhosice, estava uma ocasião a massajá-lo nos ombros, por motivo de doença; e aconteceu que a

³⁵⁹ Jo 5, 33.

³⁶⁰ Citamos alguns desses Cardeais e suas composições: Cardeal Hugolino (Gregório IX): o hino *Proles de Coelo*, o responsório *De Paupertatis horreo* e as antifonas *Plange Turba pauperula* e *Sancte Francisce propera*; Tomás de Cápua; os hinos *Decus morum* e *In coelesti collegio*, o responsório *Carnis spicam* e a antifona *Salve Sancte Pater*; Rainério de Viterbo: o hino *Plaude Turba*; e Estêvão de Casa Nova (?): o hino *Coelorum candor splenduit*.

³⁶¹ Alexandre IV, Papa de 1254 a 1261.

mão lhe escorregou um pouco, desastradamente, chegando a atingir a ferida sagrada e a causar-lhe vivas dores.¹⁰ Daí em diante, para proteger essa ferida do lado, começou a usar uns calções que lhe chegavam até debaixo dos braços.¹¹ Os Irmãos encarregados de lhes lavar e de limpar a túnica de vez em quando, vendo-os assim manchados de sangue, também chegaram à conclusão da existência dessa sagrada chaga; mais tarde, quando ele morreu,¹² puderam *contemplá-la a descoberto*³⁶², eles e muitos outros, e naturalmente venerá-la.

9. ¹Eia pois, valente soldado de Cristo, empunha as armas do teu Chefe invencível, e com elas vencerás todos os inimigos!

²Hasteia a bandeira do Rei supremo; à vista dela se sentirão animados os combatentes do exército divino.

³Mostra o selo do sumo pontífice que é Cristo! *Ele dará às tuas palavras e aos teus actos a garantia da autenticidade*³⁶³, e todos os aceitarão.

⁴Em atenção aos *estigmas do Senhor Jesus, que trazes no corpo, ninguém se atreverá a molestar-te*³⁶⁴, pelo contrário: quem quer que seja servo de Cristo, não pode deixar de testemunhar devoção e afecto para contigo.

⁵Esses estigmas, cuja autenticidade é indesmentível, não apenas suficientemente confirmados *por duas ou três testemunhas*³⁶⁵, mas abundantissimamente comprovados por muitíssimas pessoas, – esses estigmas, digo, são *testemunhos* veracíssimos do próprio Deus em ti e por ti, que aos infieis tiram qualquer motivo de desculpa,⁶ e aos crentes confirmam na fê, alevantam na esperança e inflamam no fogo da caridade.

³⁶² 2Cor 3, 18. Fr. Rufino ou talvez Fr. João de Lodi ou das Loas. Este Fr. João era possivelmente um dos enfermeiros de S. Francisco. De força extraordinária, podia pegar no Santo como se fosse uma criança (cf. 2C 182). Parece ser de identificar-se com o Fr. João de Florença (cf. EP 85 e também 1C 102).

³⁶³ Tt 2, 8.

³⁶⁴ Ga 31, 17. Talvez seja de ver aqui um remoque contra alguns membros do clero secular e mestres da Universidade de Paris, que moviam guerra encarniçada contra as Ordens mendicantes, especialmente contra o ideal franciscano.

³⁶⁵ Dt 19, 15.

10. ¹ Está já cumprida a primeira visão que tiveste: que havias de ser comandante da milícia de Cristo, equipado com armas do Céu e condecorado com as insígnias da cruz.

² Já foi concretizada aquela outra visão de Jesus crucificado, no princípio da tua conversão, *que te trespassou a alma como uma espada*³⁶⁶ de dor; e aquela manifestação divina em que ouviste uma voz a sair da cruz, trono sublime de Cristo e seu misterioso altar, segundo tu mesmo afirmaste, e nós não podemos pôr em dúvida.

³ Já teve cumprimento a visão de Frei Silvestre – da cruz maravilhosa que te saía da boca – bem como a de Frei Pacífico – a das duas espadas em cruz sobre o teu corpo – ⁴ e a do angélico Frei Monaldo, que te viu suspenso nos ares, com os braços entrecruzados, enquanto Santo António pregava sobre o título da cruz.

Essas visões não eram fruto de imaginação, mas autênticas revelações do Céu: a tua vida as confirma e a nossa fé não as pode pôr em dúvida.

⁵ Já se concretizou por último, quase no fim da tua vida, a visão simultânea dum sublime Serafim e dum humilde Crucificado, que, incendiando-te a alma de amor e marcando-te o corpo com os estigmas, fez de ti o *segundo anjo a subir do oriente com o sinal do Deus vivo*³⁶⁷: essa aparição confirma as precedentes, e por sua vez *recebe delas um testemunho de veracidade*³⁶⁸.

⁶ Por sete vezes a cruz de Cristo ou apareceu aos teus olhos ou foi mostrada na tua pessoa aos olhos dos teus companheiros³⁶⁹. Agora vemos que as seis primeiras aparições foram como degraus por onde subiste até à sétima, onde finalmente repousaste. ⁷ Essa cruz de Cristo, com efeito, que te foi proposta e aceitaste logo nos primórdios da conversão, que depois carregaste continuamente no

³⁶⁶ Lc 2, 35.

³⁶⁷ Ap 7, 2.

³⁶⁸ Jo 5, 33-34.

³⁶⁹ Neste parágrafo o Autor sintetiza um pensamento que percorre toda a sua obra: a impressão da cruz na vida e no corpo de Francisco. Simbolizam-na 7 aparições: a do palácio engalanado de pendões marcados com a cruz (1,3), a da caverna (1,5), a de S. Damião (2,1), a de Fr. Silvestre (3,5), a de Fr. Pacífico (4,9), a de Fr. Monaldo (4,10) e finalmente a do Serafim do Alverne (13,3). Estes parágrafos 9 e 10 constituem um verdadeiro hino aos estigmas e uma recapitulação dos capítulos anteriores.

decurso da tua vida irrepreensível, e que apontaste como exemplo aos outros, essa cruz mostra à evidência como finalmente atingiste o ápice da perfeição evangélica.

⁸Essa prova da sabedoria cristã impressa no pó da tua carne, ninguém verdadeiramente religioso a pode rejeitar, ninguém verdadeiramente fiel a pode impugnar, ninguém verdadeiramente humilde a pode menosprezar: ⁹ela é irrefutavelmente obra de Deus, *digna*, por isso, *de toda a nossa aceitação*³⁷⁰.

CAPÍTULO XIV

Agonia e morte

1. ¹Crucificado agora com Cristo,³⁷¹ tanto na carne como no espírito, Francisco ardia, como Cristo, em amor seráfico a Deus, e como Ele *tinha sede*³⁷² da salvação dos homens. ²Como não podia andar a pé por causa dos cravos que lhe saíam dos pés, mandava transportar o seu corpo moribundo por cidades a aldeias, para animar os outros a tomarem a Cruz de Cristo. ³E aos Irmãos dizia: «Vamos começar a servir ao Senhor, meus Irmãos, porque até aqui pouco temos aproveitado!» ⁴Dominava-o a nostalgia dos primeiros tempos da sua vida de humildade, de servir os leprosos como outrora, de reduzir à escravidão, como dantes, o corpo agora alquebrado pelos sofrimentos. ⁵Propunha-se, sob a chefia de Cristo, novas e arrojadas façanhas: o esgotamento físico não lhe tirava ao espírito, sempre forte e valoroso, a esperança de em novas lutas triunfar do inimigo: ⁶não há lugar para preguiça e negligência numa alma em que o aguilhão do amor estimula sempre a mais e melhor. ⁷A carne acabou por se lhe adaptar tão bem ao espírito e lhe ser tão dócil, que nessa escalada para a perfeição já nem sequer resmungava e até tomava a dianteira.

³⁷⁰ 1Tm 1, 15; 4, 9.

³⁷¹ Gl 2, 19.

³⁷² Jo 19, 28.

2. ¹ Mas Deus queria aumentar ainda mais os méritos do Santo, e o mérito só se alcança verdadeiramente pela paciência. Daí o começar ele a ser acometido por tantos e tão graves padecimentos, que quase não havia parte do corpo em que não sentisse violentas dores. ² A tal extremo o levaram as prolongadas e contínuas doenças, que o corpo se *lhe foi mirrando*³⁷³, ficando reduzido a *pele e osso*³⁷⁴. ³ No entanto, quando se sentia atacado por dores mais violentas, não lhes chamava outro nome senão o de «irmãs».

⁴ Um dia em que uma pontada o atormentava mais violentamente que de costume, certo Irmão, na sua simplicidade, recomendou-lhe: «Meu Irmão, *reza ao Senhor*³⁷⁵ para que Ele te trate com um pouco mais de suavidade; a sua mão parece estar a pesar demais sobre ti...³⁷⁶» ⁵ Perante esta observação, o Santo soltou um gemido e disse: «Se eu não conhecesse a tua simplicidade e pureza de intenção, não quereria mais a tua companhia, por te teres atrevido a censurar os desígnios de Deus a meu respeito». ⁶ E, apesar de extenuado pela gravidade e duração da doença, atirou-se para o chão, trilhando os débeis ossos na queda desamparada, ⁷ e beijando o solo, exclamou: «*Agradeço-te, Senhor Deus*³⁷⁷, todos estes sofrimentos, e peço-te que mos aumentes cem vezes, se for do teu agrado. ⁸ Muito gostosamente aceitarei *que continues a afligir-me com dores*³⁷⁸; o meu maior prazer é cumprir a tua santa vontade». ⁹ Aos Irmãos já lhes parecia verem um novo Job, em quem a força da alma ia crescendo, à medida que aumentavam os sofrimentos do corpo.

¹⁰ Com muita antecedência lhe foi revelada a hora da morte. Ao aproximar-se esse dia, anunciou aos Irmãos que não tardaria a *abandonar a tenda do corpo*³⁷⁹ – o próprio Cristo lho comunicara.

³⁷³ Jb 19, 20.

³⁷⁴ Lm 4, 8.

³⁷⁵ Sb 38, 9.

³⁷⁶ Sl 31, 4; 2Cor 1, 8.

³⁷⁷ Lc 18, 11.

³⁷⁸ Jb 6, 10.

³⁷⁹ 2Pe 1, 14.

3.¹ Decorriam dois anos após a impressão dos sagrados estigmas, e vinte desde a sua conversão. À custa de muita marretada de sofrimentos e doenças, estava finalmente talhada, em perfeita esquadria, essa pedra a colocar na construção da Jerusalém Celeste... Estava perfeitamente moldada pelo martelo das tribulações essa obra divina!

² Pede que o transportem para Santa Maria da Porciúncula. Aí recebera o *espírito da graça*³⁸⁰, aí gostaria de entregar o *espírito da vida*³⁸¹. Chegado ali, para mostrar com um exemplo vivo que nada tinha com o mundo, apesar da gravidade dessa doença, que devia ser a última, num ímpeto de fervor, lançou-se completamente nu para a terra nua. Nessa hora suprema poderia o inimigo tentar um derradeiro assalto, desesperado: estava preparado para essa luta corpo a corpo³⁸². ³ Deitado assim por terra, tirou também o cilício com que se mortificava. Com a mão esquerda cobriu a chaga do lado, para que a não vissem. Voltou o rosto para o céu, como era seu costume, e todo embebido já na glória eterna, ⁴ disse aos Irmãos: «O que a mim me competia fazer, fi-lo; Cristo vos ensine a vós a fazerdes o que a vós compete».

4. ¹ Estavam debulhados em lágrimas os companheiros do Santo, extremamente sensibilizados. Um deles, a quem ele chamava o seu guardião, adivinhou por inspiração divina os seus desejos: foi buscar um hábito, um cordão e umas bragas, e entregou-lhas com estas palavras: ² «Toma lá! Empresto-te isto, como pobre que és; recebe-o por santa obediência!» ³ Cheio de alegria, louco de contentamento por ter sido fiel até ao fim à sua Senhora Pobreza³⁸³, levanta as mãos ao céu para agradecer a Cristo este último dom: ⁴ ir ter com ele desembaraçado de tudo, livre, completamente

³⁸⁰ Heb 10, 29.

³⁸¹ Gn 6, 17.

³⁸² Teoria ascética da luta contra o demónio. Nu como os lutadores na arena. Esta nudez é também relacionada mais à frente com a nudez de Cristo na cruz.

³⁸³ A «Senhora Pobreza». A pobreza é considerada como «senhora» ou «rainha». A ideia de pobreza como «esposa» de Francisco é tardia. Para Francisco a pobreza era esposa de Jesus, seu Rei e Senhor.

livre! Até o hábito que levava era emprestado! Chegava a esse extremo o seu zelo pela pobreza.

⁵ Quis assemelhar-se o mais possível ao Cristo crucificado, que esteve pendente na cruz, pobre, atormentado e nu. ⁶ Por isso se despiu diante do Bispo no início da sua conversão, e agora, prestes a morrer, queria sair deste mundo igualmente nu. ⁷ Aos Irmãos que o assistiam pediu por caridade – nem seria preciso nesse momento mandá-lo por obediência – que uma vez morto o seu corpo, o pusessem no chão, nu, e o deixassem ficar assim durante um período de tempo suficiente para uma pessoa andar, devagar, uns mil passos. ⁸ Como poderia ser mais cristão quem exactissimamente quis viver como Cristo viveu, morrer como Cristo morreu, e até depois de morto ficar nu como Cristo? Um homem assim bem mereceu as honras da impressão no seu corpo desta perfeita semelhança.

5. ¹ A hora da partida aproximava-se. Mandou chamar para ao pé dele todos os Irmãos que se encontravam no convento. Dirigiu-lhes algumas palavras de encorajamento, para lhes mitigar a dor que sentiam pela sua morte. Exortou-os com paternal afecto ao amor de Deus. ² Acrescentou ainda algumas considerações sobre a paciência, a pobreza, a fidelidade à Santa Igreja de Roma; recomendou-lhes a observância do Evangelho como mais importante que a de quaisquer outras leis³⁸⁴. ³ Finalmente, sobre todos os Irmãos que o rodeavam estendeu os braços entrecruzados, num gesto que era tanto do seu agrado, e em nome e pelo poder do Crucificado os abençoou a todos, tanto presentes como ausentes. ⁴ E acrescentou: «Adeus, meus filhos! Permanecei sempre no temor do Senhor! ⁵ Não-de sobrevir tentações e não hão-de tardar tribulações: ditosos os que perseverarem no propósito que tomaram. ⁶ Eu agora vou para Deus; confio-vos à sua graça».

⁷ Concluída esta tão terna exortação, mandou trazer o livro dos Evangelhos e pediu que lhe lessem aquele trecho do Evangelho de

³⁸⁴ Francisco rejeita tenazmente qualquer das Regras monásticas admitidas pela Igreja. Para ele outra Regra não podia haver senão o Evangelho. Era uma questão de fidelidade ao seu Senhor Jesus Cristo. S. Boaventura, não obstante sentir tão fortemente a necessidade de dar uma organização à Ordem, não tem dificuldades em aceitar esta posição de Francisco.

S. João que começa assim: «*Antes da festa da Páscoa...*»³⁸⁵

⁸ Depois recitou como pôde o salmo: *Em alta voz clamo ao Senhor, em alta voz imploro o Senhor...*³⁸⁶ Levou-o até ao fim: *Os justos me esperam até ao momento em que me darás a recompensa.*

6. ¹ Enfim, realizados nele todos os desígnios de Deus, a sua alma santíssima desprende-se da carne para ser absorvida no abismo da claridade divina: o Santo *adormeceu no Senhor*³⁸⁷.

² Um dos seus Irmãos e discípulos³⁸⁸ viu aquela alma bendita, sob a forma duma estrela brilhante, transportada por uma branca nuvenzinha, atravessar o azul do firmamento e subir direita ao Céu: aquele brilho era um reflexo da sua sublime santidade, uma emanção das riquezas da graça e sabedoria celeste que mereceram ao Santo chegar à pátria da luz e da paz, onde com Cristo descansa para sempre.

³ Na Terra de Labor era nessa data Ministro Provincial Fr. Agostinho, um Irmão santo e justo, que havia bastante tempo perdera a fala, e agora se encontrava quase à morte. Com grande espanto, os que lhe assistiam, ouviram-no exclamar: ⁴ «*Espera por mim, meu Pai! Espera por mim! Eu também vou já contigo!*» ⁵ Perguntaram-lhe a quem é que interpelava dessa maneira, e ele respondeu: «*Então não vedes o nosso Pai Francisco a ir para o Céu?*» ⁶ E nesse mesmo instante a sua alma santa se separou do corpo e seguiu no encalço do santíssimo Pai.

⁷ O bispo de Assis estava nessa altura no santuário de S. Miguel, no monte Gargano, onde fora em peregrinação. O Bem-aventurado Francisco apareceu-lhe na mesma noite em que faleceu, a dar-lhe a notícia: «*Vou deixar o mundo e partir para o Céu*»³⁸⁹. ⁸ Pela manhã o Bispo contou aos acompanhantes o acontecido, e regressou a Assis, a informar-se.

³⁸⁵ Jo 13, 1.

³⁸⁶ Sl 141.

³⁸⁷ Act 7, 10. Francisco morreu a poucos metros da sua querida capelinha da Porciúncula, numa pequena cabana que servia de enfermaria.

³⁸⁸ Fr. Tiago de Assis.,

³⁸⁹ Jo 16, 28.

Não restavam dúvidas: a hora a que ele recebera o recado do Céu tinha sido a hora exacta do falecimento de Francisco.

⁹As cotovias são aves que gostam da claridade da luz e evitam a sombra do crepúsculo. Pois, apesar disso, à hora do passamento do Santo, ao cair da noite, acorreram em grandes bandos e andaram muito tempo a voar por sobre o tecto da casa onde ele se finava, ¹⁰dando assim, com esse desusado espectáculo e essa insólita alegria, um testemunho à glória do Santo, que tantas vezes as convidara a louvar o Senhor.

CAPÍTULO XV

Canonização e trasladação do corpo³⁹⁰

1. ¹Francisco, servo e amigo do Altíssimo, fundador e chefe da Ordem dos Frades Menores, campeão da pobreza, modelo da paciência, pregoeiro da verdade, espelho de santidade, protótipo da perfeição evangélica, Francisco, digo, ajudado pela graça divina, foi subindo gradualmente desde os primórdios mais humildes até aos cumes mais sublimes. ²Já durante a vida o Senhor o tornara ilustre e admirável em muitos aspectos: imensamente rico na sua pobreza, sublime na humildade, cheio de vida na mortificação, cheio de sabedoria na simplicidade, notável na sua extrema modéstia. Mas, depois da morte, a sua glória tornou-se ainda incomparavelmente maior. ³Ao deixar este mundo para *entrar nas moradas eternas*³⁹¹ e partilhar em cheio na fonte da vida, a sua alma deixava cá na terra, impressas no corpo, provas evidentes *da glória que o esperava* – ⁴essa carne tão santa, *que ele crucificara com todos os seus vícios e transformara numa nova criatura*³⁹², estava ali, por um privilégio único, a dar uma imagem da Paixão de Cristo, e a prefigurar um novo milagre de ressurreição.

³⁹⁰ Os primeiros quatro parágrafos são ainda uma apologia dos estigmas.

³⁹¹ Ecl 12, 5.

³⁹² Gl 5, 4 e 2Cor 5, 17.

2. ¹ Foi então possível observar perfeitamente naqueles membros benditos os pregos, feitos da sua própria carne por maravilhosa intervenção divina, e tão aderentes ao resto da carne, que quando se apertavam dum lado logo sobressaíam do outro, como se fossem tendões rijos. ² Outrossim se pôde observar então a chaga do lado: uma ferida que não era de origem humana, mas reproduzia a chaga do lado do Salvador, que nos alcançou a Redenção e a regeneração. ³ Os cravos apresentavam uma cor escura como a do ferro; a ferida do lado era vermelha e de forma arredondada: como os tecidos, após a morte, se contraíram um pouco, apresentava o aspecto de uma rosa encantadora. ⁴ Toda a superfície da pele, que já de natureza era morena, e mais escura se tornara ainda pelas doenças, aparecia agora duma alvura resplandecente, duma beleza que fazia lembrar aquela «segunda estola» de que fala o Apocalipse.

3. ¹ Os membros não enrijeceram; continuaram moles e flexíveis, parecendo até haverem recuperado a frescura da infância: não faltou quem visse nisso uma prova da sua inocência. ² Com o escuro dos cravos a sobressair assim da alvura da pele, e a chaga do lado a brilhar de vermelha como rosa de Primavera, é fácil compreender a alegria e a admiração de quantos tiveram a dita de presenciar um espectáculo tão belo e tão miraculoso. ³ Debulhavam-se em lágrimas os filhos por se verem privados de tão bom Pai; mas exultavam de júbilo, quando lhe beijavam as insígnias do Grande Rei. ⁴ Era um novo milagre, este de as lágrimas se transformarem em alegria, e a curiosidade em pasmo. ⁵ Um espectáculo tão notável e tão extraordinário não podia deixar de ser, para aqueles que o presenciavam, uma confirmação na fé e um incentivo no amor – e para aqueles que o ouviam contar, um motivo de assombro e o desejo de também o irem ver.

4. ¹ Efectivamente, logo que se espalhou a notícia da morte do santo Pai e se divulgou a fama do milagre vivo que era o seu corpo morto, ocorreu o povo em multidão para o poder observar pessoalmente, eliminando assim qualquer sombra de dúvida, e para transformar em alegria o amor que lhe consagrava. ² Muitíssimos habitantes de Assis foram admitidos a ver com seus próprios olhos

e a beijar devotamente os Estigmas Sagrados. ³Um deles, por nome Jerónimo³⁹³, militar de grande cultura e inteligência – poderíamos dizer mesmo célebre e famoso – tinha as suas dúvidas quanto aos estigmas. *Era incrédulo*³⁹⁴, como S. Tomé... Em presença dos Irmãos e de toda aquela gente, levou a minúcia e a audácia ao ponto de se pôr a fazer mexer os pregos, a movimentar as mãos e os pés do Santo, a apalpar a ferida do lado. ⁴Desta forma, enquanto assim contactava com essas marcas autênticas das chagas de Cristo, ia curando as chagas da dúvida do seu espírito, e também dos outros. ⁵Daí para o futuro tornou-se uma das testemunhas mais convictas da autenticidade dos estigmas, e fez disso juramento solene com as mãos sobre os Evangelhos.

5. ¹Irmãos e filhos, que tinham sido convocados para assistir à morte do Pai, em companhia de grande número de fiéis, passaram aquela noite que se seguiu ao falecimento do bem-aventurado confessor de Cristo, a entoar louvores ao Senhor: parecia mais uma celebração litúrgica de Anjos do que exéquias por um finado. ²Pela manhã, as multidões que entretanto foram chegando, munidas ou de ramos de árvores ou de círios acesos, formaram um cortejo a acompanhar o corpo do Santo até à cidade de Assis, ao som de hinos e de cânticos. ³Esse cortejo passou pela igreja de S. Damião, onde na altura vivia, escondida com outras Irmãs, a santa Virgem Clara – que agora já está a gozar da glória celeste – e aí parou uns momentos para permitir às Religiosas verem e beijarem o corpo precioso ornado das jóias celestes. ⁴Por fim, chegou em triunfo à cidade. Depois de lhe prestarem todas as honras na igreja de S. Jorge³⁹⁵, aí mesmo o sepultaram: nessa igreja principiara ele, quando menino, o estudo das letras; ⁵mais tarde,

³⁹³ Chefe da milícia de Assis em 1228, Jerónimo fora enviado por Gregório IX contra as tropas de Frederico II, que infestava o ducado de Espoleto. Foi eleito «podestá» em 1230.

³⁹⁴ Jo 20, 24.

³⁹⁵ Francisco foi enterrado provisoriamente na igreja de S. Jorge, que mais tarde foi convertida em anexo da basílica de Santa Clara, quando as clarissas, por motivos de segurança, tiveram de abandonar S. Damião e estabelecer-se em mosteiro construído dentro das muralhas da cidade.

pregou aí os primeiros sermões – agora seria aí o primeiro lugar do seu repouso.

6. ¹Passou o nosso Bem-aventurado Pai do naufrágio deste mundo no ano 1226 da Encarnação do Senhor, a 3 de Outubro, um sábado, ao cair da tarde; foi sepultado no domingo. ²Mal chegou à radiosa presença da face de Deus, logo começou a resplandecer com numerosos e portentosos milagres. A santidade sublime que durante a vida mortal dera ao mundo exemplos de perfeição e justiça como normas de conduta, agora *que ele já reinava com Cristo*³⁹⁶, era comprovada pelo Céu com um ror de prodígios para solidificar a nossa fé. ³Em diversas partes do mundo começaram a realizar-se milagres por seu intermédio. Os benefícios assim alcançados, além de incitarem à veneração do Santo, também reavivavam a devoção a Cristo. E essas vozes das palavras e dos factos – as maravilhas que Deus realizava por intercessão do seu servo Francisco – chegaram aos ouvidos do Sumo Pontífice Gregório IX.

7. ¹O Pastor supremo da Igreja não tinha a mínima dúvida acerca da santidade de Francisco, já pelos milagres que dele se contavam após a morte, já por aqueloutros de que ele fora testemunha durante a vida, que ele presenciara com os próprios olhos e tocara com as mãos. Sendo assim, iria imitar o procedimento de Cristo, de quem era Vigário, glorificando o Santo aqui na terra e propondo-o à veneração de todos. ²Mas impunha-se a realização dum vasto inquérito para se chegar a uma certeza humana que legitimasse a glorificação do Santo. Por isso, o Papa determinou que os Cardeais que pareciam menos favoráveis examinassem todos os milagres, desde os que simplesmente passavam de boca em boca, aos que já tinham sido escritos ou até mesmo confirmados por testemunhas idóneas. ³Depois de escrupulosamente discutidos e ponderados, obtido consenso e voto unânime dos Irmãos, dos Cardeais e de todos os prelados que então faziam parte da Cúria, o Santo Padre decidiu proceder à canonização. ⁴Para isso, veio pessoalmente a Assis no ano 1228 da Encarnação do Senhor;

³⁹⁶ Ap 20, 4.

e no dia 16 de Julho, um domingo, no meio de esplendorosas solenidades que seria longo relatar, inscreveu o Bem-aventurado Pai no catálogo dos Santos.

8. ¹No ano do Senhor 1230, a 25 de Maio, durante um Capítulo Geral reunido em Assis, foi aquele santo corpo trasladado para uma basílica construída em sua honra³⁹⁷. Durante a trasladação desse tesouro sagrado e marcado com o sinete do Grande Rei, ²Aquele cuja imagem ele trazia, dignou-se realizar numerosos milagres, para que *guiados pelo seu perfume* de salvação, os fiéis *corressem*³⁹⁸ no encalço de Cristo. ³Em vida, Deus o fizera seu amado e predilecto, transportando-o ao paraíso, como a Enoc, ⁴pela graça da contemplação, e arrebatando-o ao céu *num carro de fogo*³⁹⁹, como a Elias, ⁵pela veemência do seu amor: era justo que os seus *ossos* rescendessem de inebriantes perfumes ao serem removidos *do seu lugar*, agora que ele já se encontrava entre *as flores*⁴⁰⁰ da eterna primavera.

9. ¹Durante a vida resplandecera pelas virtudes; depois da morte resplandece pelos milagres que Deus por meio dele vai realizando em todas as partes do mundo. ²Cegos e surdos, mudos e coxos, hidrópicos e paralíticos, possessos e leprosos, náufragos e prisioneiros, todos têm alcançado remédio para os seus males pelos méritos do Santo; ³não há doença, perigo ou necessidade a que ele não acuda – sem falar nos defuntos por ele miraculosamente ressuscitados. Assim, enaltecendo o seu Santo, patenteia-se aos fiéis a magnificência e o poder do Altíssimo, a quem cabem honra e glória por toda a infinidade dos séculos. *Âmen.*

Termina aqui a biografia de S. Francisco.

³⁹⁷ Muito se criticou esta basílica, por ser contra a pobreza e «minoridade» franciscanas. Deve ser vista, porém, como uma resposta dos homens ao encanto que sobre eles exerceu o Pobrezinho. É uma glorificação deste. E todo o seu misticismo e arte e ternura se conciliam fraternal e humildemente com a simplicidade daquele que, pacificamente jaz na pobreza austera da cripta.

³⁹⁸ Ct 1, 3.

³⁹⁹ 2Rs 2, 11.

⁴⁰⁰ Sab 46, 14.

S. BOAVENTURA – LEGENDA MAIOR

CAPÍTULO SUPLEMENTAR (LM mil)

Alguns milagres ocorridos após a morte de S. Francisco

I – MARAVILHAS DOS SAGRADOS ESTIGMAS

1. Para honra e glória do Deus Todo-poderoso e também secundariamente do seu servo nosso Pai S. Francisco, resolvi descrever sumariamente alguns dos milagres reconhecidos como autênticos e realizados por mediação do Santo após a sua glorificação no Céu. Pareceu-me também oportuno principiar por aquele estupendo prodígio em que se manifestou duma forma especial e eminente o poder e se renovou esplendorosamente a glória da cruz de Jesus.

Francisco, transformado em homem novo, resplandeceu por um prodígio também novo e inaudito, por um privilégio nunca anteriormente concedido a qualquer mortal, ao ser divinamente condecorado com os sagrados estigmas, e dessa forma se assemelhar já em seu corpo mortal, ao próprio corpo do Senhor crucificado. Tudo quanto com palavras humanas se possa dizer sobre essa portentosa maravilha, ficará sempre muito longe do louvor que ela merece.

A grande ideia-força do homem de Deus, tanto em particular como em público, era a cruz do seu Senhor. Desde a primeira etapa da conversão ele trazia impresso no íntimo do coração e da mente o sinal da cruz. E foi para o patentear externamente que se decidiu a viver permanentemente como encerrado em uma cruz, usando um hábito de penitência em forma de cruz. Assim, enquanto o espírito andava unido ao Senhor crucificado, o corpo andava revestido com as armas da cruz: e o mesmo pendão sob o qual Deus triunfara dos poderes infernais, esse orientava agora para o Senhor a nova milícia dos Irmãos franciscanos.

Logo desde os primeiros tempos em que ele encetou a carreira de militar do Crucificado, começaram a manifestar-se nele vários

mistérios da cruz, como mostra com meridiana clareza todo o teor da sua vida. Dessa forma, em virtude de repetidas aparições da cruz do Senhor, num impulso e êxtase de amor, começava a transformar-se em imagem viva do Crucificado, tanto nos pensamentos e afectos do coração como até em atitudes externas. Daí que a clemência do Rei do céu, num gesto de condescendência além de quanto se poderia imaginar para quem tão apaixonadamente o amava, se tenha dignado estampar no próprio corpo de Francisco o estandarte da cruz de Cristo. Dessa forma, aquele que fora agraciado com tão extraordinário amor à Cruz, foi também galardoado com o sinal honorífico da mesma Cruz.

2. É indesmentível a veracidade deste assombroso milagre. Provam-no não só testemunhos absolutamente credíveis de pessoas que viram e tocaram as chagas, como, além disso, aparições miraculosas e casos prodigiosos ocorridos após a morte do Santo – aparições e milagres com peso bastante para dissiparem qualquer sombra de dúvida.

Comecemos pelo senhor Papa Gregório IX, de feliz memória, do qual S. Francisco, numa intuição profética, prognosticara que havia de ser guindado à suprema dignidade apostólica. Antes de esse Papa ter canonizado o porta-bandeira da Cruz, que foi S. Francisco, chegou a andar um tanto atormentado com dúvidas sobre a chaga do lado. Certa noite, porém – como ele próprio contou mais tarde, comovido até às lágrimas – apareceu-lhe em sonhos S. Francisco, de semblante triste; e lamentando a dúvida, embora apenas íntima, do Papa, ergueu o braço direito para melhor deixar ver a chaga, e pediu-lhe um vaso qualquer onde pudesse recolher o sangue que dela escorria. Sempre em sonho, o Papa entregou-lhe o recipiente pedido, e pôde verificar que ele não tardou a ficar cheio do sangue vertido por essa chaga do peito. Daí em diante tornou-se um devoto tão ferrenho do portentoso milagre da estigmatização, e tão zeloso em defendê-lo, que se mostrava magoado e chegava mesmo a repreender com severidade alguém que de qualquer forma o pusesse em dúvida.

3. Certo Irmão da Ordem dos Menores, pregador de ofício, notável por raras qualidades humanas e sobretudo por comprovada

virtude, estava firmemente convencido dos estigmas do santo Pai. Mas ao tentar analisar, à luz da razão natural, o como e o porquê desse prodígio, começou a sentir-se perturbado por um certo resquício de dúvida. Durante muitos dias andou atormentado com essa incerteza, dando mais valor à razão do que à fé. Até que uma noite, enquanto dormia, lhe apareceu S. Francisco. Vinha com os pés enlameados, em atitude humildemente severa e pacientemente irada, interpelou-o com estas palavras: «Que tormentos de incerteza são esses, e que porcaria de dúvidas? Olha bem para as minhas mãos e para os meus pés!» As mãos chagadas via-as ele bem; mas não conseguia ver as chagas dos pés, por estarem cobertos de lama. O Santo intimou-o novamente: «Limpa essa lama dos meus pés para poderes ver as feridas causadas pelos cravos». Com delicada curiosidade o Irmão começou a limpar a lama, e quando lhe parecia que já estava a tocar com os dedos os sítios dos pregos, acabou o sonho e despertou. Começou então a chorar, purificando assim, com o caudal das lágrimas e uma confissão pública, os seus sentimentos, esses, sim, muito enlameados com o lodo da dúvida.

4. Vivia em Roma uma senhora, duplamente nobre, tanto pela linhagem como pela vida cristã exemplar. Escolhera S. Francisco como seu especial protector, e por isso tinha no oratório particular uma imagem pintada do Santo, e diante desse ícone se recolhia muitas vezes em oração. Um belo dia, enquanto orava, reparou que a figura não apresentava estigmas, como ela já vira em outras representações... Começou por isso a sentir pena, além duma certa estranheza por essa falta. De estranho, aliás, não havia nada: simplesmente o artista não os pintara, talvez por prudência... Andou muito tempo a piedosa senhora a cogitar sobre a possível causa dessa falta, quando certo dia, de repente, reparou que a estampa apresentava os sinais maravilhosos das chagas... Ficou assombrada, quase nem acreditando no que via. Chamou imediatamente uma filha, também ela muito piedosa e devota do Santo, e perguntou-lhe se aquela pintura não estivera até então sem quaisquer sinais de chagas. A filha, sem a mínima hesitação, e sob juramento, testemunhou: o ícone anteriormente estivera sempre sem estigmas; era a primeira vez que ela os via ali representados naquela estampa! Mas o espírito humano é tão inclinado à indecisão,

que chega por vezes a questionar as verdades mais patentes. Foi o que aconteceu com a referida senhora. Surgia-lhe agora outra dúvida, não menos angustiante: não seria o caso de a figura do Santo desde o início já ter pintadas as chagas, e simplesmente ela, por falta de perspicácia, não ter reparado nisso? A condescendência do Senhor veio então realizar outro milagre, ao inverso do primeiro, mas capaz de o reforçar: assim como dum momento para o outro tinham aparecido, agora desapareceram de repente as marcas dos estigmas, ficando a figura sem esse retoque miraculoso: um segundo milagre a confirmar o primeiro.

5. Outro caso ocorrido em Lérida, na Catalunha, deu-se com um indivíduo chamado João, muito devoto de S. Francisco. Seguiu ele, ao anoitecer, o seu caminho, à margem do qual se encontrava emboscado alguém, com intenção de agredir mortalmente, não a ele, João, pois dele toda a gente gostava, mas a um outro que o acompanhava e, por acaso, era fisionomicamente muito parecido com ele. Quando os dois passavam junto da emboscada, ao lusco-fusco, um dos agressores saltou do esconderijo, e julgando ser ele a vítima a abater, de tal maneira o golpeou, a ponto de o deixar sem esperança de recuperação. Logo na primeira arremetida, quase lhe decepou um braço, ao nível do ombro, e noutra investida abriu-lhe por debaixo dum mamilo uma fenda tão grande, que por ela chegou a sair uma lufada de ar capaz de apagar seis velas acesas colocadas ali perto! Na opinião dos médicos, seria inútil qualquer intervenção cirúrgica. De facto, não tardou a surgir a gangrena, produzindo um cheiro tão nauseabundo que a própria esposa não o suportava. Sem esperança de cura nem alívio por parte de remédios humanos, o João resolveu suplicar com toda a devoção possível a intercessão de S. Francisco, a quem aliás já invocara, juntamente com a SS. Virgem, no momento de ser agredido. E então aconteceu o milagre: Enquanto ele, prostrado no seu solitário leito de dor, sem poder dormir, dilacerado como estava pelo sofrimento, apenas invocava com gemidos o nome de Francisco, apareceu junto dele um indivíduo vestido com hábito franciscano, e dirigindo-se ao moribundo pelo próprio nome, disse-lhe: «Uma vez que tiveste tanta confiança em mim, o Senhor vai conceder-te a saúde». Perguntando-lhe o doente quem ele era, respondeu que era

Francisco. E logo se debruçou, retirou-lhe os pensos das feridas, e aplicou-lhe às chagas uma espécie de unguento. Mal sentiu o contacto suave e delicado daquelas mãos, que pelo poder das chagas do Salvador lhe obtinham a cura, desapareceu a gangrena, recompueram-se os tecidos, cicatrizaram as feridas, e o doente foi assim restabelecido no seu primitivo estado de saúde. Terminado o tratamento, o santo Pai desapareceu, tão inesperadamente como tinha aparecido.

Ao verificar a cura, o miraculado, não cabendo em si de alegria, desatou a louvar a Deus e a S. Francisco, e chamou a esposa, que veio a correr. Ao ver ali, de pé e completamente são, aquele a quem imaginava ter de sepultar dentro de dias, também ela ficou assombrada; e aos gritos, pôs em alvoroço toda a vizinhança. Acorreram os parentes do sinistrado, os quais, julgando tratar-se dum ataque de frenesi, pretendiam fazê-lo voltar para o leito. Ele estrebuchava, garantia e teimava que estava curado. A dúvida dos presentes não tardou a transformar-se em pasmo: ficaram como fora de si, julgando ser um fantasma aquilo que viam à sua frente. E não deixavam de ter certa razão, pois pouco tempo antes tinham-no visto coberto de feridas horríveis e com partes do corpo a desfazer-se, e agora deparavam com ele cheio de saúde e de alegria! Quando tudo acalmou, ele deu a explicação: «Não vos espanteis, nem me confundais com um fantasma! Acaba de sair daqui agora mesmo S. Francisco; foi ele que com o contacto miraculoso de suas mãos sagradas, me curou por completo de todas as feridas». Divulgando-se a fama deste prodígio, a povoação inteira ficou entusiasmada, e reconhecendo que tão portentoso milagre se devia às chagas de S. Francisco, todos, cheios de admiração e de alegria, começaram a aclamar e a bendizer o porta-bandeira de Cristo. E tinham para isso razões de sobejo. Efectivamente, S. Francisco, fisicamente morto mas espiritualmente vivo em Cristo, ao apresentar-se miraculosamente presente, com o suave contacto de suas mãos obtivera a cura dum homem atingido de golpes mortais. É que o Santo tinha impressos em seu corpo os estigmas daquele que por sua morte misericordiosa e gloriosa ressurreição, sarou pelas próprias chagas o género humano, ferido e abandonado e quase sem vida.

6. Vivia em Potenza, cidade da Apúlia, um clérigo chamado Rogério, cônego respeitável. Atormentado por uma doença, foi certo dia orar a uma igreja onde se venerava uma imagem pintada de S. Francisco, ostentando os gloriosos estigmas. Ao contemplá-la, o cônego deixou-se resvalar para uma certa dúvida sobre tão estupendo prodígio, considerando-o como muito estranho, senão mesmo impossível. Andava ele assim, alimentando em certo modo essa dúvida, quando foi alvo de duas sensações simultâneas e esquisitas: uma foi sentir uma dor aguda na mão esquerda, apesar de calçada com uma luva; a outra foi ouvir ao mesmo tempo um som como o do embate duma flecha arremessada por uma balista. Impressionado com o barulho e aflito com a dor na mão, descalçou imediatamente a luva, para verificar com os próprios olhos o que teria acontecido. E apesar de anteriormente não ter na palma da mão a mais leve beliscadura, via agora no meio dela um ferimento que parecia feito exactamente pelo impacto duma flecha, e sentia uma dor lancinante, quase insuportável. Mas, mais espantoso ainda, a luva não apresentava o menor vestígio de ter sido atingida. Era como se a ferida visível da mão fosse uma espécie de castigo pela chaga oculta da incredulidade do coração. Durante vários dias não fez outra coisa senão queixar-se e lamentar-se pela dor física; mas pouco a pouco foi caindo em si, e reconhecendo que a causa daquilo não fora outra senão a dúvida que alimentara sobre os estigmas de Francisco, ganhou finalmente coragem para confessar que o Santo tivera de facto impressas no corpo as marcas do Senhor. Dissiparam-se-lhe no espírito todas as sombras de dúvida a tal respeito. Começou então a orar com todo o fervor, pedindo ao Santo que viesse em seu socorro; e acompanhava as preces com um caudal de lágrimas. O prodígio não se fez esperar: ultrapassada a incredulidade, à cura do espírito atormentado seguiu-se a da mão ferida. Desapareceu a dor, baixou a febre, e do ferimento não ficou nenhum vestígio. Dessa forma, por uma providencial clemência do Senhor, uma debilidade espiritual foi curada com um cautério corporal; uma vez purificado o espírito, ficou restabelecido também o corpo. Como resultado, o cônego, mais do que o fora anteriormente, tornou-se mais humilde e devotado ao Senhor e reconhecido a S. Francisco e à Ordem franciscana, à qual daí em diante ficou para sempre singularmente dedicado. Este milagre, bastante

estranho, muitos o confirmaram sob juramento; e a notícia dele chegou até nós autenticada com a garantia dum selo episcopal.

Perante tão numerosos e insignes testemunhos, ninguém de boa fê poderia pôr em dúvida a existência dos sagrados estigmas em S. Francisco. Tão-pouco seria lícito pensar que semelhante prodígio não seria consentâneo com a bondade de Deus: «Não seja mau o teu olhar por Deus ser bom!» (Cf. Mt 20,15). Com efeito, se os membros do Corpo Místico estiverem unidos a Cristo, sua cabeça, por verdadeiro amor, à semelhança dum exército bem ordenado para o combate, e destinados à mesma glória no Reino, nenhum deles, estando no bom uso das suas faculdades, deixaria de reconhecer que tais prodígios redundam afinal em honra e glória de Cristo.

II – MORTOS RESSUSCITADOS

1. Na povoação de Monte Marano, não longe de Benevento, faleceu certa senhora muito devota de S. Francisco. Estavam reunidos em casa da defunta alguns clérigos, com intenção de à noite cantarem os salmos próprios dos funerais. Nisto, de repente e à vista de todos, a mulher levanta-se do leito em que estava deitada, chama um dos sacerdotes ali presentes, que era seu padrinho, e diz-lhe: «Padre, quero confessar-me! Atenda-me, por favor. Quando faleci, deveria ir logo direitinha para o terrível calabouço, por não ter ainda declarado em confissão um pecado bastante grave... Mas tive a sorte de por mim interceder S. Francisco, de quem era muito devota; e por intercessão dele foi-me concedida a graça de regressar ao corpo, para ter oportunidade de declarar essa culpa e poder alcançar assim a vida eterna. Depois de eu receber a graça deste sacramento, todos podereis testemunhar como segurei para o descanso eterno prometido». A tremer de comoção, confessou-se ao sacerdote, também ele comovido. Depois de receber dele a absolvição, voltou a reclinar-se tranquilamente no leito, e com a alegria a inundar-lhe o rosto, adormeceu tranquilamente no Senhor.

2. Vivia na aldeia de Pomarico, situada nas montanhas da Apúlia, uma família composta apenas de três pessoas: os pais de

uma filha única de tenra idade, a quem amavam com especial ternura, até porque não havia esperança humana de poderem vir a ter mais filhos. Adoecendo a menina a ponto de parecer em iminente perigo de morte, o choque dos pais foi tão grande, que também eles já se sentiam como mortos pela morte da filha. Quando ela, passado pouco tempo, expirou, juntaram-se parentes e amigos para o triste funeral. A desditosa mãe, vencida pela atrocidade da dor e quase desvairada, mal dava conta do que acontecia. Entretanto, S. Francisco, acompanhado de um outro frade, dignou-se em uma aparição visitar a desolada mãe, que ele sabia ser muito sua devota, dirigindo-lhe estas piedosas e consoladoras palavras: «Não chores mais! Essa criança, luz dos teus olhos que já consideravas extinta, vai ser-te restituída por minha intercessão». Mal podendo acreditar no que lhe fora dito, a mulher levantou-se imediatamente, contou a todos o que o Santo lhe dissera, e não permitiu que levassem a enterrar o cadáver da menina. Cheia de confiança em S. Francisco, pegou na filhinha morta, levantou-a e apresentou-a aos olhares esbugalhados dos circunstantes: todos puderam ver a criança novamente viva e sã.

3. Os religiosos franciscanos de Nocera estavam empenhados em determinada obra, para cuja execução viria a calhar uma carroça. Como era instrumento que não tinham, resolveram pedir uma emprestada a certo cavaleiro chamado Pedro. Não esperavam dele uma reacção tão desabrida: mal lhe tinham pedido o pequeno favor, ele respondeu com um insulto; e quando eles, com muita humildade, lhe falaram em esmola por amor de Deus e de S. Francisco, ripostou com uma blasfêmia. Felizmente, o homenzinho não tardou a arrepender-se dessa sua atitude tão infeliz e tão estúpida, e passou a andar aterrorizado com medo de vir a ser por isso gravemente castigado. Receios bem justificados, como se verificou pelo que logo a seguir aconteceu: adoeceu-lhe de repente o filho mais velho, e morreu passado pouco tempo. O pobre do pai revolteava-se por terra, e invocando sem cessar o Santo a quem ofendera, exclamava com lágrimas nos olhos: «Quem pecou fui eu! Fui eu quem disse palavras tão insensatas e blasfemas! Sobre mim é que seria justo que desabasse o merecido castigo! Mas agora estou arrependido. Por isso te peço, meu bom Santo, que

permitas me seja restituído o tesouro que me foi tirado quando blasfemei contra ti! A ti me entrego com toda a confiança; prometo consagrar-me ao teu serviço para sempre, e para sempre oferecerei a Cristo um sacrifício de louvor em honra do teu nome». Mal ele acabara de pronunciar estas palavras, ocorreu o milagre: o menino ergueu-se, pediu ao pai que deixasse de chorar, e explicou como fora por intervenção de S. Francisco que a sua alma, depois de se haver separado do corpo, voltara a ele para lhe restituir a vida.

4. Em Roma, um menino de sete anos, filho dum notário, queria acompanhar a mãe à igreja de S. Marcos. Convencida de se tratar apenas dum capricho de criança, a mãe opôs-se terminantemente: obrigou-o a ficar em casa e fechou-lhe a porta. Sem se dar por vencido, o rapazinho atirou-se duma janela abaixo, e a violência da queda provocou-lhe morte instantânea. A mãe ainda não ia longe. Ao ouvir o baque produzido pela queda, suspeitando tratar-se do próprio filho, voltou atrás, a correr. Ao deparar com a criança, morta assim duma forma tão repentina e tão trágica, começou, em gestos de dor, a dilacerar-se com suas próprias mãos, e em lancinantes gritos de desespero a mover à compaixão toda a vizinhança. Por essa altura tinha chegado a Roma, para pregar, um Irmão da Ordem dos Menores, por nome Raho. Informado do acontecido e comovido também ele pela desgraça, aproximou-se do corpo inerte da criança, e cheio de fé, perguntou ao pai: «Acreditas que S. Francisco pode obter de Deus a ressurreição do teu filho, pelo amor com que esse Santo sempre amou a Cristo, morto na cruz para restituir a vida à humanidade?» Ele respondeu que sim; que o acreditava firmemente e com toda a coragem o proclamava, e mais: que estava disposto a consagrar-se para sempre ao serviço do Santo, se por intermédio dele viesse a alcançar tão grande graça. O religioso prostrou-se então em oração, convidando todos os presentes a fazerem o mesmo. Terminada a súplica humilde e comovida, a criança começou a dar os primeiros sinais de vida: mexeu-se um bocadinho, depois abriu os olhos, levantou os braços, e por si mesma se ergueu e deu uns passos, perante o assombro de todos... Estava vivo e ileso! A intercessão miraculosa de S. Francisco restituíra-lhe a vida e a integridade física.

5. Na cidade de Cápua andava um grupo de crianças a brincar numa das margens do rio Volturno, quando um dos meninos, mais descuidado, caiu à água. Arrastado pelo ímpeto da corrente, não tardou a morrer afogado, ficando sepultado na areia do fundo do rio. Perante os gritos das crianças que com ele brincavam e o viram a ser tragado pelas águas, não tardou a aglomerar-se uma enorme multidão de gente. E quase toda essa gente sabia da grande devoção dos pais do afogado para com S. Francisco. Por isso, todos em coro começaram a invocar o Santo, pedindo-lhe que livrasse a criança inocente do perigo de morte. Entretanto, atraído pelo espectáculo e pelos clamores daquela multidão, um indivíduo que andava a nadar no rio aproximou-se. Informado da triste ocorrência, e invocando também ele a protecção de S. Francisco, voltou a mergulhar. E ao cabo de algumas buscas identificou o sítio onde os sedimentos já tinham recoberto o cadáver da criança, à maneira duma campa... Esgaravando um pouco, conseguiu extrai-lo; trouxe-o para fora e deitou-o no chão. A multidão, apesar de ver ali diante dos olhos o menino morto, não cessava de interceder com lágrimas e fortes brados: «Glorioso S. Francisco! Restitui este menino a seus pais!» Essa súplica persistente e confiante não podia deixar de surtir efeito: perante o olhar alegre e pasmado de todos, o menino ergueu-se, completamente refeito, e pediu que o levassem à igreja de S. Francisco, a fim de dar graças ao Santo, pois sabia que fora milagrosamente ressuscitado por sua intercessão.

6. No concelho de Sessa Aurunca, em certa aldeia chamada das Colunas, aconteceu desabar repentinamente uma casa, apanhando um jovem e causando-lhe morte instantânea. Alarmados com o estrondo provocado pela derrocada, acorreram de toda a parte homens e mulheres, e começaram a retirar os escombros, até encontrarem o cadáver, que entregaram à desolada mãe. Com a voz embargada pelos soluços, ela apenas suspirava, num gemido doloroso: «S. Francisco! Meu bom S. Francisco! Dá-me o meu filho!» Unindo-se a tão comovente súplica, todos os presentes imploraram com fervor o patrocínio do santo Pai. Mas como as súplicas pareciam não ser atendidas, resolveram depositar o cadáver num esquife, a fim de procederem ao seu enterro no dia se-

guinte. A mãe, porém, continuava inteiramente confiante na bondade do Senhor e na mediação do Santo. E fez então a promessa de oferecer uma toalha nova para o altar de S. Francisco, se ele lhe obtivesse de Deus o regresso do filho à vida. E eis que por volta da meia-noite começa o jovem a mexer os lábios, o corpo vai adquirindo a temperatura normal, levanta-se e sai do caixão, cheio de vida e saúde! É ele o primeiro a louvar o Senhor. Mas não deixa de convidar também o clero, que ali se reunira para as cerimónias fúnebres, e todo o povo: Em vez da triste salmodia dos finados, todos eram convidados a associarem-se à sua alegria, e a darem graças a Deus e a S. Francisco.

7. Um jovem chamado Gerlandino, natural de Ragusa, por altura das vindimas, dirigia-se ao lagar para encher umas vasilhas. De repente, por oscilação dumas pesadas vigas, desprenderam-se do cimo algumas pedras, atingindo-o em cheio na cabeça e provocando-lhe morte imediata. Acorreu logo precipitadamente o pai; mas ao ver o filho com a cabeça esfacelada, ficou tão transtornado que nem teve coragem de lhe prestar qualquer auxílio... Apenas desatou a gritar. Ao ouvirem esses gritos de desespero, acudiram sem demora outros vinhateiros; consternados também eles, tentaram logo libertar e remover o cadáver. Entretanto, o pai prostrara-se de joelhos aos pés dum crucifixo, e com muita humildade e confiança pedia ao Senhor que por intercessão de S. Francisco, cuja festa litúrgica estava próxima, se dignasse devolver-lhe vivo aquele seu filho único. Não se cansava de repetir o pedido e de fazer piedosas promessas, sobretudo a de ir com o filho visitar o túmulo do Santo em Assis, se ele ressuscitasse. E o certo e espantoso é que ressuscitou mesmo. Aquele rapaz, atingido mortalmente na parte mais nobre do seu corpo, foi restituído à vida e a perfeita saúde. Como se nada de grave se tivesse passado, ergueu-se e declarou aos presentes que não gostara de os ver a lamentarem-no assim. Assegurou que fora restituído à vida por mediação de S. Francisco.

8. Igualmente por intercessão de S. Francisco o Senhor ressuscitou outro defunto na Alemanha. Foi o próprio senhor Papa Gregório, na cerimónia da solene transladação do corpo do Santo,

perante uma multidão enorme de Irmãos reunidos para a solenidade da transferência e para um Capítulo a celebrar na mesma altura, quem o comunicou e autenticou com a sua autoridade apostólica, enchendo a todos de alegria. Porém, como não conheço pormenores do caso, não faço a narração desse milagre, até porque o testemunho papal dispensa qualquer outro termo de garantia.

III – EVASÕES DA MORTE

1. Nos arredores de Roma vivia um nobre chamado Rodolfo, com sua mulher, muito dedicada às coisas de Deus. Já por espírito de hospitalidade, mas sobretudo por amor e devoção a S. Francisco, esse casal deu certo dia hospedagem, em sua casa, a uns Frades Menores que por ali passaram. Na noite imediata, enquanto o vigilante do castelo dormia como um justo, no alto da torre, deitado em cima duma rima de lenha, por qualquer motivo imprevisto a estrutura desfez-se, e o infeliz escorregou primeiro para o telhado do palácio, e daí tombou para o solo. O estrondo produzido acordou toda a gente. Imaginando algum desastre ocorrido com o guarda, acudiram imediatamente os patrões da casa, e também os religiosos seus hóspedes. O acidentado, porém, apesar de ter caído de tão alto, dormia num sono profundo, sem ter acordado, nem quando resvalou para o telhado, nem quando daí caiu ao chão, nem tão-pouco com o barulho do pessoal da casa que acorrera em seu socorro. Só quando começaram a puxar-lhe pelos braços e a abaná-lo é que ele deu sinal de si, queixando-se de lhe terem interrompido um sonho maravilhoso e repousante, em que se sentia a dormir tranquilo nos braços de S. Francisco. Ao explicarem-lhe o acidente em que ele estivera envolvido e ao lembrar-se que de facto tinha ido dormir ao cimo da torre e agora estava cá em baixo, no chão, o homem ficou varado, sobretudo por ter dado um trambolhão tão grande sem sentir nada e sem ficar nada magoado. Como testemunho da gratidão para com Deus e S. Francisco, diante de todos se comprometeu a fazer penitência, mudando para melhor a sua vida religiosa.

2. Numa aldeola da Campânia chamada Pofi, o padre Tomás resolvera ir consertar qualquer avaria num moinho pertencente à

paróquia. Avançava ele muito calmamente ao longo do canal por onde as águas corriam com bastante impetuosidade, quando teve a má sorte de cair à corrente e ser arrastado para o rodízio do moinho. Viu-se assim numa posição crítica: enredado lá no fundo pelas pás de madeira, e por ter ficado deitado de costas, com a água a cair-lhe em catadupas no rosto, nem sequer podia gritar por socorro: mas pôde com o coração invocar fervorosamente S. Francisco. Por muito tempo permaneceu nessa situação. Só bastante mais tarde alguém deu pelo desastre e apareceram várias pessoas a tentar socorrê-lo. Embora sem grande esperança de o salvar, empregando toda a energia de que foram capazes, conseguiram momentaneamente contrariar a força da água e fazer girar um pouco a roda do moinho em sentido contrário, libertando assim o corpo do padre. Mas, debilitado como se encontrava, não conseguia levantar-se, e começou então a baloiçar, às voltas, na corrente das águas. Eis senão quando, um Frade Menor, vestido de hábito branco e cingido duma corda, com delicadeza o agarrou por um braço e o retirou para fora do caudal, dizendo-lhe: «Eu sou Francisco, a quem tu invocaste, não com a boca, mas com o coração». Vendo-se assim safo, o sacerdote, estupefacto e agradecido, quis beijar as pegadas do Santo, mas não conseguia mais vê-lo. Correndo para um lado e para o outro, perguntava aos presentes: «Onde é que ele está? Para onde foi? Que caminho seguiu?» Ninguém sabia responder-lhe, porque só ele o tinha visto miraculosamente. Todos estavam pasmados, e prostrando-se por terra, começaram a enaltecer as maravilhas de Deus e a humilde e valiosa intervenção do seu servo Francisco.

3. Um grupo de rapazes novos de Celano saíram para a ceifa. Num dos campos onde iam segar erva existia um poço, camuflado pela própria natureza: a boca do mesmo estava totalmente oculta pela verdura, ali ainda mais pujante pela maior humidade. No interior, a água atingia a altura de uns seis metros. Andavam os moços entusiasmados na sua faina, não em grupo, mas separados uns dos outros, quando um deles, desconhecendo a armadilha, caiu desamparado no referido poço. Mas enquanto o corpo mergulhava no escuro, o espírito do rapaz erguia-se em prece a implorar o auxílio de S. Francisco, exclamando, num brado de fé e confiança:

«Acode-me, meu S. Francisco!» Não tardou que os companheiros, dando pela falta dele, se pusessem a gritar, a chorar, a andar às voltas, procurando-o por todos os lados. Quando por fim descobriram que ele caíra ao poço, foram a correr à povoação, a contar o sucedido e a pedir auxílio. Voltando ao lugar do sinistro com grande quantidade de homens, fizeram descer um deles, preso por uma corda. E que havia ele de ver? O jovem, calmamente deitado na superfície da água, sem qualquer ferimento nem dano. Quando o içaram do poço, o rapaz explicou: «No momento de cair, invoquei o auxílio de S. Francisco, e ele imediatamente me apareceu em pessoa, estendeu-me a mão para me segurar, amparou-me com todo o cuidado, e nunca mais me abandonou até vocês aparecerem aqui para me retirarem».

4. Na igreja de S. Francisco em Assis estavam presentes vários membros da Cúria romana ouvindo a pregação do senhor Bispo de Óstia, que mais tarde viria a ser o Papa Alexandre IV. Naturalmente por um lamentável descuido, alguém deixara, mesmo à borda do púlpito, bastante alto, uma pedra grande e pesada. Devido porventura a vibrações provocadas pela aglomeração de tanta gente, o certo é que a pedra veio a cair sobre a cabeça duma mulher, deixando-a inanimada. As pessoas que se encontravam junto dela, vendo-lhe a cabeça rachada e a sangrar, chegaram a considerá-la morta, e cobriram-na com o xaile que levava, na intenção de retirarem da igreja o cadáver no fim do sermão. Aconteceu entretanto que ela, apesar de estonteada com a tremenda pancada que apanhara na cabeça, encomendou-se com plena confiança a S. Francisco, diante de cujo altar fora atingida e ficara prostrada. Terminado o sermão, a mulher, sem esperar que ninguém fosse ajudá-la, ergueu-se perante o olhar atônito dos presentes, toda fresca, sem o menor vestígio de qualquer lesão. Já isso era espantoso. Mas talvez mais espantosa ainda tenha sido outra circunstância: havia muito tempo que ela padecia quase continuamente de dores de cabeça; pois, a partir desse acidente, ficou totalmente livre da enxaqueca, como ela mesma veio a verificar e a testemunhar mais tarde.

5. Para presenciarem a fundição dum sino que ia ter lugar junto ao convento dos Franciscanos em Corneto, reuniram-se várias pessoas, curiosas e devotas. Entre elas sobressaía um garoto de oito anos, chamado Bartolomeu, que tivera a gentileza de trazer aos Irmãos um presente para os trabalhadores. Nisto levantou-se quase de repente uma tal ventania, que chegou a arrancar um grande e pesado portão junto do qual o Bartolomeu se fora defender do vento. O rapaz ficou totalmente coberto por aquele peso enorme, e todos julgaram que ele teria sido mortalmente esmagado. Os presentes acorreram logo, enquanto invocavam também a piedade e protecção de S. Francisco. Só o pai do menino é que não foi em auxílio material do filho, porque, tolhido pela comoção, ficou de membros hirtos, sem poder mover-se. No entanto, estava lúcido, e fez a promessa de oferecer o filho a S. Francisco, se este o salvasse. Quando conseguiram retirar de cima da criança o pesado portão, verificaram com espanto que ela não estava morta, como seria de esperar, mas pelo contrário se mostrava toda contente, como se tivesse acordado dum sono repousante, e sem apresentar qualquer ferimento. Esse menino, milagrosamente salvo por mediação de S. Francisco, ao completar 14 anos fez-se Frade Menor, e veio mais tarde a ser um famoso pregador e escritor.

6. Vários pedreiros de Lentini tinham talhado no monte uma grande alvenaria: um monobloco destinado a servir de altar numa igreja de S. Francisco prestes a ser consagrada. Só para a carregarem foram convidados nada menos de 40 homens. Depois de várias tentativas frustradas, o resultado foi ela cair sobre um dos carregadores: assim, antes de ser pedra de altar, foi pedra tumular. Ficaram todos sem saberem que fazer; a maior parte, desorientados e aturdidos, simplesmente fugiram. Mas houve uns 10 mais corajosos que ficaram e não desanimaram do intento: com a voz repassada de tristeza, começaram a invocar S. Francisco, suplicando-lhe que não deixasse perecer assim, de forma tão trágica, um seu devoto, que ainda por cima estava a trabalhar para ele... Num gesto de coragem que embora mais parecesse temerário, era sobretudo confiante, experimentaram novamente remover a pedra. E apesar de agora serem em muito menor número do que anteriormente, conseguiram-no com tanta facilidade, que ninguém duvidou da

intervenção milagrosa do Santo. O operário, liberto daquele fardo tão pesado, levantou-se, completamente ileso, e mais ainda, a ver perfeitamente bem, ele que anteriormente sofria de cataratas. Conclusão a tirar de tudo isto: mesmo em casos desesperados, é duma eficácia maravilhosa a intercessão de S. Francisco.

7. Outro prodígio análogo ocorreu em S. Severino, na província de Marca de Ancona. Numerosos e possantes homens transportavam para a basílica de S. Francisco um enorme bloco de pedra vindo de Constantinopla, quando de repente ele escorregou e caiu sobre um dos transportadores. Todos pensaram, é claro, que o infeliz ficara esmigalhado, sem vida. Mas S. Francisco protegera-o, como que aguentando ele o enorme peso da pedra; e o homem não teve dificuldade em sair para fora desse túmulo, sem a menor beliscadura.

8. Um tal Bartolomeu, de Gaeta, desunhava-se afincadamente na construção duma igreja em honra de S. Francisco, quando um barrote mal seguro se desprende e lhe caiu em cima da nuca, deixando-o muito maltratado. Como bom cristão, fiel e piedoso, pressentindo a morte iminente, pediu a um Irmão para lhe administrar o Viático. O Irmão, porém, convencido de não ter tempo suficiente para lho trazer, tentou confortá-lo com aquela célebre sentença de Santo Agostinho: «Tem fê, e é como se comungasses!» (*Crede, et manducasti!*). Quando o sinistrado, à noite, conseguiu dormir, sonhou que lhe aparecia S. Francisco, acompanhado de onze Irmãos, e com um cordeirinho aconchegado ao peito. Aproximando-se da cama e dirigindo-se-lhe pelo próprio nome, declarou-lhe: «Coragem, Bartolomeu! O inimigo que pretendia inutilizar-te no meu serviço, não levará a dele avante. Aqui está o Cordeiro de Deus, que pediste para te trazerem, e que pelo teu santo desejo recebeste; ele te concederá a graça de ficares bom de alma e corpo». E passando-lhe a mão com delicadeza pelos ferimentos, convidou-o a regressar ao trabalho que tinha entre mãos. Na manhã seguinte, o miraculado levantou-se muito cedo, e ao aparecer, todo sorridente e cheio de vida e saúde, aos colegas que o tinham visto meio morto, não só os encheu de admiração e de espanto, como também os estimulou ao amor e devoção para com

S. Francisco, tanto pelo seu exemplo como pelo milagre nele realizado.

9. Um indivíduo de Ceprano, de nome Nicolau, caiu certo dia nas mãos de seus cruéis inimigos, os quais com requintes de malvadez o esfaquearam a torto e a direito, infligindo tantas sevícias ao pobre do homem, até o darem por morto ou às portas da morte. Mas o referido Nicolau, ao ser atingido pelos primeiros golpes, tinha bradado em alta voz: «S. Francisco, socorrei-me! S. Francisco, ajudai-me!» Várias pessoas ouviram ao longe esses gritos lancinantes; contudo, não chegaram a tempo de lhe poderem valer. Conduzido mais tarde a sua casa, empapado em sangue, afirmava com toda a convicção que não morreria em consequência desses ferimentos, os quais nem sequer lhe causavam dores. É que o Santo a quem ele invocara, tinha vindo em seu socorro, e tinha-lhe alcançado do Senhor a graça de fazer penitência, melhorando a sua vida cristã. E a prova de que isso era verdade, estava patente: quando lhe lavaram o sangue, a carne apareceu inteiramente sã e ilesa, contra tudo quanto seria de esperar.

10. No burgo de S. Geminiano vivia um nobre cujo filho se encontrava gravemente enfermo, sem qualquer esperança de recuperação, e prestes a exalar o último suspiro. Escorria-lhe dos olhos um fluxo de sangue, à semelhança do que acontece quando se fere uma veia do braço; e já por todo o corpo apareciam sinais precursores da morte, a ponto de alguns o considerarem mesmo definitivamente morto: estava privado do uso dos sentidos, não fazia qualquer movimento nem reagia aos estímulos, nem havia indícios de respiração. Quem poderia duvidar do seu falecimento? Perante tal situação, reuniram-se para as condolências, segundo o costume, parentes e amigos, preparados para o encomendarem ao Senhor e lhe fazerem o funeral. O pai dele, porém, cheio daquela confiança que só pode existir num coração de pai, dirigiu-se pressuroso à igreja de S. Francisco, situada ali perto, e pondo uma corda ao pescoço, com toda a humildade se prostrou por terra. Nessa atitude de súplica fervorosa e persistente multiplicou promessas e orações, conseguindo assim de S. Francisco, com suspiros e gemidos, a sua intercessão diante do Senhor. Ao regressar mais tarde para junto

do filho, o pai encontrou-o restabelecido, e pôde assim trocar o pranto pelo júbilo, graças à mediação de S. Francisco.

11. Prodígios semelhantes realizou Deus por intermédio do Santo, com uma menina natural da vila de Tamarit, na Catalunha, e com uma outra de Ancona. Ambas se encontravam gravemente enfermas, quase a entrar em agonia; e quando os pais invocaram confiadamente S. Francisco, apareceram repentinamente e completamente curadas.

12. Aconteceu a um clérigo de Vicaldi, chamado Mateus, ter ingerido veneno. O efeito foi rápido: ficou tão entorpecido, que mal conseguia falar: tudo indicava que não tardaria a exalar o último suspiro. Certo sacerdote aconselhou-o a confessar-se, mas ele não conseguia pronunciar uma única palavra. No entanto, no íntimo do coração suplicava humildemente a Cristo que por intercessão de Francisco o livrasse das goelas da morte. E nesse instante, confortado pelo Senhor, conseguiu pronunciar com grande devoção e com tanta clareza que todos o ouviram, o nome de S. Francisco. Depois vomitou o veneno, e pôde tranquilamente dar graças ao seu Santo libertador.

IV – SOCORRO A NÁUFRAGOS

1. Achavam-se em extremo perigo uns navegantes, a cerca de 10 milhas do porto de Barletta. Perante a violência da tempestade, resolveram lançar âncoras, embora sem grande esperança de conseguirem sobreviver. Ventos fortíssimos produziam vagas enormes, a ponto de se romperem as amarras e ficarem inutilizadas as âncoras. O barco começou então a vogar à deriva, arrastado pela fúria dos ventos e das águas. Quando por disposição divina o mar acalmou, a primeira coisa que os marinheiros pretenderam fazer foi recolherem de novo as âncoras, cujas amarras flutuavam. Mas apesar de porfiados esforços, chegaram à conclusão de que o não conseguiriam com os recursos humanos, e por isso imploraram o auxílio de vários Santos. Mesmo assim, mais outras tentativas falharam: durante um dia inteiro não conseguiram içar nenhuma âncora. Interveio então um marinheiro, Perfeito de nome, mas

muito imperfeito de vida, a tentar ser engraçado, gracejando com os companheiros: «Já implorastes a ajuda de um ror de Santos, e como vedes, nenhum deles se dignou vir-nos socorrer. Só vos falta invocar esse tal Francisco de Assis, um Santo novinho em folha; pode ser que ele se decida a dar um mergulho e a trazer-nos as âncoras perdidas!» Os outros repreenderam-no pela piada de mau gosto, mas não deixaram de aceitar a proposta do tal Perfeito, e decidiram até fazer ao Santo uma promessa. Nesse preciso instante viram, não apenas as cordas, mas as próprias âncoras a boiarem à superfície, sem nada a sustentá-las, como se fossem de madeira e não de ferro... Com toda a facilidade puderam recolhê-las, e verificar que continuavam a ser de ferro e bem pesadas.

2. A bordo de um navio regressado de terras de além-mar, viajava certo peregrino muito debilitado por uma febre agudíssima que o acometera anteriormente. Duas circunstâncias, no entanto, militavam em favor dele: não só era singularmente devoto de S. Francisco, como até o escolhera para seu protector perante o Rei do Céu. Devido à febre provocada pela doença ainda mal curada, sentia uma sede insuportável. Mas por mais boa vontade que todos tivessem de o auxiliar, era impossível, por se haver esgotado toda a água potável. Começou ele então aos gritos: «Tende confiança, companheiros; dai-me de beber! Ide ao meu cantil, que S. Francisco encheu-mo de água!» E o certo e maravilhoso é que de facto eles encontraram cheio de água o cantil que tinha sido arrumado a um canto, vazio.

Ainda na mesma viagem, mas outro dia, surgiu uma tempestade com as inevitáveis consequências: água a inundar a coberta do navio, o barco a ser sacudido por vagas medonhas, a ponto de se perder quase por completo a esperança de salvamento. O nosso doente começou então a berrar, para que toda a gente no navio o pudesse ouvir: «Todos de pé! Vamos fazer uma digna recepção a S. Francisco! Vós decerto não o vedes, mas ele está aqui, e veio para nos salvar!» Dito isto, caiu de joelhos, banhado em lágrimas, não de tristeza, mas de regozijo, prestando-lhe a devida homenagem. No exacto momento em que teve essa visão do Santo, o seu corpo debilitado recobrou a perfeita saúde, e o mar revoltado recobrou a tranquilidade.

3. Fr. Tiago de Rieti tinha acabado de atravessar um rio num pequeno barco, em companhia de vários Irmãos. Num gesto de delicadeza, convidou todos os outros a desembarcarem antes dele. Quando eles, já na margem, o esperavam, e ele se preparava para sair, aconteceu a desgraça: o barco desequilibrou-se e precipitou nas águas os dois que restavam: o barqueiro, bom nadador, não teve dificuldade em se safar; mas o Fr. Tiago, não sabendo nadar, afundou-se. Os Irmãos, que presenciaram o desastre, a primeira coisa que fizeram foi invocar S. Francisco, pedindo-lhe que socorresse aquele seu filho. Fr. Tiago, mergulhado lá no fundo, sem poder fazer esse pedido com palavras, fê-lo com o coração, implorando também ele a intercessão do santo Pai. Auxiliado pela sua presença miraculosa, conseguiu deslocar-se pelo leito do rio como se andasse em terra enxuta; apanhou a barca que provocara o mergulho, meteu-se nela e nela chegou à margem. Mas o mais curioso e estranho foi as roupas terem ficado completamente secas: nem uma gota de água lhe aderira ao hábito!

4. Certo religioso chamado Boaventura viajava de barco com outros dois homens num lago, quando a pequena embarcação se desgovernou devido ao ímpeto dum curso de água confluyente, e foi ao fundo com os três ocupantes. Do fundo desse autêntico «pântano lodoso» (Sl 40,3) eles invocaram com muita confiança o misericordioso Pai S. Francisco; e o certo é que o barquito, apesar de cheio de água e com eles lá dentro, veio à tona, e com o Santo por timoneiro chegou ao destino sem mais novidade.

De forma parecida se salvou, por intervenção de S. Francisco, certo frade de Áscoli, afogado num rio.

Também no lago de Rieti aconteceu que achando-se vários homens e mulheres em idêntico perigo, e invocando o nome de S. Francisco, escaparam ilesos dum naufrágio quase certo.

5. Uns navegantes anconitanos, acossados por violenta tempestade, sentiam-se em perigo de naufragar. Embora com pouca esperança de sobrevivência, mas com muito fervor, invocaram S. Francisco. Logo apareceu no mar um grande clarão, e com ele sobreveio milagrosamente a bonança, como se o Santo tivesse o poder de dar ordens aos ventos e às ondas.

Seria de todo impossível descrever um por um os tão numerosos e prodigiosos milagres realizados no mar por intervenção do santo Pai, nem dizer quantas vezes ele acudiu em socorro de pessoas prestes a afogarem-se. Mas não é de admirar que Deus lhe tenha concedido um tal domínio sobre as águas, agora que ele reina nos céus, sabendo nós que quando ainda vivia na terra todas as criaturas, a quem ele considerava e chamava irmãs, se lhe rendiam, como acontecera com o homem nos primórdios da criação.

V – LIBERTAÇÃO DE PRESOS

1. Aconteceu na Trácia do Norte que o criado grego dum certo patrão foi falsamente acusado de furto. Em vista disso, o governador da região mandou-o carregar de algemas e encarcerar num minúsculo cubículo. A dona da casa, porém, considerando o preso, como de facto era, totalmente inocente da culpa atribuída, compadeceu-se dele e chegou mesmo a interceder junto do marido com respeitosos pedidos pela libertação do infeliz. Como a teimosa caturrice do marido não cedia, resolveu recorrer a S. Francisco, recomendando ao seu patrocínio o preso inocente, e fazendo ao Santo uma promessa. Não se fez esperar a intervenção do Advogado dos aflitos: veio visitar gentilmente o prisioneiro, libertou-o das algemas, abriu-lhe as portas do cárcere, tomou o inocente pela mão e trouxe-o para fora, explicando-lhe a sua intervenção: «Eu sou aquele a quem a tua patroa te recomendou com muito empenho». Só faltava ao ex-prisioneiro descer do alto da masmorra para atingir o solo. Para isso, porém, tinha de dar volta por um despenhadeiro altíssimo, e sentia-se tolhido de vertigem. A intervenção do mesmo Santo libertou-o também desse apuro, fazendo com que ele se visse no mesmo instante posto em segurança no chão. Foi logo contar à patroa, com todas as minudências, como acontecera o milagre, deixando-a assim ainda mais fervorosa no amor a Deus e na reverência para com S. Francisco.

2. Em Massa de S. Pedro certo pobre tinha contraído uma dívida considerável para com determinado militar, e dada a sua situação económica de extrema pobreza, não conseguiu pagar a dívida

quando lhe foi exigido. Em vista disso, o credor mandou-o prender, apesar de o pobre coitado muito lhe implorar, por amor do Pobrezinho, que lhe concedesse um prazo para liquidação da dívida. Nunca o orgulhoso cavaleiro ligou a esses pedidos de clemência; quanto ao amor do Santo, atreveu-se mesmo a pô-lo a ridículo, dizendo com petulância: «Não me venhas com lamúrias; vou meter-te num calabouço tão oculto e tão seguro, que nem o Pobre de Assis nem ninguém te poderá descobrir nem libertar». E cumpriu a palavra. Descobrimo uma masmorra escura e esconsa, prendeu lá o homem algemado. Não tardou, porém, a aparecer ali S. Francisco, a libertar o prisioneiro das algemas e do cárcere, e a conduzi-lo até junto da própria casa. Assim a poderosa intervenção de Francisco humilhou o arrogante credor e exaltou a humildade do prisioneiro que se lhe encomendara, restituindo-o à liberdade, e conseguindo ainda o milagre mais espantoso de transformar em clemência e perdão a arrogância petulante do militar.

3. Alberto de Arezzo, vendo-se agrilhado numa apertadíssima célula penitenciária, por ter sido acusado, aliás falsamente, de algumas dívidas, encomendou confiadamente a S. Francisco a sua inocência. Já antes ele era muito dedicado à Ordem dos Frades Menores, e entre os Santos venerava S. Francisco com especial devoção. O suposto credor blasfemava, que nem Francisco nem o próprio Deus o libertariam das suas mãos. Ora aconteceu que, para de alguma forma se associar à festa de S. Francisco, o preso resolveu, na vigília dessa solenidade, privar-se do seu alimento e oferecer por amor do Santo a sua ração a um necessitado. Ao chegar a noite, estando ele ainda acordado, apareceu-lhe o seu Protector. E mal a sua figura penetrou no cubículo, logo se soltaram ao preso as cadeias dos pés e as algemas das mãos, abriram-se as portas espontaneamente, e até se desprenderam algumas tábuas do tecto. O homem pôde assim sair em liberdade e regressar a casa. Daí em diante não deixou nunca de cumprir a promessa então feita de jejuar sempre na vigília de S. Francisco; e ao círio, que também todos os anos costumava oferecer, passou a acrescentar periodicamente mais umas dezenas de gramas, como sinal simbólico da sua crescente dedicação ao Santo.

4. Quando ocupava a cadeira de S. Pedro o senhor Papa Gregório IX, foi acusado de heresia um indivíduo da cidade de Alife, de nome Pedro. Segundo os costumes da época, caiu nas malhas da justiça, e por ordem do referido Papa foi entregue ao Bispo de Tívoli para ficar à sua guarda e responsabilidade. Sob pena de ser privado do cargo, o Bispo teria de o conservar preso enquanto ele não abjurasse da heresia. Para prevenir qualquer veleidade de fuga, o Bispo mandou amarrá-lo com grilhões, encarcerá-lo num aposento quase sem luz, e alimentá-lo exclusivamente a pão e água – e, mesmo assim, não à vontade, mas com peso e medida... Na vigília da solenidade de S. Francisco, ouvindo o prisioneiro falar em libertações miraculosas realizadas por mediação desse Santo, começou também ele a rogar-lhe com lágrimas e suspiros que se compadecesse da sua desgraça. Apegando-se assim com tanta devoção a Francisco, servo fidelíssimo de Cristo, não podia deixar de purificar a própria fé e erradicar qualquer sombra de erro e de heresia. O Senhor concedeu-lhe essa graça. Com efeito, aproximando-se a noite da festividade, quando começava a desvanecer a luz do crepúsculo, S. Francisco, sem se dar a conhecer, desceu ao cárcere, chamou o preso pelo próprio nome e ordenou-lhe que se levantasse imediatamente. Transido de medo, o encarcerado perguntou ao intruso quem era, e ouviu uma voz dizer que era Francisco. Logo de seguida pôde constatar a benéfica influência do Santo ali presente: os grilhões com que estava preso começaram a desagregar-se e a desprenderem-se-lhe dos pés e das mãos; os pregos saltavam das tábuas, deixando as portas desconjuntadas, e o caminho ficou aberto para ele poder evadir-se. No entanto, ficou tão desorientado, que apesar de solto, não foi capaz de fugir: pôs-se aos gritos junto à porta, a ponto de atemorizar os guardas. Estes foram imediatamente contar ao Bispo o sucedido: que o prisioneiro estava solto das cadeias, e a masmorra escancarada... Depois de bem informado como tudo acontecera, o prelado, num gesto de devoção, foi pessoalmente ao cárcere, e lá mesmo adorou o Senhor, por reconhecer que em tudo aquilo andava bem patente a mão de Deus. Os grilhões foram depois apresentados ao Papa e aos Cardeais; e todos, perante o sucedido, ficaram admirados e bendisseram ao Senhor.

5. Guidoloto de S. Geminiano foi caluniosamente incriminado de ter envenenado um homem e de andar a maquinar o mesmo crime para o filho e toda a restante família do defunto. Por esse motivo, o magistrado local ordenou a sua captura; e não tardou a ver-se amarrado por pesadas cadeias e encerrado numa torre. Apesar de tudo, seguro da sua inocência, nunca perdeu a confiança no Senhor e escolheu para seu Advogado celeste S. Francisco, entregando-lhe a causa, para que ele a defendesse. O juiz, por sua vez, andava a matutar sobre a maneira mais eficaz de arrancar ao presumível culpado a confissão do crime, sem pôr de parte o uso de torturas; e uma vez confesso, a que género de morte o deveria condenar. Uma decisão já estava tomada: na manhã seguinte seria levado ao suplício. Só que de noite foi o preso visitado por S. Francisco em pessoa: inundando-lhe de luz o aposento e de esperança o coração, encheu-o de alegria e de confiança, garantindo-lhe que seria posto em liberdade. Pela manhã chegaram os verdugos; tiraram-no do cárcere, não para o restituírem à liberdade, mas para o suspenderem no potro, agravando-lhe o suplício com pesadas massas de ferro. Repetidas vezes o baixaram e tornaram a erguer, no intuito de o forçarem a confessar o suposto crime, por meio dessa tortura bárbara e constantemente repetida. Mas ele, firme na sua inocência e confiante na promessa do seu Advogado, mostrava um rosto alegre, sem deixar transparecer o mais leve sintoma de dor no meio de tão horrendas atrocidades. Depois do tormento do potro, suspendendo-o pelos pés, acenderam por debaixo dele uma grande fogueira: no entanto, nem um só dos seus cabelos ficou chamuscado! Por fim, deram-lhe um banho de azeite a ferver... Contudo, por intervenção miraculosa de S. Francisco, o Advogado a quem ele se entregara com inteira confiança, superou todos os tormentos, e, posto em liberdade, saiu são e salvo.

VI – AUXÍLIO A PARTURIENTES

1. Na região da Eslavónia, situada na actual Hungria, havia uma condessa tão ilustre pela nobreza da linhagem como notável pela virtude. Nutria por S. Francisco uma profunda devoção, e pelos Irmãos franciscanos uma não menor dedicação. Chegada a hora de dar à luz, foi acometida por tão violentas guinadas de dor,

e ficou por isso tão debilitada, que o nascimento da esperada criança parecia não poder dar-se sem provocar a morte da mãe. Já ninguém acreditava que o filho pudesse ver a luz do dia sem a mãe entrar na escuridão das trevas; e até se receava que, com o esforço do parto, nem o próprio filho aparecesse vivo, mas já nascesse morto... Nesse transe tão doloroso, o coração da condessa foi inundado de esperança, quando a informaram da fama, da virtude e da glória de S. Francisco, despertando nela uma enorme confiança no seu valimento. Imediatamente recorreu ao Santo como refúgio dos aflitos e amparo fiel de todos os seus devotos. Suplicou-lhe: «Glorioso S. Francisco! Do mais fundo da minha alma recorro à tua piedade, e nem sei exprimir o que desejo prometer-te». A piedosa intercessão do Santo não se fez esperar: mal ela acabara de pronunciar estas palavras, quando se lhe acabaram também as dores; foi o fim dos trabalhos do parto e o princípio dum nascimento feliz. Desaparecendo como por encanto toda a ansiedade e aflição, deu à luz com a maior e mais inesperada naturalidade. Não se esqueceu a senhora da promessa feita no transe da agonia, nem deixou de a cumprir. Mandou construir uma bela igreja, que depois ofereceu aos Irmãos, em honra e louvor de Deus e de S. Francisco.

2. Outro caso análogo aconteceu na região de Roma. Certa mulher, chamada Beatriz, começou a manifestar sinais de parto iminente; mas por andar havia já uns dias com o bebé morto no ventre, sentia-se atormentada com dores insuportáveis. O filho morto iria por certo provocar também a morte da mãe, e receava-se que isso viesse a acontecer mesmo antes do parto do nado-morto. Não foi posta de parte a intervenção da medicina; porém os recursos humanos manifestaram-se neste caso totalmente ineficazes. Parecia que a maldição fulminada nos primórdios contra Eva estava a cair em cheio sobre esta pobre mulher: sepulcro, como já era, do filho morto, não tardaria a entrar também ela no seu próprio sepulcro.

Entretanto, encomendou-se devotamente às orações dos Frades Menores, e pediu-lhes que por algum intermediário lhe enviassem qualquer relíquia de S. Francisco. Ora aconteceu providencialmente que nessa altura se descobrira um pedaço do cordão com que o Santo se cingira. Mal foi aplicado à enferma esse bocado de

corda, desapareceu como por encanto toda a dor, foi expulso o feto morto que estava quase a provocar outra morte, e a mulher recuperou sem demora a perfeita saúde.

3. Chamava-se Juliana a esposa de certo nobre de Cárvio. Havia bastantes anos que ela andava triste e acabrunhada devido a mortes sucessivas de vários filhos. A sua vida era um desenrolar de desgraças: todos os filhos que carregava no ventre com tanto cuidado e tanta aflição, pouco tempo depois, e com redobrada aflição, tinha de os levar a sepultar. Mais uma vez ela se sentiu em estado interessante, já no quarto mês de gravidez. Mas escarmentada com os casos anteriores, começou a recear que o futuro parto viesse a provocar não o nascimento, mas a morte do ser que concebera. Nessa conjuntura resolveu recorrer com muita fé ao Pai S. Francisco em favor do filho ainda por nascer. E aconteceu que certa noite, enquanto dormia, lhe apareceu em sonhos uma mulher com um menino encantador ao colo, e a oferecer-lho... Ela, porém, recusava-se a aceitá-lo, por recear vir a perdê-lo logo a seguir. Disse-lhe então a mulher: «Podes aceitá-lo sem receio algum! Foi S. Francisco quem o enviou, comovido com a tua amargura; este há-de viver e gozar de boa saúde.» Acordando nesse preciso instante, a mulher entendeu, por essa aparição celeste, que obtivera o patrocínio de S. Francisco. E daí em diante, inundada de incontida alegria, multiplicou as orações e promessas pelo filho que esperava. Quando chegou o momento do parto, deu à luz um menino. Mais tarde, já na primavera da vida e na pujança da juventude, esse rapaz, como se por mediação de S. Francisco houvesse recebido um tal vigor de vida, deu com isso aos pais motivo dum maior afecto e devoção para com o Santo.

Outro prodígio idêntico se atribui ao santo Pai na cidade de Tívoli. Era uma mulher, mãe de várias filhas, mas ansiosa por ter também um filho varão. Para isso, recorreu à intercessão de S. Francisco com orações e promessas. E com resultado eficaz: a mulher veio de novo a conceber e a dar à luz, a seu tempo, não um filho, conforme o pedido, mas um par de gémeos varões!

4. Havia em Viterbo uma senhora que aparentava estar em iminência de parto, mas ainda mais em iminência de morte, tão

atormentada se sentia com dores no ventre e outros achaques próprios de mulheres. Devido à debilidade da sua natureza, não surtiram efeito os recursos da medicina. Mas invocando o nome de S. Francisco, viu-se de repente livre de todos os males e conseguiu levar a bom termo o trabalho de parto. Aconteceu, porém, que depois de alcançado o que desejava, se esqueceu do benefício recebido, a ponto de no próprio dia da festa do Santo, em lugar de lhe dar graças, se entregar a trabalhos servis. Resultado: ficou-lhe instantaneamente inerte e tolhido o braço direito, que ela usava para trabalhar. Quando tentou movimentá-lo com o auxílio do outro braço, também esse ficou paralisado... Cheia de remorsos e com medo do castigo divino, a mulher repetiu uma promessa feita e recobrou o uso dos membros, que perdera por sua ingratidão e desprezo. Tudo isto por intercessão do misericordioso e humilde Santo a quem de novo decidiu consagrar-se.

5. Certa senhora das cercanias de Arezzo havia sete dias que sentia os espasmos precursores do parto, mas sem resultado. Estava já a ficar arroxeadada, e ninguém tinha esperança que sobrevivesse. Porém, mesmo às portas da morte, começou a implorar a protecção de S. Francisco e fez-lhe uma promessa. Nessa altura adormeceu e sonhou que o Santo vinha ao seu encontro e se lhe dirigia com ternura, perguntando-lhe se ela o conhecia de vista, e se sabia rezar, em honra da Virgem gloriosa, a antífona «Salve Rainha, mãe de misericórdia...» A ambas as perguntas a resposta foi afirmativa. Recomendou-lhe então o Santo: «Pois, reza com muita devoção essa antífona; e antes de a terminares, darás à luz sem dificuldade». A mulher acordou nesse instante e começou logo a recitar a Salve-Rainha. Ao falar nos «olhos misericordiosos» de Maria, e sobretudo ao recordar o «bendito fruto» do seu ventre virginal, sentiu-se livre de todas as dores e deu à luz um menino encantador. Agradeceu logo à Rainha Mãe de misericórdia, que a socorrera por intervenção de S. Francisco.

VII – CEGOS A VEREM

1. No convento dos Frades Menores de Nápoles vivia um religioso chamado Roberto, cego havia muitos anos. Tinham-se-lhe

formado nos olhos umas excrescências carnosas que lhe impediam o uso e o movimento das pálpebras. Acontecia passarem por esse convento, como hóspedes, muitos Irmãos que se dirigiam a diversas partes do mundo. E o próprio Pai S. Francisco, espelho de santa obediência, com o fim de estimular os religiosos na sua vocação, decidiu curar da sua doença o referido Irmão, por meio dum milagre inédito, da seguinte maneira: estava uma noite o Fr. Roberto deitado no seu leito de morte, depois de já lhe haverem feito a encomendação da alma. Nisto apareceu-lhe o santo Pai acompanhado por três outros religiosos de reconhecida santidade: Santo António, Fr. Agostinho e Fr. Tiago de Assis. Todos os três, por em vida lhe terem seguido meticulosamente os passos, o acompanhavam agora alegremente após a morte. S. Francisco, lançando mão duma faca, cortou ao enfermo toda a carne supérflua ao redor dos olhos, e assim lhe restituiu o uso da vista. Ao subtraí-lo dessa forma às garras da morte, disse-lhe: «Roberto, meu filho, esta deferência que tive para contigo sirva de garantia a todos os Irmãos que partem para terras distantes de que eu irei à frente deles a dirigir-lhes os passos. Que eles vão sempre jubilosos e cumpram a sua missão cheios de alegria».

2. Na cidade grega de Tebas uma mulher inusual decidiu celebrar a vigília de S. Francisco jejuando a pão e água; e na madrugada do próprio dia da festa, muito cedo ainda, pediu ao marido para a guiar até à igreja dos Frades Menores. Durante a celebração da Eucaristia, exactamente à elevação do Corpo do Senhor, abrindo ela os olhos, foi-lhe dado ver com nitidez e adorar com devoção o Santíssimo Sacramento, e não se conteve que não proferisse em alta voz estas palavras: «Graças a Deus e ao seu Santo, já consigo ver o Corpo de Cristo!» Todos os que a ouviram, estranhando aquela jaculatória nada usual, se voltaram para a miraculada que a proferira. No fim das cerimónias, a mulher regressou a casa, com a alma cheia de júbilo e os olhos inundados de luz. O motivo de tão exuberante alegria era não só o facto de ter recobrado a vista corporal, mas ainda a graça de a primeira coisa que o Senhor lhe permitiu que visse tivesse sido o Santíssimo Sacramento, a luz viva e verdadeira das almas. E essa graça fora-lhe concedida pela intercessão de S. Francisco, que deu força à sua fé.

3. Na região italiana da Campânia, um rapaz de 14 anos da povoação de Pofi foi vítima dum caso estranho: perdeu por completo e de repente o olho esquerdo. O globo ocular saiu-lhe da cavidade orbital, e seguro apenas pelo nervo óptico, andava pendurado, chegando-lhe quase ao maxilar... Ao cabo de oito dias nesse lastimoso estado, começava já a ressequir. Só restava a amputação. No entender dos cirurgiões, era um caso desesperado. O pai do infeliz, porém, não desesperou: acudiu confiadamente à intervenção de S. Francisco. E o incansável Protector dos necessitados não se recusou a atender a preces tão fervorosas: fez com que o olho mirrado voltasse miraculosamente à sua órbita e readquirisse a primitiva vitalidade e eficiência, permitindo-lhe receber de novo os raios luminosos.

4. Em Castro dei Volsci, aldeia da mesma província de Campânia, desprende-se do alto uma viga muito pesada, que, apanhando um sacerdote, lhe abriu na cabeça um enorme lanho e o cegou da vista esquerda. Ainda caído por terra, o sinistrado começou logo com voz angustiada a invocar S. Francisco, rogando: «Socorre-me, Pai Santíssimo, para eu poder ir à tua festa, conforme prometi aos teus Irmãos!» O acidente ocorrera na vigília do Santo. Os piedosos rogos do sacerdote foram atendidos imediatamente, pois conseguiu levantar-se logo, inteiramente são, soltando gritos de alegria e acção de graças, com justificada surpresa e júbilo de todos os presentes, que antes lamentavam a sua desgraça. Pôde assim ir, como desejava, à festa do Santo, e não perdeu a oportunidade de contar a todos a intervenção carinhosa de que tinha sido alvo.

5. Andava um homem de Monte Gárgano a trabalhar na vinha. Ao cortar uma cepa, a ferramenta, defeituosa ou mal segura, provocou o acidente: feriu um dos olhos com tal violência que o globo ocular ficou cindido a meio, e uma das metades pendente para fora da órbita. Em situação tão crítica, sem a mínima esperança de cura pelos recursos humanos, fez a promessa solene de jejuar na festa de S. Francisco, se ele lhe valesse. E ele valeu-lhe, como seria de esperar: repôs no devido lugar o olho acidentado, unindo-lhe tão

perfeitamente as duas partes, que não só readquiriu a visão perfeita, como ainda não apresentou qualquer vestígio da lesão.

6. Por ser cego de nascença e ter alcançado por mediação de S. Francisco a faculdade da visão, deram o nome de Iluminado ao filho de certo nobre. Mais tarde, quando a idade lho permitiu, num gesto de gratidão pelo benefício recebido, decidiu-se a ingressar na Ordem de S. Francisco, e tanto se deixou iluminar pela luz da graça, que se tornou de verdade filho da luz. Pela valiosa intercessão de S. Francisco, veio assim um início santo a terminar num fim ainda mais santo.

7. Em Zancato, aldeola vizinha de Anagni, um indivíduo por nome Gerardo perdera por completo a visão. Ora aconteceu que dois Frades Menores, vindos de terras estranhas, chegaram a casa desse invisual a pedir hospitalidade. Por reverência para com S. Francisco, toda a família os recebeu com gentileza e tratou com afabilidade. Depois de agradecerem ao Senhor e ao hospedeiro, os Frades dirigiram-se ao convento da Ordem mais próximo. Passado pouco tempo, S. Francisco apareceu de noite, em sonhos, a um desses Irmãos, e ordenou-lhe: «Levanta-te e volta sem demora, juntamente com o teu colega, a casa do vosso hospedeiro: na vossa pessoa foi a Cristo e a mim que ele deu acolhimento. Quero retribuir-lhe esse gesto de misericórdia. A verdade é que a cegueira desse homem foi um aviso do Senhor por ele se não preocupar com as próprias culpas purificando-se no sacramento da Penitência». Logo que o santo Pai desapareceu, o religioso, acordando, levantou-se sem mais delongas, para dar cumprimento à ordem recebida, em companhia do colega. Voltando à casa do hospedeiro, contaram-lhe com todos os pormenores o sonho de um deles. O homem, espantado, confirmou a veracidade de tudo quanto fora dito; e debilhado em lágrimas, espontaneamente se confessou e prometeu emendar-se. Depois de renovado assim interiormente, recuperou também a faculdade da visão. A fama deste milagre, espalhada pelas redondezas, não só contribuiu muito para incrementar a devoção ao Santo, como também foi um incentivo para a humilde confissão dos pecados e um estímulo para a hospitalidade.

7 a. (*Acrescento posterior*). Por caluniosa denúncia de roubo, a barbaridade da justiça secular de Assis condenou um inocente à pena de lhe serem arrancados os olhos. O executor da monstruosa sentença, transmitida por oficiais credenciados e por intimação do juiz Octaviano, foi um oficial chamado Otão. Assim horrorosamente deformado, depois de lhe terem vazado os olhos e cortado os nervos ópticos com uma navalha, foi o infeliz conduzido ao altar de S. Francisco, na basílica recentemente construída. Reiterando a sua inocência a respeito do crime que lhe era imputado, e implorando o socorro do Santo, aconteceu que no espaço de três dias lhe apareceram novos olhos, um pouco mais pequenos que os que lhe haviam extraído, mas não menos eficientes para desempenharem bem o seu papel de visão. Uma testemunha deste inaudito milagre foi o referido oficial Otão, que o atestou sob juramento perante D. Tiago, abade de S. Clemente, por ordem dum outro D. Tiago, Bispo de Tívoli, que andava a fazer investigações sobre esse milagre. Outra testemunha foi Fr. Guilherme Romano, a quem o Ministro Geral da Ordem, Fr. Jerónimo, obrigou por obediência e sob pena de excomunhão, a declarar toda a verdade que soubesse sobre o assunto. Perante numerosos Ministros Provinciais da mesma Ordem e outros Irmãos de grande categoria, afirmou ele que uns anos atrás, antes de se fazer frade, tinha visto o sentenciado ainda com os olhos primitivos com que nascera; que presenciara a bárbara execução da iníqua sentença, e até, por curiosidade, tinha remexido com uma bengala nos olhos do sentenciado, depois de caídos no chão; e que por fim também verificara que ele dispunha de uns olhos novos, sem dúvida por intervenção divina, e via perfeitissimamente.

VIII – CURAS DE VÁRIAS DOENÇAS

1. Na povoação de Castro Della Pieve havia um mendigo ainda jovem, surdo e mudo de nascença, e com a língua tão curta e delgada que parecia ter sido cortada pela raiz, segundo afirmavam várias pessoas que a examinaram. Compadecido do pobre rapaz, um tal Marcos resolveu por amor de Deus recolhê-lo em sua casa; e sentindo-se favorecido pelo Senhor devido a essa boa obra, começou a pensar em permitir que continuasse sempre com ele.

Certo dia, ao jantar no fim da tarde, disse para a mulher, em presença do infeliz: «Que grande milagre não seria, em minha opinião, se S. Francisco se dignasse conceder a este pobre rapaz a possibilidade de ouvir e de falar!» E acrescentou: «Mais: se de facto o santo Patriarca conseguir que isso aconteça, prometo a Deus que por seu amor tomarei conta dele enquanto viver». E o milagre aconteceu: a língua ficou-lhe com as dimensões normais, permitindo-lhe falar; e inaugurou-a com estas palavras: «Glória a Deus e a S. Francisco, por me ter sido permitido ouvir e falar!».

2. Quando era ainda muito criança e vivia em casa dos pais, Fr. Tiago de Iseo foi vítima duma luxação grave. Mas movido por impulso sobrenatural, embora fosse ainda novo e já doente, com muita devoção ingressou na Ordem Franciscana, sem, no entanto, revelar a ninguém o mal de que padecia. Entretanto, ao ser transferido o corpo de S. Francisco para o lugar onde hoje se venera o tesouro de suas santas relíquias, o referido Fr. Tiago assistiu também à cerimónia da solene transladação, para tributar a devida honra ao corpo santíssimo do seráfico Pai. Aproximando-se da tumba onde tinham sido depositadas as santas ossadas, cheio de fervor de espírito abraçou-se ao sagrado túmulo... E nesse mesmo instante teve a percepção de os seus ossos deslocados voltarem às posições correctas: sentiu-se curado. Pôs de parte o aparelho ortopédico que usava, e daí em diante ficou completamente livre dos padecimentos de que antes sofria.

Casos idênticos aconteceram com Fr. Bártolo de Gúbio, Fr. Ângelo de Todí, o padre Nicolau, capelão de Ceccano, João de Sora, um indivíduo de Pisa e outro de Cisterna di Roma, e ainda um Pedro da Sicília e um anónimo de Espelo, perto de Assis. Todos estes, e muitos outros mais, foram miraculosamente curados de variadas luxações pela misericórdia de Deus, alcançada por mediação de S. Francisco.

3. Certa mulher de Marítima sofria há cinco anos de distúrbios mentais: ficava por vezes incapacitada de ver e de ouvir, rasgava as próprias roupas à dentada, chegava a atirar-se ao fogo ou à água: em suma, era acometida por ataques horríveis de epilepsia. Mas a misericórdia divina não a abandonou. Divinamente ilumi-

nada por uma luz celeste, essa mulher foi uma noite agraciada com a visão de S. Francisco, sentado num trono majestoso; e pros-trando-se com reverência diante dele, suplicou-lhe encarecida-mente a saúde. No entanto, como o Santo não dava mostras de se comover com semelhantes súplicas, a doente formulou uma pro-messa: nunca negaria uma esmola a quem lha pedisse por amor de Deus e de S. Francisco, desde que tivesse alguma coisa a poder dar como esmola. Era um voto parecido com o que o próprio Santo fizera um dia ao Senhor; por isso lho ratificou imediatamente: fazendo sobre ela o sinal da cruz, restituiu-lhe a perfeita saúde.

Consta, além disso, por testemunhas fidedignas, que S. Francisco libertou milagrosamente de enfermidades parecidas uma menina de Núrsia, o filho de certo fidalgo, e ainda várias outras pessoas.

4. Pedro de Folinho dirigiu-se certo dia como peregrino a uma ermida de S. Miguel; no entanto, não fez essa peregrinação com a devida piedade e reverência. E sucedeu que ao beber água duma fonte ficou possesso do demónio. Nesse estado andou durante três anos, a dilacerar o próprio corpo, a dizer palavrões, a praticar obs-cenidades... De vez em quando, porém, tinha intervalos de luci-dez. E sucedeu que precisamente num desses intervalos se recor-dou de em tempos ter ouvido falar na invencibilidade de Francisco contra os poderes do Maligno. Por isso, com humildade recorreu à protecção do Santo, começando por lhe ir visitar o túmulo. E mal lhe tocou com a mão, ficou milagrosamente livre dos espíritos malignos que o atormentavam.

De modo semelhante a misericórdia de Francisco socorreu uma mulher endemoninhada de Narni, e ainda muitas outras pes-soas, cujos padecimentos e processos de cura seria fastidioso nar-rar detalhadamente.

5. Na cidade de Fano, um infeliz a quem puseram a alcunha de «Bom homem», paralítico e leproso, foi levado pelos pais à igreja de S. Francisco, e aí obteve a cura absoluta de ambas as doenças.

Um outro jovem, Atto, de S. Severino, apareceu coberto de lepra. Mas depois de fazer uma promessa e de o levarem ao túmulo

do Santo, por intervenção do mesmo ficou limpo dessa doença asquerosa.

Até poderia parecer que S. Francisco era «especialista» na cura da lepra: isso explica-se pelo facto de ele próprio, durante a vida terrena, se haver consagrado ao serviço de leprosos, por humildade e compaixão para com eles.

6. Chamava-se Rogata uma nobre senhora da diocese de Sora. Durante vinte e três anos andou atormentada por uma hemorragia; e quantos mais médicos consultava, mais o mal parecia agravar-se. A debilidade atingia por vezes tais extremos, que parecia mesmo esvair-se. E, se ocasionalmente conseguia estancar a hemorragia, começava então a inchar-lhe todo o corpo... Mas por acaso ouviu certo dia um rapazinho a cantar, à maneira dos trovadores, alguns milagres operados por Deus mediante a intercessão de Francisco, e isso precisamente num momento em que era acometida por uma dor lancinante. Desfeita em lágrimas, começou a dizer no seu íntimo, cheia de ardente fé: «Pai S. Francisco, que tantos milagres já tens feito! Se te dignares curar-me desta minha doença, alcançarás ainda maior glória, pois nunca por certo realizaste prodígio tão inaudito!» Não foi preciso mais nada. Apesar de estas palavras só terem sido proferidas no interior do coração, a doente sentiu-se imediatamente curada, por mediação de S. Francisco.

A um filho dessa senhora, chamado Mário, o mesmo S. Francisco restituiu a actividade dum braço paralítico, depois de ele ter feito uma promessa.

Também a uma senhora da Sicília, molestada durante sete anos com uma hemorragia, o Santo restituiu a saúde.

7. Na cidade de Roma, uma mulher de nome Praxedes tornara-se conhecida e famosa pelo seu fervor religioso. Desde mui tenra idade se acolhera a uma estreita cela, onde vivia encerrada, por amor do Esposo Divino, havia já quase quarenta anos. Também ela foi objecto dum favor especial por parte de S. Francisco. Certo dia, ao subir ao terraço da sua pequena cela, para qualquer lide necessária, desmaiou e deu um trambolhão. Em consequência da desastrosa queda fracturou um pé e uma perna e deslocou um ombro. Apareceu-lhe então o benigníssimo Pai, revestido com alvíssimos

paramentos de glória, e começou a falar-lhe com meigas palavras: «Levanta-te, filha bendita! Levanta-te e não temas!» E pegando-lhe pela mão, ajudou-a a levantar-se e logo desapareceu. Ela en-saiou uns passos para um lado e para o outro na acanhada cela, pois imaginava que estaria a sonhar... Por fim, desatou aos gritos; e quando foram ter com ela e lhe levaram luz, pôde verificar que tinha sido curada por intermédio do servo de Deus, Francisco, e contou em pormenor tudo quanto lhe tinha sucedido.

IX – CONSEQUÊNCIAS DE FALTAS DE RESPEITO

1. Na herdade Le Simon, região de Poitiers, havia um sacerdote chamado Reginaldo, muito devoto de S. Francisco, a ponto de chegar a convencer os paroquianos a celebrarem a festa do Santo com a máxima solenidade. Um dos fregueses, porém, não ligou meia à recomendação do pároco, nem se sentiu impressionado pela virtude do Pobrezinho, e resolveu aproveitar o dia da festa para ir à mata cortar lenha. Porém, no momento exacto de dar início ao trabalho, por três vezes ouviu uma voz a avisar: «É dia santo! Não é permitido trabalhar!» O homem, contudo, era teimoso e atrevido: assim como o não dissuadira da sua caturrice a ordem do pároco, também não o demoveu a intimação da voz celeste. Interveio então o poder divino com um milagre e um castigo, para vingar a honra do Santo. O homem ia equipado com dois instrumentos de trabalho: numa das mãos levava uma forquilha, na outra uma foice. E ao levantar o braço para dar o primeiro golpe, aconteceu por disposição divina que ambos os instrumentos lhe ficaram agarrados às mãos, com os dedos recurvados e tolhidos, sem lhe ser possível abri-los para soltar os utensílios. Estarrecido e sem saber que fazer, resolveu dirigir-se à igreja, já rodeado de gente curiosa perante aquele caso inédito. Ali, diante do altar, compungido e tocado pelas exortações de um sacerdote presente – um dos muitos que acorreram à solene celebração da festa – com profunda humildade se rendeu a S. Francisco, e fez três promessas, tantas quantas as recomendações que desdenhara: guardar sempre como dia santo a festa de S. Francisco; ir todos os anos nesse dia festivo à igreja onde se encontrava; e visitar pessoalmente o túmulo do Santo em Assis. Coisa curiosa: ao fazer a primeira promessa, ficou-lhe livre

um dos dedos; à segunda, um outro dedo; à terceira libertou-se um terceiro dedo; e depois os restantes dessa mão, e sucessivamente os da outra. Tudo isto enquanto o povo, já aglomerado em redor, implorava com devoção e fervor a clemência do Santo. Assim, o homem, desenhovilhado e livre nos movimentos, pousou ele mesmo os utensílios do trabalho e do castigo, enquanto a multidão louvava o Senhor e a maravilhosa intervenção celeste, que afinal castigara para beneficiar. Os dois utensílios que intervieram neste estranho caso ainda continuam expostos em frente dum altar ali construído para perpetuar a memória do milagre.

Muitos outros prodígios realizados ali e em terras vizinhas, manifestam claramente ser Francisco um dos mais gloriosos santos da corte celestial, e indicam, além disso, como é agradável lá no céu celebrar cá na terra a sua festa.

2. Na cidade de Le Mans, certa mulher, no dia da solenidade de S. Francisco, resolveu entreter-se a fiar, e para isso pegou na roca e no fuso. Mas logo as mãos lhe ficaram hirtas, e começou a sentir nos dedos uma ardência insuportável. Com esse castigo aprendeu a reconhecer o poder do Santo, e muito arrependida, foi ter com os Franciscanos. Os filhos do santo Pai encomendaram-na em suas orações e rezaram pela sua recuperação, obtendo-lhe a graça de ela voltar a ficar completamente boa, sem qualquer lesão propriamente dita nas mãos, a não ser, para memória do milagre, um pequeno sinal de queimadura.

Casos parecidos com este ocorreram com uma mulher da Terra de Labor, com outra de Valladolid, e ainda com uma outra de Piglio: todas elas, por não terem feito caso de celebrar a festa de S. Francisco, começaram por sofrer castigos vários pela prevaricação, e depois, tendo-se mostrado arrependidas, foram miraculosamente reabilitadas por mediação do Santo.

3. Certo militar natural de Burgo, na província de Massa, escarnecia despudoradamente de certas atitudes e até de alguns admiráveis prodígios de S. Francisco. Vilipendiava os peregrinos que iam honrá-lo na basílica erigida em sua memória, e com raiva descarada não se cansava de criticar os frades. Uma ocasião, de-

pois de haver denegrido a glória do Santo, acrescentou a esse pecado um outro ainda mais grave, proferindo esta horrível blasfêmia: «Se é verdade que esse tal Francisco é santo, seja hoje o meu corpo trespassado por uma espada; se isso não acontecer, é que essa propalada santidade é falsa». A justiça divina não tardou em dar-lhe o devido castigo, por ele ter transformado uma oração numa imprecação pecaminosa. Passado pouco tempo, o blasfemo dirigiu também uma grave injúria a um seu sobrinho; e esse, desorientado e ofendido com tão pérfida aleivosia, lançou mão duma espada e enterrou-a nas entranhas do tio. Nesse mesmo dia expirou o celerado filho das trevas que já era posse do inferno. Todos assim puderam convencer-se de que as façanhas de S. Francisco não eram para contestar com expressões blasfemas, mas antes para encomiar com devoção sincera.

4. Era juiz, chamava-se Alexandre, e parecia apostado em desviar da devoção para com S. Francisco todos quantos pudesse. Por causa dessa sua língua envenenada, quis a Providência que ele ficasse mudo por seis anos, sem poder usar a língua para falar. Vendo-se dessa forma castigado com o instrumento do seu pecado, arrependeu-se profundamente de ter andado a ladrar contra os milagres de S. Francisco. Em vista disso, também não viria longe o fim do castigo: o Santo não tardou a receber em suas boas graças o pecador arrependido que agora o invocava com tanta humildade. Uma vez restituída a faculdade da fala, aquela língua, outrora blasfema, consagrava-se agora aos louvores do Santo. Mas a devoção e a emenda vieram por meio dum castigo.

X – OUTROS MILAGRES VARIADOS

1. No burgo de Gagliano, da diocese de Valva, havia uma mulher com o nome de Maria, que se consagrara ao serviço devoto de Jesus Cristo e de S. Francisco. Um belo dia, no verão, saiu com intenção de arranjar algo para seu sustento, com o trabalho das próprias mãos. Sufocada pelo calor insuportável, começou a sentir a tortura duma sede abrasadora. Mas ali nem pensar numa gota de água: encontrava-se sozinha no meio dum monte ressequido. Desanimada, atirou-se para o chão, quase desfalecida. Sem proferir

qualquer palavra, no íntimo do coração, contudo, não deixou de invocar piedosamente o seu patrono S. Francisco. E enquanto continuava com perseverança em sua silenciosa e humilde prece, debilitada como estava pelo trabalho, pelo calor e pela sede, caiu em modorra. Nessa sonolência teve um sonho: viu S. Francisco chegar junto dela, chamá-la pelo nome e dizer-lhe: «Levanta-te e bebe dessa água que a divina Providência te vai conceder a ti e a muitas outras pessoas». Nessa altura a mulher acordou, muito animada, arrancou de raiz um feto que se encontrava ao alcance da mão, e com um graveto começou a escavar, a ver se descobria ali alguma gota da preciosa água prometida... E descobriu: primeiro um veio minúsculo, que não tardou a transformar-se em copioso manancial. A primeira coisa que ela fez foi beber até saciar a sede; depois teve a ideia de lavar com essa água milagrosa os olhos que havia muito tempo apresentavam sintomas de obnubilação, e ficou também a ver perfeitamente. Voltou logo a correr para casa, e começou a contar a toda a gente o extraordinário prodígio e a intervenção de S. Francisco. A fama do milagre fez acorrer ao local gente de todas as redondezas, e todos puderam comprovar por experiência própria o poder miraculoso daquela água: depois de se confessarem e lavarem com ela, ficavam curados de muitas mazelas. Ainda hoje existe essa fonte milagrosa, junto da qual foi construída uma capela em honra de S. Francisco.

2. Na cidade espanhola de Sahagun, o nosso Santo transformou, duma forma portentosa e inesperada, a cerejeira ressequida de certo proprietário em uma árvore frondosa, coberta de flores e depois carregada de deliciosos frutos.

Na povoação de Villasilos a sua intervenção miraculosa eliminou uma praga de vermes que destruíam as vinhas de toda a região.

Atendendo a súplicas confiantes a ele dirigidas, também se lhe atribuiu a depuração dum celeiro pertencente a certo padre de Palência, celeiro esse todos os anos infestado de larvas que lhe davam cabo do trigo.

Igualmente conseguiu extinguir, nas terras de certo proprietário de Petramala, na Apúlia, por ele lho ter suplicado, uma terrível

invasão de gafanhotos – enquanto as outras culturas em redor foram totalmente destruídas por essa praga.

3. Andava um tal senhor Martinho a guardar vacas, longe da povoação, quando aconteceu partir-se a perna a um dos animais. Nas circunstâncias em que se encontrava, não podia pensar em remediar o acidente: certamente o bovino viria a morrer. Pensou então em aproveitar ao menos a pele para curtir... Como não tinha ali os instrumentos necessários para a operação, voltou a casa – confiando entretanto a S. Francisco o cuidado do bicho e encomendando-o com fé à sua guarda, não fossem os lobos devorar o animal ferido antes de ele regressar. Na manhã seguinte, muito cedo, voltou, com os apetrechos de esfolar, ao sítio onde deixara o boi da perna fracturada. E qual não foi o seu espanto ao deparar com o animal a pastar, inteiramente recomposto, sem ser possível distinguir a pata partida de qualquer das outras! Perante o prodígio, deu graças ao bom pastor, que com tanta solicitude lhe cuidou do bovino e lho curou.

S. Francisco, o Santo pobre e humilde, sabe sempre socorrer a quem devotamente o invoca, e não deixa nunca de atender a qualquer necessidade, por mais insignificante que pareça.

Assim, a um homenzinho de Amiterno restituiu um jumento que lhe tinham roubado.

A uma mulher de Antrodoco consertou um prato que lhe escorregara das mãos e se fizera em pedaços.

A um indivíduo de Monte Olmo, na Marca, soldou-lhe a relha do arado, partida.

4. Havia na diocese de Sabina uma velhinha de oitenta anos cuja filha morrera e deixara um bebé ainda de peito. A pobre da avozinha, de boa vontade estava cheia; mas de leite, nem o cheiro... E por mais que procurasse, também não encontrou na vizinhança nenhuma mulher em condições de lhe poder amamentar o netinho esfaimado. A necessidade era premente, e a anciã não sabia a quem mais se dirigir. Entretanto a criança ia definhando. Certa noite, desiludida de qualquer ajuda humana, pôs-se a implorar, inundada de lágrimas mas cheia de confiança, a protecção de S. Francisco. Acudiu sem demora aquele que tanto amava a ino-

cência das crianças, dizendo-lhe: «Eu sou Francisco, a quem acabas de invocar com tantas lágrimas. Aplica aos teus peitos a boca da criança, e o Senhor fará com que ela retire deles leite em abundância». Ela não hesitou em obedecer à ordem um tanto insólita do Santo; e os seios duma octogenária segregaram leite com fartura para alimentar o bebê. Tornou-se famoso este prodígio de S. Francisco, e muitas pessoas acorreram para se certificarem. Como a língua não podia contradizer aquilo que os olhos presenciavam, todos se viam obrigados a louvar a Deus pelo poder e pelo carinho extremo do seu Santo.

5. Certo casal de Espoleto tinha um filho único, que, longe de ser fonte de alegria para os pais, como pareceria lógico, era mais motivo de tristeza e dor, por apresentar certas deformações congénitas incríveis: os braços aderentes ao pescoço, os joelhos presos no peito, os pés colados às nádegas... Mais parecia um pequenino monstro do que uma criança humana. A mãe, sobretudo, sentia profundamente essa desgraça, e com angustiosos suspiros suplicava a Cristo recorrendo à intercessão de Francisco, a pedir que se dignasse livrá-la daquele opróbrio e daquela infelicidade. Sufocada por essa angústia, adormeceu triste, certa noite. Mas foi agraciada com a aparição de S. Francisco, que a consolou com palavras carinhosas e a aconselhou a levar a criança a um templo próximo a ele consagrado: borrifando o menino, em nome do Senhor, com água dum poço contíguo, ele ficaria perfeitamente normal. A pobre mãe, porém, não se entusiasmou a pôr em prática o conselho recebido em sonho. O Santo repetiu o recado uma segunda vez, mas igualmente sem êxito. Aparecendo-lhe então pela terceira vez, ele mesmo fez de guia e conduziu até à porta do templo a mãe com o filho ao colo. Nessa mesma altura chegaram ali, por motivo de devoção, umas senhoras distintas, e a desconsolada mãe começou a contar-lhes a sua desgraça e o sonho que tivera. Todas em conjunto decidiram pôr os religiosos desse convento a par do que se passava. Deles obtiveram licença para tirar água do poço, e uma das senhoras, precisamente a que parecia mais distinta, lavou com suas próprias mãos o corpo do bebê-monstro. E o milagre foi instantâneo: a criança ficou com os membros nos devidos lugares e

nas posições correctas, sem qualquer deformação. Um prodígio de tal ordem, deixou varados todos quantos o presenciaram.

5 a. (*Aditamento posterior*). Em Susa tinha ingressado na Ordem dos Frades Menores um jovem de Riparólio, chamado Ubertino. Era apenas noviço quando foi vítima dum horrível susto, que lhe provocou uma complicada perturbação psíquica, com amnésia, paralisia de toda a parte direita do corpo, perda de sensibilidade e incapacidade de movimentar a língua. Nesse estado lastimável, com profunda consternação dos Irmãos, recolheu ao leito. Depois de muitos dias de sofrimento, ocorria a solenidade de S. Francisco. Na vigília da festa, num dos intervalos de relativa lucidez que por vezes apresentava, começou a invocar, conforme lhe era possível, mais com o coração do que com palavras, a piedade do Pai S. Francisco. Por altura de Matinas, enquanto os Irmãos cantavam na igreja os louvores divinos, o santo Pai, de hábito, apareceu na enfermaria ao referido Irmão noviço, ao mesmo tempo que o aposento era inundado com uma estranha e intensa claridade. Estendeu a mão sobre o enfermo, e com ela começou a percorrer e a tocar delicadamente todo o lado direito do enfermo, da cabeça aos pés; meteu-lhe também os dedos nos ouvidos e deixou-lhe impresso no ombro direito um sinal, explicando: «Como foi para me imitares que entraste na Ordem, ficas com este sinal, a fim de não mais te esqueceres que foi Deus, por meu intermédio, quem te restituiu a saúde completa». E enquanto lhe cingia a cintura com um cordão – uma vez que o doente, por estar de cama, não o tinha – disse-lhe mais: «Levanta-te e vai já para a igreja, associando-te com muita devoção aos outros Irmãos nos louvores ao Senhor». Depois de ele proferir estas palavras, o noviço fez menção de se abraçar aos pés do santo Pai para lhos beijar, num gesto de gratidão; mas a visão desapareceu. O jovem recuperara a saúde corporal e as faculdades mentais, bem como o uso dos sentidos e da fala. Ao entrar na igreja, deixou pasmados os Irmãos que momentos antes o tinham visto paralítico e mentalmente transtornado. Depois de participar nos louvores divinos do ofício litúrgico, contou com todos os pormenores o milagre com que foi agraciado, contribuindo assim para revigorar a devoção a Cristo e a S. Francisco.

6. Um indivíduo de Cori, da diocese de Óstia, tinha uma perna em tão lastimoso estado, que lhe era de todo impossível movê-la e deslocá-la. Sem a mínima esperança de cura por meios humanos, começou certa noite a recorrer à protecção divina por intermédio de S. Francisco. Como se estivesse a vê-lo ali à sua frente, suplicou: «Ajuda-me, meu bom Santo! Não te esqueças dos serviços que te prestei, da devoção que sempre te consagrei! Ainda te recordas, decerto, de quando te transportei no meu burro, de te ter beijado os pés e as mãos, de como fui sempre dedicado e prestável para contigo. E agora, como vês, estou aqui a morrer com a violência destas dores!» Comovido com estes delicados queixumes, lembrado dos favores outrora recebidos desse homem, e reconhecido pela sua devoção, o Santo dignou-se aparecer-lhe em companhia dum outro Irmão. Disse-lhe que viera em atenção ao seu pedido, e lhe trazia remédios para o curar. Com um pauzinho, em forma de Tau (T) que trazia consigo, tocou-lhe no sítio mais doído e lancetou-lhe o tumor, restituindo-lhe assim a saúde e a mobilidade da perna. E, o que ainda é mais admirável, deixou-lhe impresso, no lugar do tumor curado, o sinal (T), a fim de ele não mais esquecer o milagre.

Era com este sinal que Francisco assinava as suas cartas, sempre que por motivo de caridade tinha de dirigir alguma missiva.

7. A descrição, feita até aqui, dos variadíssimos milagres de S. Francisco, realizados nas circunstâncias mais diversas, veio a conduzir-nos ao Tau (*Tau* (T), nome grego dessa letra em forma de cruz). Isso terá acontecido decerto por disposição divina e por intervenção do glorioso porta-bandeira da cruz, Francisco de Assis. A conclusão a tirar parece lógica: Assim como a cruz foi para ele, enquanto militou por Cristo, um caminho sublime de salvação, agora, que ele já triunfa com Cristo, constitui um testemunho irrefutável da sua glorificação.

8. Com efeito, o mistério da cruz, profundo e insondável, irradiante de carismas e graças, fonte de mérito e de virtude, tesouro de sabedoria e de ciência, permanece oculto aos sábios e prudentes deste mundo. Mas foi plenamente revelado a esse pequenino e humilde servo de Cristo, de tal sorte que a sua vida não foi outra

coisa senão seguir o caminho da cruz, saborear a doçura e pregar a glória da mesma cruz. E assim, logo no princípio da sua total entrega ao Senhor, pôde com verdade dizer como o Apóstolo: «Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo». Posteriormente, já mais avançado no caminho da perfeição, poderia acrescentar com não menos verdade: «Todos quantos seguirem esta norma, sobre eles desça a paz e a misericórdia». Finalmente, ao consumir-se a sua união com Cristo, diria por certo, e se possível ainda com mais verdade: «Trago no meu corpo as chagas do Senhor Jesus». Da nossa parte, desejaríamos poder ouvir todos os dias da sua boca estas palavras consoladoras: «Irmãos, a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco. Ámen!»

9. Agora já podes gloriar-te com toda a segurança na glória da cruz, ó glorioso porta-bandeira de Cristo! Foi pela cruz que encestaste o caminho para a glória; e pelo trilho da cruz foste sempre avançando, até finalmente terminares na cruz a tua carreira – essa cruz que agora serve para mostrar a todos os crentes a glória de que estás revestido no céu. Agora também já podem seguir-te sem o mínimo receio todos os que se decidam a sair do Egipto deste mundo. Apoiados no cajado da cruz de Cristo, também eles serão capazes de dividir o mar, atravessar desertos, passar a pé enxuto o Jordão da morte e entrar, enfim, na terra dos vivos: tudo pelo admirável poder da cruz! Nessa Terra Prometida nos introduza o nosso verdadeiro guia e Salvador Jesus Cristo crucificado, por mediação do seu servo S. Francisco. Tudo para louvor e glória de Deus uno e trino, que vive e reina por séculos de séculos. Ámen.

Termina aqui a descrição dos milagres realizados e divulgados após a morte de S. Francisco.

